a soul for europe
Uma Alma para a Europa

CIDADES E REGIÕES

QUE RESPONSABILIDADE PELA CULTURA DA EUROPA

UM MANUAL

Supported by

ESSEN FOR THE RUHR.2010
European Capital of Culture

EEIG "a soul for europe"
a/c European House of Culture
Place Eugène Flagey, 18
1050 Brussels
Belgium
mail@asoulforeurope.eu
www.asoulforeurope.eu

A iniciativa tem escritórios em Amesterdão, Berlim, Bruxelas e Porto, e delegações em Belgrado e Tbilissi.

A entidade responsável pelas actividades do projecto "Cidades e Regiões" é a Setepés, no Porto.
asoulforeurope@setepes.pt

Concepção e direcção: Volker Hassemer, Bernhard Schneider
Texto (excepto outras referências específicas): Edição e coordenação, Bernhard Schneider, iniciativa "A Soul for Europe" (Uma Alma para a Europa); **contribuições**: Steve Austen, Cosima Diehl, Hans-Jörg Duvigneau, Elisabeth Friedrich, Dr. Volker Hassemer, Julia Osada, Jörg-Ingo Weber

TOGEthe®
DESDE 1957

A tradução deste guia do inglês para o português e a revisão foram apoiadas pela Fundação Calouste Gulbenkian
O Parlamento Europeu apoiou a produção e tradução da versão inglesa do guia, no âmbito do programa TOGETHER que integra o projecto comemorativo do 50º aniversário do Tratado de Roma.

"A Soul for Europe" (Uma Alma para a Europa) quer agradecer a todos os parceiros que contribuíram com ideias e materiais para este projecto, em particular ao Instituto para os Estudos Avançados em Humanidades de Essen (Dr. Armin Flender e Dr. Gudrun Quenzel) e ao Centro Ernst Bloch de Ludwigshafen (Dr. Klaus Kufeld e Juliane Daugott) pelo seu apoio na organização e pelo seu contributo académico, material e financeiro.

Muitas foram as pessoas que contribuíram para a produção deste guia com ideias, críticas, exemplos, textos e conselhos úteis:

Serhan **Ada**, Universidade de Bilgi, Istambul, Steve **Austen**, membro permanente da Felix Meritis Foundation, Amesterdão, membro da Iniciativa "A Soul for Europe" (Uma Alma para a Europa), Simone **Beck**, Instituto Pierre Werner, Luxemburgo, Linda **Bouws**, Felix Meritis Foundation, Hugo **de Greef**, European Festivals Association, Bruxelas e Amesterdão, Michel **Delebarre**, presidente da Comissão das Regiões, Dr. Gabor **Demszky**, presidente da Câmara Municipal de Budapeste, Guy **Dockendorf**, ministro dos Assuntos Culturais, Luxemburgo, Hans-Jorg **Duvigneau**, arquitecto, Berlim, Kurt **Eichler**, RUHR 2010, Essen, Ullrich **Eidenmuller**, presidente da Câmara de Karlsruhe, Heike **Englisch**, membro da comissão da UNESCO, Berlim, Bernard **Faivre d'Arcier**, consultor, Paris, Bernd **Fesel**, RUHR 2010, Essen, Gabi **Forder-Hoff**, ministro da Ciência, Investigação e Cultura do Estado Federal de Brandenburgo, Dr. Ulrich **Fuchs**, Linz 2009 Europäische Kulturhauptstadt GmbH, Dessy **Gavrilova**, directora de The Red House, Sofia, Gabriella **Gonczy**, signandsight, Elisabeth **Gorecki-Schoberl**, comissária para a Cultura e Comunicação do Governo Federal, Departamento de Cooperação Cultural, Berlim, Hans-Heinrich **Grosse-Brockhoff**, secretário de Estado da Cultura, Renânia do Norte/Vestefália, Ulf **Grosmann**, presidente da Câmara de Gorlitz, Gerd **Harms**, secretário do Estado Federal de Brandenburgo, Erna **Hennicot-Schoepges**, deputada europeia, Luxemburgo, Jan T. **Hoekema**, ministro dos Negócios Estrangeiros, Países Baixos, Hartmut **Holzapfel**, presidente da Comissão para a Ciência e Arte do Estado Federal de Hesse, Ria **Jansenberger**, RUHR 2010, Christina **Kemnitz**,

RUHR 2010, Essen, Dr. Karl-Heinz **Klar**, comissário d Estado de Rheinland-Pfalz para a Federação e a Europa e presidente da delegação nacional da Comissão das Regiões da UE, George **Lawson**, director da SICA, Amesterdão, Prof. Claus **Leggewie**, Instituto de Investigação em Humanidades (Kulturwissenschaftliches Institut), Essen, Annina **Lottermann**, Instituto de Investigação em Humanidades (Kulturwissenschaftliches Institut), Essen, Prof. David **Lovell**, School of Humanities and Social Sciences, University of New South Wales, Susana **Marques**, directora da Setepés, Porto, Prof. Andras **Masat**, director do Instituto Cultural da Hungria e da Comunidade de Institutos Culturais Europeus, Berlim, Laurie **Neale**, Europa Nostra, Sergiu **Nistor**, comissário de Sibiu, Capital Europeia da Cultura 2007, Karolina **Nowacki**, Felix Meritis Foundation, Amesterdão, Isabel **Pfeiffer-Poensgen**, secretária-çgeral da Fundação dos Estados Alemães (Lander), Berlim, Dr. Fritz **Pleitgen**, RUHR 2010, Essen, Olga **Plokhooij**, "Dag van de Dialoog", Roterdão/Amesterdão, Prof. Jacek **Purchla**, director do Centro Cultural Internacional, Cracóvia, Sneška **Quaedvlieg-Mihailovic**, secretária-geral, Europa Nostra, Corina **Raceanu**, conselheira, Direcção-Geral para a Cultura, Religião e Património do concelho de Timiş, Timissoara.

SUMÁRIO

ONDE VIVEM OS EUROPEUS
Wim Wenders

APRESENTAÇÃO
Volker Hassemer

PREFÁCIOS
Nikitas Kaklamanis
Sergio Chiamparino
Martine Aubry

I. A RESPONSABILIDADE CULTURAL EUROPEIA DAS CIDADES E REGIÕES

II. TAREFAS ESPECÍFICAS

III. PROJECTOS CULTURAIS COM RELEVÂNCIA EUROPEIA

1. Desempenho cultural excepcional
2. *Lieux de mémoire* – A memória da Europa
3. Diversidade cultural
4. Conversão e reabilitação urbanas
5. Zonas de fronteira
6. Património cultural europeu

IV. OS RÓTULOS "CIDADE DA EUROPA" E "REGIÃO DA EUROPA"

V. APÊNDICE

VI. LISTA DE APOIOS

CONTACTOS E BIBLIOGRAFIA

ONDE VIVEM "OS EUROPEUS"

Uma introdução de Wim Wenders

Onde reside a bela e grandiosa ideia da Europa?
Não será no mundo da política
Onde foi mais ou menos desperdiçada
A política não inspira ninguém
(Só os políticos acreditam, ser possível, ainda...)

Também não está viva a Europa
Onde são aclamados quaisquer nacionalismos
Como acontece tantas vezes nas capitais e centros de poder
(O "Nacionalismo", esse velho monstro,
tem feito ressurgir a sua horrenda cabeça por todo o lado
e com espantosa regularidade.)

Quando a Europa se assume como uma entidade económica,
um lóbi para os negócios e as finanças,
Esvazia-se de vida (e de amor), mesmo para os seus cidadãos.
Não admira pois que eles se fartem dela
Desejando buscar refúgio no seu canto,
Longe desta Europa de burocratas.

Os tratados entre governos não acordam emoções,
Deixemos as utopias;
Elas não acendem paixões,
Nem pela Europa nem pelo seu futuro
A Europa é uma paisagem da alma.
Ou antes: pretende tornar-se uma
Mas onde está a sua alma?
Onde bate o seu coração...
Se não onde vivem "os europeus"!?
E onde vivem eles?

Nos núcleos mais antigos do nosso continente:
as suas regiões.
Lugares onde a fala tem um sotaque peculiar.
Lugares onde existe um clima próprio.
Onde a cozinha tem aromas especiais.
Onde os mercados vendem frutos e legumes locais.
Onde a luz é particular.
Onde as canções são únicas.
Onde as histórias são características.
Em suma: onde existe um sentimento de pertença.

Tudo neste velho continente que é especial e único
Está em perigo de extinção,
De ser varrido pelas rajadas da globalização
E nenhum pára-vento nacional quebrará esta ventania
Só a bela e grandiosa ideia da Europa!

Tal como todas estas maravilhosas regiões europeias
(no passado, tantas vezes em lados opostos, divididas, unidas,
ou devastadas pela guerra...)
mantêm as suas idiossincrasias
sob a mão protectora da Europa
também a Europa precisa das suas regiões,
as suas células primordiais, o seu núcleo duro
de modo a ter confiança em si
e encontrar o seu caminho.
Onde? Na cultura!

Na soma das culturas regionais,
mais do que das nacionais.
A ideia de "nações" já teve os seus dias.
Uma coisa do passado!
Vivam a riqueza e a diversidade
das nossas regiões
Como parte de uma Europa do futuro
sem fronteiras e pacífica!

Wim Wenders

APRESENTAÇÃO

O GUIA DESTINA-SE A TODOS OS DEPARTAMENTOS ADMINISTRATIVOS

DEVERÁ INTEGRAR A MESA DE TRABALHO DE TODOS OS PRESIDENTES DE CÂMARA, AUTARCAS E GESTORES PÚBLICOS.

Esta publicação – uma iniciativa da sociedade civil no âmbito do projecto "A Soul for Europe" (Uma Alma para a Europa) e também da Capital Europeia da Cultura RUHR 2010 –, apresenta-se como um guia para as cidades e regiões europeias relativamente à responsabilidade que deverão assumir face ao processo de desenvolvimento da Europa. O manual descreve os projectos culturais das cidades e das regiões como projectos em prol da Europa, relevando o papel importante destas iniciativas culturais e o grau de compromisso que implicam. Pretende demonstrar o que significa na prática, para as cidades e regiões, este papel em prol da Europa.

A Capital Europeia da Cultura RUHR 2010 entende este guia como um legado para as cidades e regiões da Europa, como algo duradouro que oferece à Europa como retribuição e que manterá a sua utilidade depois de 2010. Pode ser um exemplo de como as capitais culturais, que, durante um ano, são alvo de atenção especial, podem retribuir esse privilégio que lhes coube, através de uma contribuição sustentável para o futuro da Europa.

O que é verdade para as capitais culturais é igualmente verdade para todas as cidades e regiões: a riqueza incalculável da sua essência cultural e a diversidade dos seus valores não materiais deviam valorizar-se, não só numa perspectiva regional ou nacional, mas também enquanto fundamento do processo de integração europeia. Ao contrário de muitas outras tarefas de que são incumbidas as cidades e regiões, a sua competência cultural não pode ser transferida para os organismos de decisão europeus. O compromisso regional pela cultura mantém-se como uma respon-

sabilidade cívica individual ou regional, com uma componente europeia e internacional. A natureza dessa responsabilidade implica, no entanto, uma obrigação de, no que diz respeito às questões culturais, trabalhar num contexto europeu.
Este manual é dedicado a todos os funcionários municipais e regionais e a todos os agentes do sector cultural em condições de assumir responsabilidades pelo reforço dos aspectos culturais no desenvolvimento da sua cidade ou região. É por isso relevante para todos aqueles que trabalham no sector cultural mas também para os que trabalham nos departamentos de desenvolvimento social ou económico, a nível municipal ou regional, e também para quem trabalha em relações externas, especialmente com a Europa; e, para além dos funcionários dos departamentos, este guia deverá também integrar a mesa de trabalho de presidentes de câmara e líderes regionais, uma vez que diz respeito ao desenvolvimento das municipalidades e das regiões no seu todo.

Dr. Volker Hassemer
Porta-voz da Iniciativa
"A Soul for Europe" (Uma Alma para a Europa)
Novembro de 2008

PREFÁCIOS

Como Presidente da Câmara de Atenas desde 2007, considero a cultura uma pedra angular da política e uma grande prioridade. Como no passado, a actuação do município de Atenas continua a dar relevo à promoção do património cultural.
A promoção da actividade cultural desenvolvida pelo Município de Atenas baseia-se nos seguintes pressupostos:

– a importância da cultura para a melhoria da qualidade de vida no dia-a-dia;
– o enorme potencial criativo dos nossos cidadãos em todas as áreas relevantes (incluindo artes, informação e comunicação, design e moda, para nomear apenas alguns);
– o papel decisivo da produção cultural para o desenvolvimento económico e social em geral;
– os benefícios do intercâmbio internacional, que é uma prioridade para a cidade de Atenas;
– a diversidade cultural de Atenas, fruto das suas 140 comunidades étnicas diferentes, que são uma vantagem com vista ao estabelecimento de laços entre o seu glorioso passado e as suas realizações culturais enquanto metrópole moderna.

Nikitas Kaklamanis, Presidente da Câmara de Atenas

A cultura está a ter um papel cada vez mais importante enquanto linguagem que permite às diferentes regiões exprimir a sua identidade, as mudanças que sofrem e o modo como tencionam desenvolver-se. Quando damos conta dessa linguagem apercebemo-nos como as cidades e regiões confiam no seu potencial cultural. A chave para um modelo europeu de desenvolvimento cultural constitui um processo de troca de experiências, documentação rigorosa e partilha de instrumentos que outros já utilizaram.
Desta forma, a dimensão cultural pode também tornar-se central para o desenvolvimento das relações da Europa com o resto do mundo, podendo as cidades e regiões assumir um papel decisivo neste sentido, com o reconhecimento das instituições europeias ao mais alto nível.

Sergio Chiamparino, Presidente da Câmara de Turim

Longe de se reduzir a uma distracção ou a um suplemento para a alma, a cultura deveria estar no centro de cada projecto político. Face a um mundo dominado pela introversão e pelo materialismo excessivo os nossos modelos de sociedade, a nossa relação com o mundo e com os outros são postos em causa. Consequentemente, quando, em 1985, Melina Mercouri e Jack Lang apresentaram o conceito de Cidade Europeia da Cultura, o objectivo era "dar um maior contributo para a aproximação dos povos da Europa". Em Lille – agora uma eurometrópole – não hesitámos em apostar na cultura como forma de reconstruir um território em crise, de modo a restaurar o orgulho e a confiança dos seus habitantes no futuro e de alargar os seus horizontes.
Vinte anos depois da queda do Muro de Berlim, a edição 2009 de Lille3000, dedicada à "Europa XXL", constituiu uma oportunidade para descobrir uma Europa Central e de Leste que se estende até Istambul, e, acima de tudo, para reflectirmos sobre a mensagem que a Europa ofereceu no seu despertar, uma Europa cujas missões fundadoras eram garantir a paz e a solidariedade entre os seus membros, responder aos desafios da história, defender os direitos humanos e aproximar os povos.
Por isso, acolho com verdadeiro entusiasmo o projecto apoiado por "A Soul for Europe" e RUHR 2010. Este guia descreve em pormenor e de forma sensível as forças orientadoras, tanto ao nível local como regional, que estão por detrás das nossas políticas culturais. Estas iniciativas que muitos de nós estamos a implementar em partes diferentes do nosso continente devem ser reconhecidas como um impulso fundamental para um projecto europeu conjunto.

Martine Aubry, Presidente da Câmara de Lille e Presidente de Lille Metrópole Communauté Urbaine

AS QUESTÕES CULTURAIS SÃO PRIORITÁRIAS E NÃO DIZEM RESPEITO APENAS AOS DEPARTAMENTOS CULTURAIS

A **economia** beneficia com os projectos culturais e não apenas com o fenómeno crescente do turismo cultural internacional e dos sectores a ele associados. O desenvolvimento sustentável das estruturas culturais – que abarca as empresas artesanais bem como os serviços tecnológicos altamente especializados – implica a mudança estrutural (veja-se o exemplo de Ferrara aqui abaixo) e muitos produtos, incluindo vestuário, alimentos e construção civil, são simultaneamente bens económicos e culturais.

A **educação**, a **formação**, a **investigação** e o **desenvolvimento** são aspectos do potencial local e regional e estão directamente associados ao desenvolvimento económico e social. Estes aspectos recolhem a sua matéria-prima da cultura local, que constitui também o seu ponto de contacto com o desenvolvimento cultural contemporâneo. A cultura propicia um centro para a investigação científica, social e filosófica e para o desenvolvimento tecnológico numa variedade de campos. Também oferece um mercado para a sua aplicação, por exemplo, quando se juntam técnicas artesanais às novas tecnologias com fins arqueológicos, de conservação de monumentos históricos ou para o restauro de objectos de arte.

O **desenvolvimento social** é reforçado pelas muitas interconexões entre a vida económica e social, a cultura e os vários tipos de actividade que servem para promover a coesão social, para melhorar as condições de vida e para encorajar a integração de minorias e emigrantes (línguas e literatura, por exemplo, música, teatro, desporto e festivais).

Existe uma relação íntima entre a **protecção do ambiente** e a cultura local e regional: desde os materiais às condições de construção – através dos contextos culturais e consequências de usar recursos naturais de modo sustentável (por exemplo, para o uso

da corrente eléctrica) – às causas e efeitos culturais das alterações climáticas nas cidades e no campo.

O **desenvolvimento municipal e regional** é, em si mesmo parte importante do perfil de qualquer território cultural. A relação é visível não só no modo como as pessoas se relacionam com o património cultural e arquitectónico, o desenvolvimento urbano e a paisagem, mas também nos espaços e fóruns culturais privados e públicos (cinemas, estádios, museus e galerias, por exemplo) e a sua relação espacial com o ambiente, incluindo transportes públicos e outros aspectos.

No campo das **relações externas**, transregionais, internacionais e, em muitos casos, globais, as redes culturais oferecem um importante quadro de referência. É evidente que as realizações culturais das cidades e regiões também são indicadores da forma como estas se apresentam aos visitantes, aos residentes, aos investidores e parceiros regionais, ao resto do país, à Europa e ao mundo.

I. A RESPONSABILIDADE CULTURAL EUROPEIA DAS CIDADES E REGIÕES

A cultura europeia – a alma da Europa, se quisermos chamar-lhe assim – tem o fundamento nas suas cidades e regiões. Dessa forma, as cidades e regiões moldam a alma da Europa e têm sobre ela uma especial responsabilidade. No entanto, essa responsabilidade não cabe apenas aos departamentos administrativos da cultura. É transversal a todos os departamentos, desde o do desenvolvimento local e regional, ao das administrações social e económica, ao das relações externas. Todas estas áreas contri-

Diferenças regionais na forma como as pessoas interagem com o mundo natural e os seus produtos – materiais de construção, plantas, colheitas, tipos de madeira, produtos animais, água, minerais e outros nutrientes do solo, etc. – ajuda a tornar a Europa culturalmente diversificada de várias formas, desde a alimentação à cozinha regional, ao estilo de vestuário e de arquitectura, até mesmo aos sistemas de saúde. (© Ursula Kröl/ PIXELIO)

Três cidades como as principais fontes de cultura na Europa: "Tudo o que advém das três fontes, Atenas, Roma e Jerusalém, é incondicionalmente europeu" (Paul Valéry, 1871-1945). Incluindo filosofia e democracia, estado e justiça e a espiritualidade judaico-cristã. (© Pellikka/Wikipedia)

Estátua de Rolando: símbolo da lei municipal e jurisdição local. (© Jürgen Howalt/Wikipedia)

A segunda pele como uma expressão flexível da cultura. (© Ammar Abd Rabbo)

O Festival da Eurovisão, o único evento cultural que inclui toda a Europa, com transmissão televisiva desde 1956. (© Indrek Galetin/ Wikipedia)

buem para formar a substância cultural onde vão beber as cidades e regiões, com vista a moldar a alma da Europa.

Cultura – matéria de vida para a Europa – não consiste apenas em arte e artefactos, tradições, instituições e valores. Uma tal concepção de cultura seria restritiva. As artes, na forma de literatura, música, teatro, cinema, arquitectura e planeamento urbano são apenas uma parcela de um vasto conjunto de relações que determinam o perfil cultural de uma cidade ou região. Importa incluir, para referir apenas alguns exemplos, os espaços públicos e o modo como são utilizados, os jornais e outros meios de comunicação, as regras de conduta social, a organização do trabalho, o dinheiro, as línguas e o seu uso, a natureza multicultural da sociedade urbana e as respostas à diversidade, as leis e os sistemas legais, a vida religiosa e a herança cultural material e não material que, por sua vez, inclui tudo, desde os monumentos aos jogos para crianças. Neste âmbito, a cultura compreende formas de expressão cultural que podem ser fomentadas, executadas e financiadas por uma larga variedade de organismos patrocinadores – municípios, instituições públicas e fundações, organizações não governamentais sem fins lucrativos, como sociedades ou agentes do sector privado, sobretudo artistas *freelance* e todos os que utilizam ou publicam os seus trabalhos.

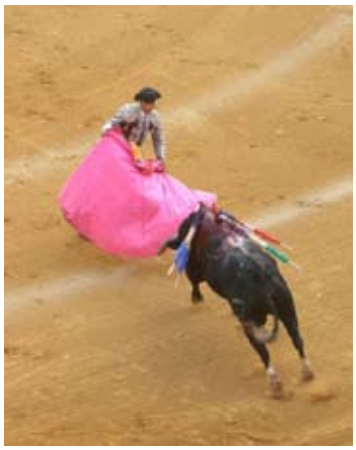
O termo "cultura", tal como é utilizado neste guia, está próximo do sentido etnológico comum do conceito. Os fenómenos culturais individuais estão por isso associados a um contexto social mais abrangente, não como um exercício suplementar mas de forma directa e substancial, contribuindo desde o início para tal abordagem.

(em cima, à direita,) Festivais religiosos: todos os anos, a 24 de Maio, milhares de ciganos de todos os países da Europa fazem a peregrinação anual a Les Saintes Maries de la Mer para celebrar o Dia de Santa Sara.

(em baixo, à esquerda) Bauhaus, epítome da modernidade europeia. Marcel Breuer na sua cadeira "Wassily" (1925) (cortesia de Constance L. Breuer).

(em baixo à direita) A jurisprudência como um bem cultural: juízes britânicos. (© LEPL)

Todos os aspectos mencionados podem integrar a contribuição que as cidades e regiões dão à Europa. Mesmo quando essa contribuição é feita não só a partir dos seus próprios recursos, mas também com a ajuda de um país, é nas características culturais de lugares ou regiões específicos que reconhecemos o perfil cultural da Europa, pois é nesses lugares que a alma europeia ganha vida.



(em cima, à esquerda) Os efeitos culturais da longa divisão europeia entre Leste e Oeste e o seu termo são visíveis nos perfis culturais das cidades e regiões. (© Brigitte Loosen/ kunstundreisen.de)

(em baixo, à esquerda) O mercado urbano, a cidade e os seus habitantes: representando o ciclo desde o cultivo, a venda e a preparação dos produtos até ao seu consumo. (© Brigitte Loosen/ Kunstundreisen.de)

(no topo, à direita) Em tempos antigos, os jogos marciais marcavam as estações em mudança – uma tradição em oposição aos valores culturais contemporâneos. (© Michael Helmer/Wikipedia)

(em baixo, à direita) Um homem, um voto: a Câmara dos Comuns, "mãe dos parlamentos" (reprodução das imagens e copyright com a autorização do Parlamento Britânico).

Isto implica, no entanto, que as pessoas envolvidas a nível local com os projectos culturais de dimensão europeia se vejam a si mesmas, não apenas como meros agentes locais ou regionais, mas que estejam conscientes do seu impacto europeu.

Também não devemos esquecer que as cidades europeias devem ser elas próprias tratadas como bens culturais.
"Nós, os ministros responsáveis pelo desenvolvimento urbano dos Estados-membros da União Europeia, consideramos que as cidades europeias que, independentemente da sua dimensão, tenham evoluído ao longo dos tempos constituem um património económico, social e cultural inestimável e insubstituível." [1]

As instituições da UE só dispõem de poderes limitados em matéria de cultura europeia. A responsabilidade pela cultura assenta nos Estados-membros e também nas cidades e regiões da Europa. Estas assumem portanto uma obrigação. Nenhuma instituição europeia poderá ser investida de toda a responsabilidade pela cultura europeia. Se tal responsabilidade existir, deverá ser necessariamente descentralizada. Todos os que lidam com o potencial da cultura europeia não trabalham apenas ao nível local ou regional: ajudam também a moldar a Europa. A diversidade cultural da substância da cultura europeia, da sua força e do seu tremendo significado para o futuro da Europa, requerem uma definição clara de estratégias ao nível operacional – e a responsabilidade a esse nível recai sobretudo sobre as cidades e as regiões.

Os critérios e objectivos devem por isso ser formulados com um propósito. Este manual sugere um enquadramento operacional para todos aqueles que estão em posições de responsabilidade na política, na administração pública e também no sector cultural ou em outros sectores a ele ligados.

1 Carta de Leipzig sobre Cidades Europeias Sustentáveis, 24 de Maio de 2007.

A face da Renascença: *Moisés*, de Miguel Ângelo (1515). O corpo humano esculpido em pedra como um meio de exprimir as raízes judaico-cristãs, bíblicas, orientais e clássicas. Uma questão abordada por Sigmund Freud num texto sobre psicanálise (1914).

Thin Skin (Pele Fina), Anthony Cragg, 1997.

Rostos do cinema europeu: Catherine Deneuve. (© Rita Molnár/Wikipedia)

A cultura é uma força orientadora no processo da integração europeia. A Europa dos tratados intergovernamentais também irá pertencer aos cidadãos da Europa na medida em que incorpore os valores que genuinamente lhes são próprios. Tal como as necessidades materiais da vida, estes valores dizem respeito à substância cultural em que as pessoas se reconhecem.

Arte e paisagem (Europos Parkas, Lituania), Magdalena Abakanovitch, Espaço de Crescimento Incerto. (©Bernhard Schneider)

Cemitério Judaico, Praga. (© Heinz Albers)

Tal como a tecnologia tem evoluído e as economias se têm tornado cada vez mais globalizadas, também os processos e conteúdos culturais se tornaram parte das novas interacções sociais, económicas, políticas e tecnológicas. A ideia da cultura como um sector autónomo, idealmente liberto das interacções económicas e políticas – uma concepção característica do século XIX – surgiu como uma tentativa de aplicar o conceito intelectual de "arte independente" não só à própria arte mas a tudo o que fosse cultural. Esta noção restrita de cultura está a tornar-se cada vez mais obsoleta à luz dos acontecimentos recentes. As práticas actuais na área da cultura – tanto na produção como na comercialização – sobretudo entre os jovens – estão a libertar-se dessa compartimentação da "cultura pela cultura". É precisamente na forma como a cultura interage com as estruturas técnicas, legais, económicas, sociais e políticas que torna manifesta a sua influência na sociedade.

Esta noção é de uma importância fundamental para a prática cultural das cidades e regiões pois abre perspectivas em campos heterogéneos e na diversificação dos actores culturais e dos transmissores de valores culturais, elementos que contribuem para a construção da cultura europeia, fazendo-a incidir sobre as cidades e regiões, embora, em termos de relevância cultural, estejam ainda inexplorados e por isso desprotegidos – refiro-me, por exemplo, às tradições locais ao nível da arquitectura, da gastronomia, das paisagens, dos costumes, dos usos, entre outros.

A Europa é caracterizada por culturas de diferentes tipos, e a sua preservação é uma tarefa que cabe aos seus cidadãos nos termos do Tratado de Lisboa. O reconhecimento dessa realidade levanta a questão de como as perspectivas individuais de cultura e a sua consciência de outras heranças culturais podem contribuir para o desenvolvimento e a integração na Europa e, ao mesmo tempo, ajudar a promover um sentido de cidadania europeia. A cultura não é algo evidente em si mesmo e não está permanentemente à

disposição; as pessoas estão a reaprendê-la e a readquiri-la permanentemente. Por isso, temos de perguntar como podem as cidades e regiões contribuir para dar uma alma à Europa, de que forma se podem envolver em acções que moldem a União Europeia.

(em cima, à esquerda) O sistema educativo determina como as pessoas participam na sua própria cultura e como se podem relacionar com outras culturas. (©Thomas Kerzner)

(em baixo, à esquerda) A inovação técnica a impulsionar a cultura arquitectónica: a Torre Agbar em Barcelona, concebida por Jean Nouvel em 2003 para acolher a sede do grupo Aguas de Barcelona. (© Alexander Z./Wikipedia)

(em cima, à direita) Teatro Nacional de Sófia: arquitectura austríaca, inscrições em cirílico.

(em baixo, à direita) Liberdade de religião – um valor essencial da cultura europeia, de aplicação universal. Muçulmanos a rezar numa mesquita. (©Hajor/ Agência Brasil)

EXCERTO DA COMUNICAÇÃO DA COMISSÃO AO CONSELHO E PARLAMENTO EUROPEU DE 13 DE JULHO DE 2006

Política de coesão e cidades:
A contribuição das cidades para o desenvolvimento e o emprego nas regiões

– Através de uma política cultural perene, as cidades devem promover uma cultura viva apoiada numa oferta de equipamentos, tais como centros culturais e científicos, museus, bibliotecas, bem como a preservação do património cultural histórico e arquitectónico. Esses equipamentos, associados a um programa de actividades culturais – incluindo os destinados aos jovens –, tornam as cidades mais atractivas para os cidadãos, para as empresas e os trabalhadores – especialmente os trabalhadores móveis e altamente qualificados –, bem como para os visitantes. Este facto reflecte-se de maneira positiva na imagem da cidade, no orgulho e no sentimento de identidade da população local. Além disso, a cultura e o turismo cultural formam, só por si, sectores de rápido crescimento.

– Uma política cultural activa constitui um precioso instrumento para a construção de pontes entre as populações de origens diferentes e para o reforço da integração dos imigrantes e dos recém-chegados à cidade.

II. TAREFAS ESPECÍFICAS

Quais as implicações de tudo isto no trabalho prático ao nível municipal e regional?

1. As cidades e regiões devem mobilizar todo o seu potencial cultural – que vai da alta cultura à cultura de massas, da cultura subsidiada à industrial [2] – para influenciar de forma tangível a construção de uma Europa diversa e descentralizada, partindo "de baixo para cima". No entanto, a simples identificação do património e das áreas de potencial interesse de uma cidade ou região, bem como a garantia do seu cuidado, conservação e acessibilidade, não são suficientes para contribuir efectivamente para o perfil cultural da Europa. Possuir de forma passiva não é suficiente. A partilha da responsabilidade cultural na Europa implica identificar o potencial cultural e torná-lo operacional. Menos importante do que aquilo que uma cidade ou uma região têm, é o modo como actuam para proteger, consolidar e tornar acessível às pessoas os seus valores patrimoniais – através de encontros, dos meios de comunicação ou da educação.

2. 2. Para atingir estes fins é necessário todo um espectro de produção cultural bem como trabalhar em rede para que as actividades culturais locais e regionais possam adquirir uma dimensão europeia e internacional. Uma estratégia focalizada na mobilização dos recursos culturais – incluindo o património cultural tangível e não tangível – pressupõe a criação de condições socioeconómicas, de espaços públicos adequados e a presença permanente nos meios de comunicação social, a nível local e regional. A gestão dos recursos culturais implica a interacção entre os actores dos sectores privado (individuais ou colectivos) e público, especialmente os jovens.

---

2 "Cultura e Indústrias Criativas na Alemanha", Relatório de Investigação N.º 577, sumário de uma peritagem comissariada pelo Ministério da Economia e Tecnologia, Fevereiro de 2009.

É necessária a consolidação dos processos culturais em três níveis: na produção de objectos culturais; no modo (institucional ou informal) da sua transmissão; no grau máximo de participação do público.

3. As cidades também precisam de ver reconhecido o seu estatuto de "produto cultural europeu" ao mais alto nível. A cultura europeia tem-se desenvolvido no enquadramento espacial e temporal que vai desde a cidade-estado grega à conurbação moderna.
A história das cidades pode ler-se na sua topografia, que incorpora a estrutura política e cultural das sociedades europeias e que inclui: os equipamentos afectos ao poder político (câmara municipal, parlamento ou sedes governamentais); os equipamentos educativos (bibliotecas, escolas e universidades); os equipamentos religiosos (igrejas, sinagogas, mesquitas, mosteiros, percursos de procissões ou peregrinações); os equipamentos para as artes (teatros, salas de concerto, museus, cinemas, galerias, clubes de música); os equipamentos para a justiça (tribunais) e para o desporto (estádios, centros desportivos, piscinas, ciclovias e vias pedestres), bem como todo o espaço público onde assentam estes equipamentos.

4. Todas as áreas da política municipal – incluindo a emigração, o planeamento urbano, economia e a sociedade – interagem para promover o potencial cultural do município. Para tornar esse potencial mais eficaz, os instrumentos culturais não devem restringir-se ao sector da cultura. A união de esforços entre os departamentos culturais e as forças da sociedade civil para promover o desenvolvimento global (mais do que simplesmente promover a "cultura" em sentido estrito), é o espírito que sustenta a iniciativa "A Soul for Europe" (Uma Alma para a Europa).

III. PROJECTOS CULTURAIS COM RELEVÂNCIA EUROPEIA

Apresentamos de seguida uma classificação dos projectos culturais com impacto a nível europeu em seis categorias. A contribuição das cidades e regiões, embora com intensidades variáveis, poderá dar-se em mais do que um nível operacional.

A classificação que consta do guia, em seis áreas operacionais (e não em áreas de especialização), baseia-se mais nas práticas culturais das cidades e regiões do que no seu património.
O que define uma cidade ou região como actor cultural de nível europeu, mais do que o seu potencial cultural, é a eficácia com que consegue concretizar esse mesmo potencial para fins estratégicos. O que conta não é o que está disponível (isto é, a "substância"cultural) nem o que é possível (i.e., o "potencial "cultural) mas sim o contributo dado para um desenvolvimento efectivo da cidade ou da região.

AS SEIS CATEGORIAS

1. Desempenho cultural excepcional

Esta categoria, referente às contribuições particularmente notáveis para a cultura europeia, é a mais abrangente. As outras cinco estão de alguma forma relacionadas com ela, pois têm nela a sua fonte de sentido e de evolução. As questões aqui colocadas são: O que fazem as cidades para desenvolver e consolidar o seu potencial cultural? Que valor atribuem à cultura nas suas estratégias de desenvolvimento político, social e económico?

(© Wladyslaw / Wikipedia)

2. *Lieux de mémoire* – A memória da Europa

São os lugares e os objectos que fazem parte de uma memória europeia transnacional e a forma como são integrados no desempenho cultural de uma cidade ou região (por exemplo, Thermopylae, Belém, a Bastilha, Auschwitz, a Porta de Brandeburgo, o Golden Horn (Corno Dourado), o Fórum Romano, a Alhambra, Greenwich, Lübeck e a Liga Hanseática, Salzeburgo, a Bauhaus, *Fiat 500* e a ponte Öresund).

3. Diversidade cultural

A diversidade cultural fomenta o sentido de cidadania e contribui para o bem-estar e o desenvolvimento harmoniosos da sociedade civil. O respeito pelas tradições e pela modernidade, pelo que é próximo e pelo desconhecido, ajudam a encarar os desafios da globalização, incluindo as matérias ligadas à emigração, à integração e às minorias. Neste contexto, torna-se crucial que os princípios éticos da cultura regional se rejam pela abertura, pela tolerância e pela sustentabilidade.

4. Conversão e reabilitação urbanas

A mudança radical na forma de uso ou a extinção de localidades ou de pequenas áreas (zonas industriais e comerciais, zonas agrícolas, zonas portuárias e de transporte, instalações administrativas e militares, edifícios residenciais ou escolas, por exemplo) devido a alterações estruturais, económicas, tecnológicas, políticas ou sociais, e a reabilitação de edifícios e de espaços públicos urbanos para outros fins.

5. Zonas de fronteira

A anulação ou redefinição das fronteiras na Europa; a criação de laços extrafronteiriços; as fronteiras como expressão espacial da diversidade; a transformação das zonas fronteiriças em interfaces activas para a promoção de trocas culturais; regiões onde a cooperação extra-fronteiras seja tradicional; novas atribuições para as novas fronteiras, desde o Báltico ao mar Negro, na antiga Jugoslávia e nos países da antiga URSS.

(© euro-flyer / flickr)

6. Herança cultural europeia

A herança física que inclui edifícios, centros urbanos e paisagens; o património intangível, incluindo saberes, história oral, religiões, trajes nacionais, canções, recursos educativos, gestos, mímicas, costumes e tradições; a dimensão regional e europeia; a herança cultural como uma estratificação da diversidade cultural num contexto internacional.

(© Bernhard Schneider)

1. DESEMPENHO CULTURAL EXCEPCIONAL

O desempenho cultural de uma cidade ou região pode ser classificado como excepcional se o seu potencial cultural fizer parte de uma estratégia global de desenvolvimento, onde a cultura desempenha um papel central em todas as áreas da política e da vida. A questão que se coloca é se o desempenho cultural, como parte de uma estratégia global de desenvolvimento, marca a sua posição em paralelo com as políticas económicas e sociais.
A contribuição dada por uma cidade ou região para a identidade cultural da Europa e para a sua posição no mundo não se baseia apenas no *corpus* dos seus bens culturais herdados. Igualmente significativo é o seu desempenho cultural no presente.
Mais importante do que o potencial de uma cidade ou região, é a forma como ela desenvolve as suas possibilidades culturais. É também importante que os actores culturais tenham a estima do público.
"Desempenho cultural excepcional" é a mais abrangente das seis categorias de projectos culturais com relevância europeia. Nela podem englobar-se encontros, iniciativas e resultados culturais. As outras cinco categorias ("memória da Europa", "diversidade cultural", "conversão e reabilitação urbana", "zonas de fronteira" e "herança cultural europeia") podem ser nela incluídas.

1. EXEMPLOS DE DESEMPENHOS CULTURAIS EXCEPCIONAIS

a. Ferrara: da produção industrial à produção cultural
Nos últimos 15 anos, a população de Ferrara (133 mil habitantes) usou de forma sistemática a cultura como forma de se reposicionar na Europa, assumindo-a como parte da sua estratégia de desenvolvimento. Uma rede de "produção cultural" alargada (Prof. Patrizio Bianchi, reitor da Universidade de Ferrara) está gradualmente a substituir a produção industrial da cidade. Declarada Património Mundial pela UNESCO, em 1995, a cidade tem envidado esforços para se ligar à arte e cultura contemporâneas.

O Prof. Bianchi propôs a criação de novas estratégias culturais com base num "olhar ousado e prudente sobre a nova Europa". A ideia é que o perfil cultural de Ferrara não seja determinado

por um único grande evento – um festival, uma exposição, uma época de ópera (como em Edimburgo, Cassel ou Bayreuth) – mas antes por uma rede europeia de instalações e eventos culturais de dimensão internacional, alguns já existentes, outros ainda por criar. Assim seria possível atrair visitantes, transformando Ferrara num centro de produção de cultura contemporânea.
O espectro cultural de Ferrara é amplo. Entre os trabalhos ali desenvolvidos, contam-se o da Orquestra de Câmara de Mahler com Claudio Abbado, o Festival Internacional de Artes de Rua (International Buskers Festival), jazz e outros eventos musicais, festivais de balões, bem como as preciosidades dos museus da cidade e exposições de relevância internacional.

(© Ferrara Buskers Festival)

A Universidade de Ferrara tem tido um papel fundamental na articulação entre os diferentes organismos e as actividades culturais, a investigação e o desenvolvimento, o mundo académico e as tecnologias. Mais de 40 laboratórios estão a trabalhar na aplicação das tecnologias de ponta no património cultural – designadamente no restauro de trabalhos centenários em bronze

(por exemplo, as portas do baptistério de Florença), no aperfeiçoamento da acústica (por exemplo no teatro grego de Siracusa) ou na conservação de peças de arte contemporâneas.
Segundo Bianchi, pode considerar-se que a cultura está ao nível da ciência e do ambiente enquanto motores de desenvolvimento das novas tecnologias. Outra consequência destes desenvolvimentos visa atrair as empresas interessadas na aplicação de tecnologias de ponta na área da cultura.

b. Orquestra Filarmónica de Berlim

Seguindo o exemplo de outras grandes orquestras sinfónicas, museus ou bibliotecas, a Filarmónica de Berlim tem-se envolvido em novas áreas de actividade, com vista a atrair novos públicos, designadamente crianças e jovens.

Para além do seu habitual programa de concertos, a orquestra tem-se dedicado à produção de filmes e à melhoria da comunicação com o público através dos novos *media*. A presença crescente das grandes instituições culturais nos meios de comunicação social tem o duplo efeito de realçar o factor na imagem que se projecta das cidades e regiões e de consolidar a sua posição na Europa. O impacto social destas grandes instituições culturais (orquestras, museus) é potenciado na mesma medida em que se envolvem com outras áreas da sociedade. A Filarmónica de Berlim também aposta na formação de jovens músicos.

Uma característica que distingue o perfil cultural da Orquestra é a sua constituição. Desde a sua fundação, em 1882, a Filarmónica tem gozado de uma "democracia orquestral", tomando decisões sobre novas adesões e a sua própria administração. Este tipo de estruturas – orquestras, teatros, museus, escolas de arte ou outras instituições – tem um importante impacto na sociedade.

(em cima, à esquerda) O concerto anual europeu da Orquestra de Berlim a 1 de Maio. (© Monica Rittershaus)

(em cima, à direita) O filme *Viagem à Asia: Globalização*. (©Boomtown Media)

(em baixo, à esquerda) Trazer a música para a educação: do filme *Isto é Ritmo*. (© Boomtown Media)

Koninkliijk Concertgebouworkest – A Orquestra Sinfónica de Amesterdão é outro líder mundial na sua área. Com uma estrutura organizacional autónoma, tem uma administração própria. Os músicos e outros funcionários são membros da Associação da Orquestra Concertgebouworkest, que, tal como a Filarmónica de Berlim, gere a sua própria academia de músicos desde 2003.

Os edifícios-sedes destas orquestras, além de importantes símbolos das suas cidades, são igualmente centros emblemáticos da paisagem urbana.

Concertgebouworkest de Amesterdão (1888). © Hans-Peter Harmsen/world 666

Filarmónica de Berlim (1963). © Manfred Brückels/Wikipedia

As instituições culturais locais, por pequenas que sejam, têm um significado cultural que se reflecte no local, na cidade e mesmo na região onde operam.
Característicos, também, são os diversos centros culturais multifuncionais geridos de forma independente, muitas vezes instalados em velhos edifícios militares, fabris, de transportes, ou portuários. Alguns integram a rede **Trans Europe Halles** (TEH) e contribuem de forma visível para a cultura da sua cidade ou região, fazendo associar muitas vezes o nome de certos edifícios ou instalações a uma intensa actividade cultural de âmbito regional e a uma cena artística inovadora e criativa associada aos jovens artistas. Exemplos disso são o Mejeriet (Dairy), o Kulturbrauerei, a Culture Factory, Stanica (the Station) e a Ufa-Fabrik. Instalações culturais deste tipo funcionam muitas vezes como precursoras de uma mudança estrutural em antigas áreas industriais, na medida em que se tornam centros de serviços ou de novas tecnologias (cf. a categoria "conversão e reabilitação" em baixo) e são pioneiros na criação de novos produtos no sector cultural.

(em cima, à esquerda) Laznia Nowa/Cracóvia, Polónia.

(Em cima, à direita) Hagia Sophia (537) Depois da conquista em 1453, o edifício principal do emirado bizantino tornou-se o paradigma da arquitectura das mesquitas otomanas.

Pécs, Hungria – a igreja paroquial do centro da cidade Capital Europeia da Cultura 2010, antiga mesquita Gazi Khassim, 1543-1546. Mantém a arquitectura otomana da mesquita que por sua vez manteve o estilo bizantino de Hagia Sophia. © hr/Wikipedia (em baixo)

c. Santral Istanbul

Santral Istambul é um dos maiores projectos culturais europeus dos últimos anos e a principal sede da actividade artística e cultural da megacidade de Istambul (Santral significa "centro" em turco).

No âmbito do programa Istambul Capital Europeia da Cultura 2010, a Universidade de Bilgi converteu a central de electricidade Silahtara, situada no bairro Golden Horn, transformando assim a primeira grande central eléctrica do império Otomano – um extraordinário exemplo de património industrial e cultural – num centro cultural com uma missão altamente ambiciosa.

Santral Istambul é um exemplo de modernização cultural de uma herança patrimonial dos períodos clássico, bizantino e otomano, podendo equiparar-se aos museus mais conceituados da cidade. Os seus 118 000 m2 englobam um museu de arte moderna, um museu de electricidade, um espaço cultural e de investigação mul-

© Manfred / Picasa

tiusos bem como residências para jovens artistas. No recinto há ainda uma biblioteca com capacidade para mil leitores, um centro de documentação, três salas de cinema, restaurantes e cafés, gozando de uma activa participação da comunidade local nas actividades culturais. Para além da Universidade de Bilgi, o projecto

conta com vários patrocinadores, entre os quais o Ministério da Energia, que cedeu o espaço por um período inicial de 20 anos.

O projecto prevê a gestão dos efeitos económicos e sociais do seu potencial criativo, do poder transformativo da arte contemporânea e educativa, das redes internacionais criadas em torno da conversão do espaço. Prevê igualmente a promoção do desenvolvimento de Istambul como agente contemporânea na cena cultural internacional.

2. QUESTÕES SOBRE A PRÁTICA DO DESEMPENHO CULTURAL EXCEPCIONAL

O que se segue são orientações dirigidas aos responsáveis pelo desenvolvimento das cidades e regiões, quer operem no sector público quer no voluntariado, para prosseguirem as suas actividades de uma perspectiva europeia.
A ideia é incentivar uma abordagem do potencial cultural local de forma mais sustentada que antes, de forma a desenvolver um perfil excepcional para a cidade ou região, assumindo o respectivo impacto europeu. Pretende igualmente apoiar parcerias para as actividades relevantes, a nível local, nacional ou internacional.
O que se apresenta a seguir não é um questionário nem um inventário, mas antes um instrumento de trabalho para ser utilizado a nível local.

a. Levantamento

– Quais os projectos culturais, instituições ou áreas com potencial da cidade ou região que contribuem para uma imagem cultural da Europa no mundo?
– Que locais existem na cidade ou região que sejam particularmente importantes para a memória da Europa, tenham um potencial especial para a diversidade cultural, englobem projectos de conversão ou reabilitação urbana, actividades

extrafronteiriças ou outros aspectos importantes da herança cultural europeia?
– Que tradições ou eventos históricos assumem um papel definidor do perfil cultural da cidade ou região?
– De que forma pode a cidade ou região alargar o espectro do seu desempenho cultural, considerando simultaneamente a cultura popular e a erudita, a tradição e a contemporaneidade, as actividades institucionais e as independentes?
– Como se podem desenvolver as infra-estruturas culturais?
– Como alargar a dimensão europeia do desempenho cultural?

b. O estatuto da cultura na prática municipal e regional

– Terão os diversos departamentos municipais ou regionais – assuntos económicos, sociais e ambientais, educação e investigação, desenvolvimento – um impacto cultural e prosseguirão objectivos culturais no que diz respeito ao papel da cidade ou da região na Europa?
– Que proporção do orçamento público investe a cidade ou região nos projectos culturais de dimensão europeia?
– A cidade e a região fazem uso explícito da cultura para promover o desenvolvimento socioeconómico?
– Que estatuto têm as parcerias regionais no sector cultural?
– Até que ponto existe uma preocupação com os assuntos culturais de dimensão europeia por parte dos presidentes de câmara, dos presidentes das regiões e dos membros das assembleias e conselhos municipais ou regionais?
– De que forma os elementos culturais estão presentes nos locais públicos e o espaço público participa na vida cultural da cidade ou da região?
– Que importância assumem os projectos culturais nas relações públicas da cidade ou região?
– Que uso prático é feito dos trabalhos produzidos pelas instituições europeias sobre o papel da cultura nas cidades e regiões? (por exemplo a Agenda para a Cultura da Comissão Europeia, a Agenda 21 da Cultura da União de Cidades

e Governos Locais (UCGL), a Declaração Universal sobre Diversidade Cultural da UNESCO, o documento sobre "cidades interculturais" produzido pelo Conselho da Europa e a Comissão Europeia ou o relatório da Comissão sobre Coesão Social? [3]
– O orçamento público para a cultura é entendido no contexto da sua interdependência global? Por outras palavras, é estrategicamente encarado como um investimento no futuro?

c. Ligações com a Europa

– Que relação é estabelecida entre estes projectos, instituições e áreas potenciais e outras cidades e regiões da Europa?
– Qual destes projectos, instituições e áreas potenciais são excepcionais na Europa, e como pode valorizar-se publicamente a sua natureza específica?
– Que projectos têm correspondentes em outros países europeus e como podem as suas semelhanças ser valorizadas publicamente?
– Há actores na economia cultural que gozem de um estatuto ou fama de nível europeu?

d. Articulação com o cenário contemporâneo

– Como se relacionam estes projectos com a evolução da cultura contemporânea a nível internacional?
– Como é que a cidade traça o seu perfil cultural? Assinala as semelhanças com a evolução cultural a nível internacional

3 Comunicação da Comissão ao Conselho e ao Parlamento Europeu de 13 de Julho de 2006 (Quarto Relatório sobre Coesão); comunicação da Comissão de 10 de Maio de 2007 de uma Agenda Europeia para a Cultura num Mundo Globalizado; Carta de Leipzig sobre Cidades Europeias Sustentáveis (Conselho da União Europeia, 25 de Maio de 2007); Agenda 21 para a Cultura, Cidades Unidas e Governos Locais (UCGL), Setembro de 2006; Cidades interculturais: governação e políticas para comunidades diversificadas – Acção conjunta do Conselho da Europa e da Comissão Europeia (2008); Declaração Universal sobre Diversidade Cultural da UNESCO (2001).

e/ou realça características que tornam os projectos locais distintos?
– A cidade ou a região apoia e faz uso das actividades dos jovens criadores, da inovação cultural e das novas formas de produção cultural?
– Como é que a cidade ou região lida com as tradições, quer no presente quer com uma perspectiva de futuro? (Citando Franz Liszt: "A tradição não consiste em adorar cinzas, mas em preservar o fogo.")
– Foi feita a identificação do potencial industrial/cultural do município de forma a contribuir para o seu desenvolvimento futuro?
– Que responsabilidade se pode atribuir a cada um dos diferentes tipos de actividades – financiadas com fundos públicos, de voluntariado privado, comerciais, institucionais e não institucionais – na produção geral da cidade ou região, e de que forma se pode dividir essa responsabilidade?

e. Participação da sociedade civil

– Qual o envolvimento de elementos ligados a iniciativas públicas, privadas ou a empresas culturais, na actividade cultural local e regional; existem articulações institucionais ou organizacionais entre equipamentos públicos e privados, entre programas e actividades com uma dimensão europeia?
– A cidade ou região faculta ou promove o debate público sobre o significado da cultura europeia para a comunidade?
– Que tipo de reconhecimento público tem a política cultural na cidade ou região?

f. A cooperação ao nível intermunicipal, transregional e internacional

– Existe alguma ligação das instituições, projectos culturais e áreas de potencial cultural da cidade ou região com redes de âmbito nacional, europeu ou global?
– A cidade ou região é ou foi uma Cidade Europeia da Cul-

tura? Que legado sustentável tenciona deixar na Europa?
– De que forma se articula a cidade ou região com as actividades das cidades Capitais Europeias da Cultura, do passado, do presente ou do futuro?
– Qual a articulação com a Rede de Cidades Criativas da UNESCO?

3. COMENTÁRIO SOBRE A CLASSIFICAÇÃO "DESEMPENHO CULTURAL EXCEPCIONAL"

Com a importância crescente dos factores culturais no desenvolvimento político e económico das sociedades, as cidades e regiões deveriam considerar a cultura como área prioritária de acção e não relegá-la para um departamento especializado com recursos limitados. Há alguns anos que foi reconhecida a necessidade de mudar as políticas ambientais dada a extrema importância dos recursos naturais, de forma a dar resposta às complexas questões que se levantam. Na opinião de especialistas como Richard Florida (cf. as observações de Wolfang Kashuba abaixo), o mesmo tipo de acção se deve aplicar aos recursos culturais.

Entre os argumentos que defendem o desenvolvimento sistemático da excelência cultural nas cidades e regiões, está o inter-relacionamento da cultura com outras áreas vitais na Europa: coesão social, progresso económico e relações externas, para mencionar apenas três. Podem igualmente referir-se outros sectores como a saúde, o ambiente ou a educação.

a. Coesão social

O alargamento da UE e a aceleração dos processos migratórios estão a originar uma mistura de populações nas cidades e regiões e a subsequente diversidade cultural. A criação de estruturas sociais coesas com base na diversidade cultural é uma tarefa à escala europeia que coloca muitos desafios à sociedade civil e aos poderes oficiais das cidades e regiões. É necessário que as cidades e regiões dêem prioridade ao prosseguimento de estratégias culturais eficientes, de forma a evitar as consequências nefastas da

diversidade cultural em certos sectores da sociedade – que vão da segregação à agressão armada – e também encarando-as como um meio de utilizar activamente o potencial cultural a bem da sociedade como um todo. Através dos seus projectos culturais, as cidades e regiões tornam-se agentes activos neste processo de nível europeu.[4]

b. Relações externas

A cultura (no sentido mais lato) contribui mais do que outras áreas de actividade para que uma cidade ou região possa efectuar trocas com outras partes do mundo. O mesmo se pode dizer relativamente às relações intermunicipais ou transregionais ao nível nacional e às relações internacionais dentro e fora da Europa. Quanto mais minuciosa for a condução do diálogo intercultural interno com as minorias culturais de uma dada cidade ou região, maior será a produtividade dos contactos estabelecidos com os seus países de origem – e vice-versa. Da mesma forma, o intercâmbio cultural que advém das parcerias internacionais constitui uma base para relações externas bem-sucedidas.

Muitas cidades e regiões promoveram no passado trocas com outras regiões ou partes do mundo, tendo acumulado experiência e competência cultural nessa área. Isto aplica-se, por exemplo, a antigos centros de comércio ou cidades portuárias. Este tipo de experiência a nível local e regional é também válido no que diz respeito às relações internacionais com a UE e às trocas entre a Europa e o resto do mundo.

Em termos colectivos, a competência cultural adquirida a nível municipal e regional é um recurso válido que deveria ser mais utilizado, não só em termos da Política Externa e de Segurança Europeia mas também de modo a promover as relações económicas da Europa.

c. O progresso económico

Os factores culturais têm um impacto no progresso económico das cidades e regiões de diversas formas. Em primeiro lugar, de

4 Ver também "Cidades Interculturais: Governo e Políticas para Comunidades Diversas – Acção Conjunta do Conselho da Europa e da Comissão Europeia (2008-2009)" – www.coe.int.interculturalcities.

um ponto de vista fiscal, longe de acrescer aos custos, o sector cultural é um factor desejável que atrai investimento interno.
Em segundo lugar, o sector cultural é uma área de grande crescimento económico, que, segundo o estudo KEA sobre a Economia da Cultura (www.keanet.eu/ecoculture/studynew), é responsável por três a cinco por cento do rendimento económico de um município. Na Europa, os índices de crescimento de *start ups* culturais estão, na sua maioria, acima da média comparando com outros sectores da economia. Os produtos resultantes das indústrias cultural e criativa derivam, geralmente, de direitos de autor e, numa sociedade baseada no conhecimento digital, interligam-se progressivamente com outros sectores da economia. Com base nos diferentes efeitos económicos fomentados no processo, Jeremy Rifkin sustenta que a indústria cultural se irá tornar o ramo líder da economia no futuro.[5]
Em terceiro lugar, o significado crescente dos factores culturais no desenvolvimento económico global da Europa acentua inevitavelmente a importância das dimensões local e regional onde a cultura europeia tem as suas raízes e onde é um fenómeno vivo.
Em quarto lugar, existem diversos tipos de interacção entre o sector cultural e o turismo, uma área essencial da economia europeia. A cultura é importante para dar às pessoas uma razão para viajar e o turismo cultural aumenta o entendimento cultural da Europa estimulando também a produtividade no sector cultural.

4. UM COMENTÁRIO ACADÉMICO SOBRE "DESEMPENHO CULTURAL EXCEPCIONAL"

Wolfgang Kaschuba

Um perfil cultural europeu?
Há alguns anos, um estudo académico lançou uma onda de alarme nos Estados Unidos da América. O investigador Richard Florida orientou uma investigação sobre a situação actual e as pers-

5 Rifkin, Jeremy (2001), *A era do acesso: a revolução da nova economia*, 1ª ed., Lisboa: Presença.

pectivas de futuro das cidades americanas[6] e chegou à conclusão sensacional de que essas perspectivas seriam determinadas principalmente pela "cultura". Uma das principais descobertas de Florida, que causou consternação na América do Norte, sobretudo no meio puribundo do Midwest, resume-se melhor no seu título conciso "Porque é que as cidades sem homossexuais e bandas rock estão a perder a face a face do desenvolvimento económico".

Tornou-se evidente para Florida, a partir da investigação de centenas de cidades e regiões americanas, que a capacidade destas para lidarem com o futuro seria determinada principalmente pelos membros da "classe criativa". Nessa classificação incluiu as pessoas que trabalham nas indústrias culturais e das altas tecnologias – desde o fabrico de microprocessadores e *software*, passando por outras indústrias baseadas no conhecimento, até diversos ramos de serviços locais e regionais, bem como música, turismo, investigação e alta-cultura. Florida estima que cerca de um terço da força produtiva se inclui neste grupo que nos últimos anos tem demonstrado um alto grau de produtividade e mobilidade social e não apenas nos Estados Unidos da América. Provou-se que a principal razão de deslocalização das pessoas criativas não se prende com a procura de mercados em expansão ou de melhores salários mas que, em vez disso, elas tendem a orientar-se por uma "bússola cultural". Procuram uma atmosfera cultural intensa e diversa, onde as suas famílias possam viver e trabalhar. Pretendem um ambiente urbano ou regional caracterizados pela multiplicidade, variedade, tolerância e abertura. Podem incluir-se aqui também a diversidade étnica e social bem como a diversidade dos estilos de vida e opções de lazer, cenários atraentes para a música e outras actividades culturais.

O trabalho de Florida demonstrou pela primeira vez em pormenor e com base em dados empíricos, o crescimento rápido da cultura nas décadas recentes como um factor crucial para a imagem

6 Ver Florida, Richard (2004), *The rise of the creative class: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life*, New York.

das cidades e regiões como locais de investimento. Por um lado, a cultura gera cada vez mais emprego e torna-se cada vez mais rentável e, ao mesmo tempo, serve sociedades inteiras nesta era contemporânea como um meio para manter o equilíbrio entre o corpo e o espírito [7]. Isto só é possível se entendermos a cultura, não como a alta cultura entendida como as actividades da sociedade burguesa do século XIX com os seus teatros, óperas, museus e universidades, mas sim como o espectro das actividades e práticas culturais que nos rodeiam no dia-a-dia – sendo o futebol e o rap tão importantes e típicos como a literatura ou o teatro. Só neste sentido pode a cultura ser o "capital simbólico" das nossas cidades e regiões [8] – um recurso do qual depende a existência das nossas sociedades e que foi também o primeiro responsável pela sua existência.

PARIS E LONDRES SÃO IMPORTANTES, MAS ULM, DERRY E POZNAN TAMBÉM O SÃO.

Podemos não concordar com todas as ideias ou conclusões de Florida resultantes da sua investigação nos Estados Unidos, mas é evidente que podemos transpor algumas delas para a realidade europeia. De facto, algumas das conclusões terão eventualmente maior aplicação aqui porque o capital simbólico das cidades e regiões da Europa é mais diverso e intenso do que o dos seus pares nos Estados Unidos; é-nos mais familiar e comporta uma maior carga de tradição. Desde o ambiente físico ao quadro mental, as cidades e regiões da Europa caracterizam-se por uma variedade de tradições – no que diz respeito à arquitectura, aos monumentos e à sua história, à arte, à literatura e à política de comemorações – que muito tem contribuído para uma imagem global, para uma memória colectiva e tem também funcionado como uma espécie de marca. Moselle e Ruhr, a Alsácia e a Toscana, Viena e Stratford on Avon constituem importantes marcos da rota europeia dos vinhos e da gastronomia, da indústria e da história política, da paisagem natural e cultural e da história da arte e da literatura. Na realidade, o turismo associado ao conhecimento produz e conso-

7 Ver, por exemplo, Hannerz, Ulf (1992), *Cultural complexity: studies in the social organization of meaning*, New York.

8 Ver Zukin, Sharon (1966), *The culture of cities*, Oxford.

me "lugares de experiência", alimentando de forma sustentável a memória colectiva europeia relativa a certos lugares e regiões e atraindo uma parte do turismo europeu que está em crescimento acentuado [9].

O mapa europeu é diferente do mapa dos locais famosos a nível internacional ou mesmo mundial e as diferenças residem em pormenores intricados da topografia cultural. Nele, não só Paris e Londres são consideradas importantes – mas também Ulm, Metz, Derry e Poznan. Isto, porque as cidades e regiões mais pequenas possuem a sua própria e expressiva "classe criativa" (segundo a terminologia de Florida) – no artesanato e nas indústrias, na música e na juventude – possuindo também igrejas e catedrais, património histórico e natural, edifícios notáveis e castelos, bibliotecas e museus, mercados e centros comerciais com o seu próprio acervo de história e histórias, de memórias e também de forças vivas. Estas pessoas e estes elementos são a encarnação física e mental de eventos históricos e produtos diversos dos processos culturais que dão a cada local ou região um cunho próprio, ligando o seu passado e o presente a outros espaços e lugares.

Muitos destes laços estendem-se além das fronteiras regionais ou locais a outras partes da Europa porque as histórias, a literatura, a religião, a arquitectura, a arte, a música e a cultura da juventude foram pouco travadas no passado por fronteiras oficiais, tal como continuam a sê-lo agora. Pelo contrário, desenvolvem-se num espaço aberto, lembrando-nos mais uma vez que a nossa história e o nosso presente consistem mais nas relações entre pessoas e ideias do que na distância e na separação. No entanto, as ligações europeias são visíveis e irão continuar visíveis se forem explicitamente usadas como pontos de referência e de orientação, ou seja, se forem conscientemente integradas na memória europeia – desafiando o pensamento chauvinista local – e se a memória europeia puder por sua vez gerar uma consciência europeia. Esta identidade europeia poderia ser vista como parte do pensamento

9 Ver Kashuba, Wolfangan (2004), *Die Überwindung der Distanz: Zeit und Raum in der Europäishen Moderne*, Frankfurt am Main.

liberal e da tolerância que Florida identifica como a única aproximação possível ao futuro: uma capacidade para pensar e sentir sem restrições em termos de referências ou horizontes.

Esta abertura contém outras duas dimensões. Por um lado, permite-nos rejeitar o abuso estratégico da cultura como uma "marca distintiva" – as falsas oposições que se estabelecem com base no "bom gosto" ou na "lealdade cultural" entre a suposta "alta cultura" e a cultura popular, ou entre cultura nacional e cultura estrangeira. Até certo ponto, este tipo de construções exprime outra tradição europeia – uma abordagem reducionista ou nacionalista da cultura –, mas essa é uma tradição que nós, ao contrário de outros, devemos abandonar.

Por outro lado, existe uma predisposição para o diálogo, no enquadramento destas identidades europeias, entre as imagens de nós mesmos e as imagens que os outros têm de nós, e isso implica o reconhecimento e o acolhimento sério das perspectivas vindas de fora. As imagens que temos das nossas cidades e regiões estão em permanente fluxo. São um misto de preconceito e conhecimento, cliché e experiência, argumentos regionais e estereótipos nacionais. Nunca se discutiu tanto nos meios de comunicação ou nas ruas sobre como somos "nós" e como são "eles" – sendo que "nós" e "eles" referem berlinenses, londrinos, polacos, sicilianos, bávaros ou outros. Durante muito tempo não houve uma distinção clara entre "nós" e "eles" a este nível porque, até certo ponto, todos nos tornámos turistas nas nossas próprias cidades – em busca do desconhecido, da história, do exótico, de experiências – resumindo, em busca de cultura.

Já há algum tempo que pensamos em termos de "escapes" e "fluxos" culturais e criamos imagens e projecções imaginárias de paisagens e processos culturais globais com um impacto directo no nosso próprio mundo [10] – cenários de férias, rotas migratórias, cenários de música ou modos de vida – que estão cada vez mais

10 Ver Appadurai, Arjun (2004), *A modernidade sem peias. Dimensões culturais da globalização*. Lisboa, Teorema

perto de nós graças aos novos media e à nova mobilidade. No entanto, são as paisagens europeias que nós continuamos a projectar com maior frequência e mais intensivamente: cidades, rotas e vistas. Por outras palavras, nós imaginamo-nos a nós e aos nossos universos familiares em intercâmbios e contactos de âmbito europeu.

Devemos, no entanto, ter em conta quatro regras básicas que se aplicam aos perfis culturais, em geral, e aos perfis culturais europeus, em particular. Em primeiro lugar, as referências de identidade deste tipo não podem ser criadas de qualquer maneira. Não podemos construir ou inventar cultura e tradição como tipos de fantasia; cultura e tradição devem ser realidades plausíveis, o que implica pontos de referência reais para a história, a experiência e a memória colectivas. Por essa razão Essen nunca será apresentada como um centro desportivo de inverno, nem Berlim como a capital do Carnaval. Em segundo lugar, estas auto-imagens e referências identitárias nunca devem ser estáticas; devem permanecer adaptáveis aos processos pois serão inevitavelmente interpretadas de diferentes perspectivas – dependendo se quem as observa é um local ou um estranho, se é jovem ou idoso, se faz parte de uma elite ou pertence a um meio desfavorável. As auto-imagens que ficam confinadas aos museus, ou estagnadas, são enfadonhas e áridas. Em terceiro lugar, e apesar do que já foi dito, as referências e imagens europeias não se geram a si próprias; têm de ser procuradas, alimentadas e divulgadas publicamente pois a dimensão europeia nem sempre é imediatamente perceptível. Delinear as nossas identidades implica usar os recursos locais de forma competente e estratégica.

AS CIDADES E REGIÕES FORAM CRIADAS PELOS MOVIMENTOS DA IMIGRAÇÃO.

Por último e mais importante, um perfil cultural europeu não pode ser limitado, homogéneo ou fundamentalista. Do ponto de vista histórico, social e ético deve demonstrar "diversidade cultural", apresentando um conjunto de traços e características associados a diferentes grupos, tradições, ideias e valores [11]. Devemos

11 Ver Miles, Malcolm (2004), *Consuming cities*, Basingstoke e New York.

lembrar-nos que a história das cidades e regiões da Europa de hoje é feita pelos movimentos de imigração e que portanto aquelas acolhem um "miscelânea cultural" no melhor sentido. São precisamente essa mistura e a abertura que dela advêm que devemos defender – contra os nacionalismos e os fundamentalismos religiosos de qualquer tipo e contra a ameaça neoliberal da privatização e comercialização do território cultural, das tradições e das ideias. Se falharmos este propósito perdemos um rumo histórico fundamental para uma cabal integração e identificação com a Europa.Sem diversidade cultural e transparência a nível local os próprios termos "Europa" e "cultura" deixam de fazer sentido.

2. *LIEUX DE MÉMOIRE* – A MEMÓRIA DA EUROPA

Pierre Nora define *lieux de mémoire* (lugares de memória) como parte da história das nações e parte da sua consciência colectiva. É possível transpor este conceito nacional para uma geografia europeia de lugares que pertencem a uma memória colectiva – que vão desde os locais da cultura grega e romana (Salamina por exemplo, é o lugar onde foi travada a batalha naval que assegurou a Europa) até aos lugares associados a um passado recente (como Auschwitz) ou ao presente (por exemplo, o local onde os guardas fronteiriços húngaros abriram a cerca que separava a Hungria da Áustria em 1989, colocando a Europa no caminho da reunificação).

1. EXEMPLOS DE *LIEUX DE MÉMOIRE*

6 de Agosto de 1950, junto de Weiler-St Germanshof

No dia 6 de Agosto de 1950, junto de Weiler-St Germanshof, várias centenas de estudantes de nove países europeus (França, Alemanha, Suíça, Itália, Espanha, Reino Unido, Bélgica, Holanda e Dinamarca), encurralados em ambos os lados da fronteira franco-alemã ainda fortemente controlada, organizaram um assalto pacífico ao posto fronteiriço. Perante o olhar incrédulo dos guardas, as barreiras de ambos os lados foram serradas, erguidas e levadas para servirem de combustível a uma "fogueira europeia". Na véspera de uma reunião do Conselho da Europa em Estrasburgo, os dois grupos de estudantes juntaram-se em volta da fogueira colocada em território neutro, içando a bandeira verde e branca da União Europeia e fazendo uma declaração solene em que aclamavam a criação de um Parlamento Europeu, de uma constituição europeia e de um passaporte europeu. Embora o gesto tenha sido meramente simbólico, esta manifestação pró-europeia é reconhecida como a primeira iniciativa de jovens em prol da unificação da Europa.

"Participei na manifestação com grande entusiasmo, e vou lembrar-me sempre dela como um dos melhores momentos da minha vida. O sentido de solidariedade e espírito de comunhão que experimentámos nesse dia semearam a esperança de que, no futuro, seria impossível haver guerra entre dois países da Europa ocidental."

Loïc Philip, que, com 18 anos, acompanhou o pai André Philip, membro da assembleia Parlamentar do Conselho da Europa, durante a manifestação de 1950.

Fonte: Associação REGIO PAMINA

Em 2007, a Aktionsgemeinschaft Bobenthal-St Germanshof e.V. e a associação transfronteiriça REGIO PAMINA ergueram um memorial europeu no posto fronteiriço de Germanshof. © Herbert Breiner

Schengen European memorial (Luxemburgo, 1985)

No dia 14 de Junho de 1985 a República Federal da Alemanha, juntamente com a França, a Bélgica, o Luxemburgo e a Holanda, assinaram o acordo de Shengen (Shengen, no Luxemburgo, é a vila que faz fronteira com a Alemanha e a França). Este acordo instituiu a livre circulação de pessoas no espaço geográfico dos países signatários. A área de Shengen já foi por várias vezes alargada

desde 1995: a Áustria juntou-se em 1997 seguida pela Dinamarca, Finlândia, Islândia, Noruega e Suécia em 2000. Em Dezembro de 2007, o Conselho Europeu decidiu abolir os controlos de fronteira entre a Estónia, a Letónia, a Lituânia, Malta, a Polónia, a Eslováquia, a Eslovénia, a República Checa e a Hungria.

Source: German Foreign Office

Sopron, Hungria

No dia 19 de Agosto de 1989, cerca de 600 alemães da República Democrática Alemã, de férias na Hungria, aproveitaram-se do festival "Paneuropa-União", em Sopron, na fronteira entre aquele país e a Áustria, para atravessarem a fronteira como refugiados, enquanto os guardas fronteiriçosira húngaros fingiam que nada se passava. O incidente de Sopron despoletou uma onda de movimento de refugiados da RDA, via Hungria e Áustria, para a Alemanha Ocidental – abrindo a primeira brecha na "Cortina de Ferro". Este acontecimento histórico é comemorado todos os anos no local.

O ministro dos Negócios Estrangeiros austríaco, Alois Mock, e o ministro dos Negócios Estrangeiros húngaro, Gyula Horn, cortaram simbolicamente a cerca de arame farpado que separava os seus dois países em Sopron, no dia 27 de Junho de 1989. ©APA (esquerda)

Em Dezembro de 1989, o ministro dos Negócios Estrangeiros checo Jiří Dienstbier e o seu homólogo da Alemanha Ocidental, Hans-Dietrich Genscher, tiveram um gesto semelhante na fronteira germano-checa perto de Waidhaus. ©European Commission – representation in Austria/Thomas Preiss

Weile-St Germanshof, Shengen, Waidhaus e Sopron são igualmente bons exemplos de desempenho cultural na categoria 5 – "Fronteiras".

LUGARES DE MEMÓRIA EM FOTOGRAFIA

Berlim: Monumento aos Judeus Assassinados na Europa (inaugurado em 2005). Este local tornou-se uma referência para a memória da Europa, embora os crimes não tenham sido cometidos aqui.

© visitBerlin.de

A queda do Muro de Berlim

Novembro de 1989: habitantes das duas Alemanhas – Oriental e Ocidental – celebram a abertura da fronteira na Praça Postdamer.

© Songkran / flickr

O "Centro da Europa"

Em termos espaciais, a Europa é uma construção histórica e cultural na qual um conjunto de locais, muitas vezes de pequenas dimensões, assumiu uma posição central ou periférica – ficando a pertencer ao "Centro da Europa", ao seu extremo sul, ao seu extremo norte, ao seu extremo ocidental ou oriental ou ao seu ponto mais alto ou mais baixo. Nordkap, Cap Finistère e Cabo Finisterre (= *finis terrae* ou "o fim da terra") são exemplos disso.
"Mitteleuropa" é um conceito que evoluiu para contrapor o efeito marginalizador da divisão entre Leste e Ocidente.
Como consequência das duas guerras mundiais, as coordenadas da consciência europeia foram alteradas, relevando-se a noção de "Europa de Leste" que, durante a Guerra Fria, deixou de ser central e escorregou da consciência do resto da Europa. Nos anos 80, a noção de "Mitteleuropa" voltou a ser chamada à discussão por parte da sociedade civil dos países em questão, apelando ao revivalismo histórico e conceptual da geografia do velho continente. (Karl Schlögel, *Die Mitte Liegt ostwärts*, 1986). As cidades e regiões cujo nome está associado a esta noção incluem Ljubljana, Cracóvia, Budapeste e Praga.

Em 1989, geógrafos franceses do Instituto Geográfico Nacional estimaram que o centro geográfico da Europa se encontra num ponto a norte de **Vilnius** na Vila de **Purnuškės** na Lituânia, com as coordenadas 54° 54' Norte e 25° 19' Este. O cálculo baseou-se nos seguintes limites para a Europa:

– Norte: Spitzbergen a 80° 45' Norte e 20° 35' Este;
– Sul: Ilhas Canárias a 27° 38' Norte e 17° 58' Oeste;
– Este: Montanhas Ural a 67° 59' Norte e 66° 10' Este;
– Oeste: Açores a 39° 27' Norte e 31° 16' Oeste.

Source: www.europosparkas.lt

© Wojsyl / Wikipedia

Gintaras Karosas: Monumento do Centro da Europa, Europos Parkas, perto de Vilnius. As pedras no chão indicam as direcções e distâncias de todas as capitais europeias em relação a este ponto central.
Desde 1987 que o escultor Gintaras Karosas (nascido em 1968) tem estado a transformar uma área florestal negligenciada num museu europeu ao ar livre (Europos Parkas). O parque de 55 hectares, alberga neste momento mais de 90 trabalhos de artistas de 27 países.

O centro da UE

Após o segundo alargamento da UE em 2007, o centro geográfico da União Europeia mudou, passando a situar-se num "campo de milho perto da localidade de Gelnhausen, em Hesse, na Alemanha" ou, se quisermos ser mais precisos, na área de Meerholz do distrito de Main-Kinzig. Segundo o Instituto Geográfico Nacional, a localização exacta é a 500 10' 21" Norte, 90 9' 0" Este.
Anteriormente, segundo o mesmo Instituto, o centro situava-se perto de Viroinval na Bélgica (500 0' 33" Norte, 40 39' 59" Este) e mais tarde, após o primeiro alargamento, situava-se nas coorde-

nadas 500 31’ 31” Norte, 70 35’ 50” Este, perto de Kleinmaischeid , à saída de Neuwied.

Srebrenica

Em Julho de 1995 cerca de oito mil bósnios – na maioria homens entre os 17 e os 77 anos – foram mortos, perto de Srebrenica, sem que tenham recebido qualquer auxílio por parte das Nações Unidas ou da União Europeia. O massacre foi levado a cabo por membros do exército da República Srpska, sob o comando de Ratko Mladić,por agentes da polícia e por paramilitares sérvios. Os assassinos enterraram centenas de corpos em valas comuns. Nas semanas seguintes, os corpos foram desenterrados e transportados para outros locais numa tentativa de ocultação do que tinha ocorrido. Os tribunais da União Europeia classificaram o massacre de Srebrenica como genocídio e em Novembro de 2004 o Governo da República Srpska pela pediu primeira vez desculpa pela violação dos direitos humanos que tinha ocorrido em Srebrenica, em Julho de 1995.

© Sam Walker

Uma família visita o memorial de Srebrenica no centro de Potocari. Após as escavações foram recuperados 307 corpos retirados de valas comuns na Bósnia Oriental, tendo sido identificados como muçulmanos mortos pelas forças servo-croatas perto de Srebrenica.

Guernica

O bombardeamento aéreo da pequena cidade basca de Guernica, a 26 de Abril de 1937, foi o primeiro exemplo de um ataque deste tipo sobre uma população civil e a primeira quebra das convenções militares internacionais por parte da força aérea alemã, a Luftwaffe, desconhecendo-se ainda o número exacto de vítimas. A Legião Condor germânica foi a responsável pela maior parte do bombardeamento com a participação do Corpo Truppe Volontarie italiano, tendo este ataque assumido grande relevância internacional.
Guernica tem hoje um Museu da Paz junto do Centro de Investigação pela Paz Gernika Gogoratuz ("Recordando Guernica"), inaugurado em 1987.

Uma obra de arte como lugar de memória: O Governo espanhol encomendou a Pablo Picasso a sua obra monumental intitulada *Guernica* para integrar o pavilhão espanhol na Exposição Mundial de Paris, em 1937. Aquela que é considerada uma das maiores obras do século XX, esteve exposta no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque e, de acordo com as instruções de Picasso, só foi transferida para Madrid depois do fim da ditadura espanhola de Franco, o que aconteceu em 1981.

Ruínas de Palaístra, antigo espaço de treino coberto para salto em comprimento e artes marciais. ©Matěj Baťha / Wikipedia

Olímpia

Olímpia (em grego Ολυμπία) é conhecida pelo templo dedicado a Zeus situado na parte noroeste da península do Peloponeso e também por ter sido o local onde tiveram lugar os Jogos Olímpicos da Antiguidade. Tanto a participação como a vitória nos Jogos adquiriam na época uma extrema importância cultural.
Os primeiros Jogos Olímpicos datam de 776 a.C., tendo dado início ao "calendário" olímpico, sendo os Jogos realizados com um intervalo de quatro anos por mais de um milénio.
Em 394, o imperador Teodósio baniu os Jogos Olímpicos, então considerados um evento pagão por parte da Cristandade. Procedeu-se então à deslocação da estátua de Zeus de Olímpia para Constantinopla, seguindo-se o saqueamento do santuário; em 426, um incêndio brutal arrasou com o templo. No século VI o templo foi acometido por violentos tremores de terra tendo ficado soterrado na lava.

No início do século XIX, arqueólogos britânicos e franceses iniciaram as primeiras escavações para desenterrar o templo, tendo o Instituto Arqueológico Alemão ficado responsável pelos trabalhos, com carácter intermitente, desde 1875.
Em 1894, a partir de uma sugestão de Pierre Coubertin, decidiu-se numa conferência da Sorbonne, em Paris, reintroduzir os Jogos Olímpicos segundo o modelo dos antigos jogos de Olímpia. Os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna tiveram lugar em Atenas, em 1896.

A bandeira olímpica foi criada em 1913 e é usada desde os Jogos de Antuérpia em 1920. Os cinco anéis num fundo branco simbolizam os cinco continentes e as seis cores são as utilizadas pelas bandeiras de todo o mundo (pelo menos uma em cada bandeira) – branco, preto, vermelho, azul, verde e amarelo.

2. QUESTÕES SOBRE ACÇÕES RELATIVAS AOS *LIEUX DE MÉMOIRE*

O que se segue dirige-se aos responsáveis pelo desenvolvimento das cidades e regiões – quer operem no sector público ou em regime de voluntariado –, e inclui sugestões de actividades e estratégias implicando uma perspectiva europeia. Pretende ser um contributo para ajudar a identificar lugares e objectos que sejam testemunhos significativos da memória colectiva a nível local e europeu, assim como facilitar o processo de identificação de parceiros para protecção e divulgação dos *lieux de mémoire* (lugares de memória) a nível europeu.
A listagem que a seguir se apresenta não pretende ser um questionário nem um inventário, mas sim um instrumento de trabalho para usar a nível local.

a. Levantamento

– Que lugares ou objectos da cidade ou região são testemunhos relevantes em termos de memória europeia?
– De que forma estão relacionados com a diversidade cultural da cidade ou região, com actividades extrafronteiriças ou com a herança cultural europeia?
– Que tradições e acontecimentos históricos, factos ou conflitos estão associados a estes testemunhos, lugares ou objectos?
– Fazem parte da cultura popular ou da "alta"-cultura?

b. Estatuto na actividade local ou regional

– Os *lieux de mémoire* estão presentes nos espaços públicos? O público tem conhecimento deles (como atracção turística, como foco de interesse académico ou de responsabilidade cívica)?
– Qual o seu estatuto relativamente ao perfil cultural da cidade ou da região – em termos de estratégia de desenvolvimento e de comunicação com o público?

– Que estatuto lhe é atribuído no desenho da política europeia da cidade ou da região?

c. Relações com a Europa

– Qual a relação entre estes *lieux de mémoire* e outras cidades, países ou regiões da Europa?
– Quais de entre eles são especiais ou mesmo excepcionais na Europa e de que forma pode esse reconhecimento ser feito publicamente?
– Quais de entre eles têm equivalentes noutras partes da Europa e de que forma essas semelhanças podem ser relevadas?
– Qual o estatuto destes testemunhos no contexto da política europeia da cidade ou região?
– Como podem os *lieux de mémoire* locais ou regionais adquirir uma dimensão europeia?
– A visão destes lugares de memória é a mesma no estrangeiro e localmente?
– Estes lugares são objecto de debate internacional?
– A responsabilidade sobre estes lugares é debatida a nível europeu?

d. Ligações com a actualidade

– Qual a relação entre estes lugares-objectos e os desenvolvimentos na Europa?
– Como se podem tornar acessíveis aos jovens?
– São objecto de controvérsia?
- São objecto de debate público e, em caso afirmativo, onde é feito esse debate?

e. Participação da sociedade civil

– Que infra-estruturas possui a cidade ou região para tornar estes lugares-objectos de memória publicamente acessíveis?

– Existe informação disponível em mais do que um idioma sobre estes lugares? Servem de cenário para eventos ou são objecto do interesse dos *media*?
– Qual o envolvimento de agentes públicos e privados na preservação e interpretação destes lugares-objectos de memória; existem colaborações institucionais ou organizacionais entre os sectores público e privado, na programação ou em actividades em torno deles?

f. Cooperação intermunicipal, transregional e internacional

– Que intercâmbios existem entre os lugares-objectos testemunhos da memória europeia da mesma região e entre regiões na Europa?
– A cidade ou região toma em consideração as iniciativas de outros países quando apresenta e interpreta os seus lieux de mémoire?

3. A CATEGORIA *LIEUX DE MÉMOIRE*

Os *lieux de mémoire* regionais e nacionais são muito familiares aos europeus. É necessário que estas identidades, um pouco circunscritas, evoluam no sentido de se tornarem as pedras da construção de uma história europeia comum. Se é verdade que os acontecimentos de 1989 ajudaram a interligar as dimensões regional e global das consciências, neste processo lento de determinação do que é a Europa ainda não se tornou hábito reconhecer que um lugar de memória de uma ou duas regiões da Europa pode ter uma dimensão mais alargada, de âmbito europeu. Vejam-se os exemplos de Versalhes, Roma (relativamente ao Tratado de Roma) ou de lugares anteriormente associados com a "Cortina de Ferro", como a Porta de Brandeburgo, em Berlim.

As regiões e as nações têm a sua própria imagem da história europeia e a sua visão dos lugares de memória é forçosamente diferen-

te para cada uma delas. O que é uma vitória para um lado significa uma derrota para o outro e a maioria desses lugares foi objecto de controversas interpretações. No entanto, estas diferentes interpretações de que são alvo são promotoras do entendimento de outras perspectivas – e esse é o primeiro pré-requisito para o diálogo intercultural e para a consciência cívica europeia.

Há casos de memórias concorrentes e também de perdas de memória nacionais como resultado da destruição, migração e expulsão e nestes casos a memória europeia pode suprimir a falta do lugar: a perda das *shtetl* na Europa Central e de Leste é um bom exemplo.

Os *lieux de mémoire* são pilares importantes da memória colectiva. No entanto, têm de identificar-se com o local dos eventos que evocam. Isto diz respeito não só aos locais exactos dos eventos, como também aos lugares subsequentemente a eles associados e que se podem eles próprios tornar *lieux de mémoire* – por exemplo o monumento de Berlim aos Judeus Mortos na Europa.

4. UMA VISÃO ACADÉMICA DOS *LIEUX DE MÉMOIRE*

Kirstin Schäfer

Podemos encarar uma cultura dos lieux de mémoire europeus?
Há mais de 20 anos o historiador e editor Pierre Nora avançou com um projecto de inventariação dos lieux de mémoire com base numa análise histórica. Para ele, esses lugares exprimiam de forma tangível as forças que, a um nível mais profundo, mantiveram a França unida enquanto nação. “A minha intenção”, explicou, “era fazer uma análise aprofundada dos lugares onde a memória colectiva de França fosse mais evidente”. Pode tratar-se simplesmente de monumentos, de estátuas de grandes líderes, de monumentos de guerra ou dos túmulos dos reis franceses em Saint Denis. Símbolos e emblemas como a bandeira tricolor e a Marselhesa consideram-se ao mesmo nível do património construído, já que todos são sementes a partir das quais a memória

colectiva francesa se foi tecendo como uma teia, tão substancial quanto efémera, sustentáculo ilusório e no entanto bastante profundo da consciência nacional.[12]

Na senda de Nora, muitos outros investigadores culturais procuraram estudar a questão da memória. Em Itália,[13] na Holanda,[14] na Dinamarca,[15] na Áustria,[16] no Luxemburgo,[17] e na Alemanha[18] muitos trabalhos foram publicados em resposta ao desafio de Nora – "descobrir de que forma um país se relaciona com o seu passado."

"A MEMÓRIA DIVIDE MAS A HISTÓRIA UNE", PIERRE NORA.

É evidente, no entanto, que esta investigação sobre a cultura das comemorações permanece bastante confinada ao âmbito nacional – mesmo quando os temas ou objectos homenageados são de âmbito transnacional ou europeu. O exemplo de Auschwitz é prova disso. Nas últimas décadas, Auschwitz tem assumido um papel central na memória colectiva, estando mesmo em processo de se universalizar como um lugar marcante do século XX. Paralelamente, corre um outro processo de apropriação específica com concepções e associações distintas por parte de cada país e cultura. Auschwitz não é apenas um lugar de memória europeu – e internacional – mas é também judeu, polaco, húngaro, alemão e

12 Nora, Pierre (ed.) (1984-1992), *Les lieux de mémoire*, 3 vols., Paris. Ver também a colecção de volumes únicos com extractos do trabalho de Nora traduzidos para alemão: Nola, Pierre (ed.) (2005), *Erinnerungsorte Frankreichs*, Munich.

13 Isnenghi, Mario (ed.) (1997, 1998), *I luoghi della memoria*, 3 vols., Roma e Bari.

14 Boer, Pim de, e Frijhoff, Willem (eds.) (1995), *Lieux de mémoire et identités nationales*, Amsterdam 1993; Nicolaas C. F. van Sas (ed.) (1995), *Waar de blanke top der duinen en andere vaderlandse herinneringen*, Amsterdam.

15 Feldbaek, Ole (ed.) (1991, 1992), *Dansk identitatshistorie*, Copenhagen.

16 Csaky, Moritz (ed.) (2000 ff), *Orte dês Gedächtnisses*, Viena.

17 Kmec, Sonja, Majeurs, Benoît, Margue, Michel, e Peporte, Pit (eds.) (2007), *Lieux de mémoire au Luxembourg*, Erinnerungsorte in Luxemburg, Luxembourg.

18 François, Etienne, e Schulze, Hagen (eds.) (2001), *Deutsche Erinnerungsorte*, 3 vols., Munich. Uma tradução francesa de parte deste trabalho foi publicada sob o título *Mémoires Allemandes*, Paris, 2007.

americano – estruturando-se o seu significado de diferentes maneiras, segundo cada caso.[19]

Nas últimas décadas temos assistido ao rápido declínio da importância política e económica do Estado-Nação e da sua capacidade de moldar o seu próprio futuro. No entanto, as nações europeias continuam a constituir comunidades de memória no sentido sugerido por Ernest Renan em 1882 quando afirmou: "o que faz uma nação é a posse comum de um complexo legado de memórias".[20]

* *

Como podemos abordar esta descoberta paradoxal de que, por um lado, a memória é um fenómeno transnacional e, por outro, os contextos nacionais continuam a moldar as nossas memórias? Partindo do princípio de que a memória europeia é, na maioria das vezes, transmitida e entendida através de um prisma nacional fragmentário, devemos favorecer uma abordagem que releve a sobreposição estrutural e a interconexão entre as diferentes culturas da memória, demonstrando como elas podem informar-se e determinar-se mutuamente e como são, em última análise, interdependentes. Num contexto franco-alemão, a catedral de Estrasburgo, Versalhes e Napoleão são exemplos de tipos de *lieux de mémoire* partilhados entre as culturas de memória francesa e alemã, com uma importância semelhante para ambas. Num contexto germano-polaco há dois exemplos: Tannenberg/Grunwald, por um lado, e Willy Brandt ajoelhado diante do memorial à revolta no gueto de Varsóvia, por outro.
Para além destes *lieux de mémoire* explicitamente partilhados existem outros locais que poderiam considerar-se implicitamente partilhados. A meu ver, podem incluir-se aqui os locais que tipificam as especificidades de um país e da sua cultura dos lugares de memória mas que, aprofundando um pouco mais, são também lugares de memória europeus. Por exemplo, Versalhes é mais do que

19 Ver também Flacke, Monika (ed.) (2004), *Mythen der Nationen 1945. Arena der Erinnerungen*, 2 vols., Mainz..

20 Renan, Ernst, "Was ist eine Nation?, *in* Jeismannn, Michael, e Ritter, Henning (eds.) (1993) *Grenzfälle. Über alten und neuen Nationalismus*, Leipzig, p. 308.

um simples *lieu de mémoire* francês. Desde o início, tanto o palácio como a sociedade de Versalhes foram um modelo replicado, importado ou criticado em muitos locais, desde a Espanha à Suécia ou da Itália à Rússia. Foi ali que se proclamou o Império Germânico em 1871 e, mais importante ainda, onde se assinaram os tratados de paz de 1919 – 1920 que vieram estabelecer uma nova ordem na Europa, marcando a sua história.[21] Para além de tudo isto, Versailles sempre atraiu artistas e convidados de toda a Europa e foi amplamente conhecido e falado. Todos os anos recebe milhares de visitantes da Europa e não só.

* *

Com as devidas precauções concluí que, nas últimas décadas, as culturas de memória em cada país europeu têm sido apanhadas num processo radical de mudança resultando numa dimensão europeia crescente, apesar de uma perspectiva nacional permanecer ainda dominante. As iniciativas vindas das instâncias europeias desempenham apenas um papel secundário na medida em que os meios utilizados – bandeiras, hinos, passaportes, autocolantes, moedas e notas – são demasiado convencionais e não têm contribuído efectivamente para uma identidade europeia. Muito mais significativos têm sido os processos "de baixo para cima" despoletados pelo número de ligações crescente entre os países e as culturas europeias e com a emergência de uma sociedade europeia (Hartmut Kaelble)[22]. Um exemplo deste processo é a tendência crescente, no planeamento curricular de diferentes países europeus, de relevar a dimensão europeia da história. Depois de várias décadas, em que a prioridade foi o "expurgo" de livros escolares para retirar todos os traços de preconceitos nacionalistas, estão a envidar-se esforços para situar e interpretar a história de

21 Schulze, Hagen, "Versailles", *in* François e Schulze, *Deuttsche Erinnerungsorte*, vol. 1, pp. 407-421; Krumeich, Gerd (ed.) (1919), *Versailles; Ziele, Wirkung, Wahrnehmung*, Essen 2001.

22 Kaelble, Hartmut (2001), *Wege zur Demokratie: Von der Französischen Revolution zur Europäischen Union*, Stuttgart, e (2007) *Sozialgeschichte Europas 1945 bis zur Gegenwart*, Munich.

certos países no seu contexto europeu – tendo surgido recentemente o primeiro volume de uma história franco-alemã que se pretende seja precursor de uma história europeia.[23]

A questão dos *lieux de mémoire* emergentes na Europa é, como vimos, muito vasta. Até à data, tem sido muito menos intensamente investigada do que a cultura dos *lieux de mémoire* nacionais. A maioria dos problemas surge do nosso duplo papel de testemunhas e de participantes activos nesta cultura dos *lieux de mémoire* em mudança. Também surgem problemas do facto de, para estes novos *lieux de mémoire*, as perspectivas externas serem tão relevantes e formativas como as nossas. Pierre Nora observou que "a memória divide mas a história une", e acrescentou: "tendo isso em consideração, um bom conhecimento das culturas individuais dos lugares de memória poderia ajudar à nossa percepção do que constitui a nossa cultura comum, europeia, dos lugares de memória. Um sentido genuíno de pertença pode surgir de um entendimento profundo das diferenças.[24]

23 Veja-se, por exemplo, a colectânea de ensaios de Jean-Pierre Rioux, Rémi Brague, John Horne, Guy Hermet, Robert Frank, Etienne Francois, Dominique Schnapper e Dominique Borne. No início do século XIX, arqueólogos britânicos e franceses iniciaram as primeiras escavações para desenterrar o templo, tendo o Instituto Arqueológico Alemão ficado responsável pelos trabalhos, com carácter intermitente, desde 1875. In *Vingtieme Siecle*, 71 (2001), pp. 55-109, com o título "Apprendre l'histoire de l'Europe" [Aprender a história da Europa]. Ver, em especial, Geiss, Peter, e Le Quintrec, Guillaume (eds.) (2006), *Histoire/Geschichte, l'Europe et le monde depuis 1945*, Paris, e Histoire/Geschichte, *Europa und die Welt seit 1945*, Leipzig, 2006.

24 Nora, Pierre, "Nachwort", in François, Etienne, e Schulze, Hagen (eds.), Deutsche Erinnerungsorte, vol. 3, p. 686.

3. DIVERSIDADE CULTURAL

A diversidade cultural é um dos maiores bens da Europa e constitui uma importante contribuição que as cidades e regiões podem trazer para a integração social de pessoas de diferentes culturas. À medida que as cidades e regiões se tornam mais diversificadas em termos étnicos, religiosos e culturais, essa contribuição será cada vez mais necessária. É preciso envolver os agentes da sociedade civil e das instituições na mobilização do poder produtivo da sociedade pluralista e no combate à compartimentação.

1. EXEMPLOS DE DIVERSIDADE CULTURAL

O Dia do Diálogo em Roterdão, Amesterdão e em outras cidades da Holanda.

© Edwin van Eis

Os Dias do Diálogo são um instrumento que pode ser usado de forma relativamente simples para permitir a pessoas de diferentes idades, com passados culturais diferentes e etnias diversificadas, falar sobre a experiência de viverem juntas numa cidade capaz de tirar partido da sua diversidade. O Dia do Diálogo, ao colocar a tónica na "cultura, nossa" e não na "cultura, deles", contribui para a coesão social na cidade.

O modelo do Dia do Diálogo pode ser transferido para outras cidades e países, replicando-se repetidamente este conceito simples e poderoso e envolvendo-se muitos cidadãos e organizações no processo.

Este projecto holandês partiu da iniciativa de cidadãos com o intuito de criar mesas de diálogo em que seis a oito pessoas são convidadas a falar sobre um determinado tema. As conversas são orientadas por um mediador previamente formado e treinado no método de diálogo.

O diálogo difere do debate, na medida em que tem uma estrutura aberta, enquanto o debate implica que se retirem conclusões. Geralmente, as pessoas estão mais habituadas a debater ou discutir sobre um tema do que em investigá-lo, através do diálogo.
Um bom diálogo, bem organizado, pode durar entre duas a três horas. A ideia é que os participantes não tentem convencer-se mutuamente (como no debate) mas que partilhem antes a as suas experiências pessoais e descubram as ideias dos outros. Acessível a todos, o Dia do Diálogo pode sentar na mesma mesa alunos do liceu, políticos e líderes religiosos, colocando todos os participantes no mesmo nível para dialogar.

Em quase todas as cidades envolvidas, os presidentes de câmara actuam como patronos do Dia do Diálogo e o evento tem cobertura mediática.

O sítio pode ser consultado em www.nederlandindialoog.nl

O Berlin Karneval der Kulturen (Carnaval de Culturas de Berlim)

© Daniela Incoronato

O **Carnaval de Culturas** é um grande evento multicultural da responsabilidade da Berlin Werkstatt der Kulturen, que conta com o apoio do Senado, que acontece todos os anos em Berlim, desde 1996. Conscientes de que Berlim é uma das cidades com maior proporção de migrantes na Alemanha, os organizadores do evento esforçam-se para que os espectáculos, que se prolongam durante vários dias, ajudem a promover a integração e a combater o medo que as pessoas possam ter de sentir o seu espaço "invadido" por estrangeiros. Este conceito de Carnaval inclui desfiles tradicionais, espectáculos de música e de teatro, funcionando como uma demonstração colorida, pacífica e tolerante de diversidade cultural.

Fonte: Wikipedia

Belfast visita o Berlin Karneval der Kulturen (2008, Ano do Diálogo Intercultural).
Três embaixadores da cidade realizaram uma visita ao Berlin karneval der kulturen (festival de Culturas de Berlim) " De um modo geral, as trocas foram informativas e inspiratórias – desfiles desta dimensão e com tanta variedade existem e não há razão para Belfast não seguir este exemplo nos próximos anos".
http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/Policies/Cities/Berlin2.pdf

Na Alemanha existem desfiles semelhantes em Bielefeld, Frankfurt am Main, Hamburgo, Colónia e Saarbrücken. O Carnaval de Notting Hill em Londres e o Zomercarnaval de Roterdão foram precursores desta tradição na Europa.

Zomercarnaval, Roterdão

A celebração do Carnaval, com origens na Europa, estendeu-se por quase todo o mundo, desenvolvendo uma série de formas e identidades. Mesmo na Europa, o Carnaval na Alemanha ou na Holanda difere muito do Carnaval de Nice, em França, por ex-

emplo. Em cada região o carnaval assumiu um carácter próprio, sobretudo na área das Caraíbas. O mais famoso Carnaval do tipo haitiano é, evidentemente, o do Rio de Janeiro, mas Trinidad e Tenerife também têm as suas versões, com expressões artísticas particulares.

A globalização resultou na tradução haitiana desta antiga forma de manifestação cultural europeia. Um exemplo paradigmático é a celebração do Mardi Gras em Nova Orleães, tendo o estilo haitiano de Carnaval também ingressado na Europa, sendo exemplos disso o Carnaval de Notting Hill e o Zomercarnaval (Carnaval de Verão) de Roterdão. O Carnaval de Verão, inicialmente proveniente de Aruba e das Antilhas, passou a ser um evento reconhecido e adoptado por muitas culturas. Hoje em dia podem encontrar-se influências manifestas no Suriname, no Brasil, em Cabo Verde e na Bolívia. As pessoas uniram-se e criaram uma nova tradição nacional. O Carnaval de Verão assumiu assim um conteúdo e cunho próprios, enformando uma fusão de influências de vários pontos do planeta com um carácter próprio.

O desfile do Carnaval de Verão representa uma quebra com a origem ritual e histórica do *carnevale* (abstinência de comer carne) que marcava o início de um período de 14 dias que antecedia a Páscoa e que era portanto associado a uma época fria do ano. Em algumas das suas formas históricas (como as de Veneza, Basel, Colónia, Rottweil e Nice) o Carnaval remonta às práticas pré-cristãs, documentando uma enorme tradição de diversidade cultural na Europa.

Dois exemplos de Berlim–Neukölln

Neukölln é um distrito multiétnico de Berlim com uma população que excede os 300 mil habitantes de 160 nacionalidades. Este dis-

trito encara com seriedade a sua responsabilidade cultural, promovendo desde há alguns anos projectos inovadores para ajudar a integrar pessoas com proveniências distintas, contribuir para o desenvolvimento urbano e promover a participação cívica.

1. Neukölln *Stadtteilmütter* [“mães de bairro” de Neukölln]

A integração ao nível familiar é um factor crucial para a integração social. O projecto intitulado Stadtteilmütter (mães de bairro de Neukölln) – que já foi reconhecido fora de Berlim – é uma iniciativa conjunta do Departamento de Desenvolvimento Urbano do Senado Distrital de Neukölln, da Misericórdia local e do Centro de Emprego distrital. Desde 2006, o projecto já garantiu a formação de 150 mulheres desempregadas de origem árabe e turca para trabalharem como “mães de bairro”.

A função destas mulheres é visitar famílias de migrantes para apoiar os jovens e os seus pais, ajudando, por exemplo, a arranjar aulas de alemão, encorajando-os a ingressar no sistema de ensino, dando conselhos sobre cuidados primários de saúde e educação e funcionando em geral como um ponto de contacto e de orientação. Durante o seu período de trabalho, as “mães de bairro” são reconhecidas pelo xaile vermelho que envergam.

Projecto escolar "Rütli Wear"

Os alunos do liceu de Rütli, que saltaram para as páginas dos jornais em 2006, no seguimento de uma onda de conflitos e violência, são agora autores de logótipos e desenham roupa com a sua própria marca, que vendem, revertendo o produto das vendas para a escola. Para este efeito, foi criada uma empresa no interior da escola, cujos produtos, extremamente populares, têm tido um excelente volume de vendas em toda a Alemanha.

Este projecto, não apenas reforça a identificação destes jovens com a sua escola e a sua imagem, como também lhes desenvolve competências específicas nas áreas do design, do conhecimento dos materiais e da informática.

QUATRO EXEMPLOS DO PROJECTO CIDADES INTERCULTURAIS, UMA INICIATIVA CONJUNTA DO CONSELHO DA EUROPA E DA COMISSÃO EUROPEIA

Para mais informação, consultar www.coe.int/interculturalcities

1. Neuchâtel – Governação intercultural

– integração no trabalho
– integração na habitação
– integração cívica

Os residentes estrangeiros de Neuchâtel, no seguimento de um referendo, passaram a ter o direito de votar e de concorrer a eleições locais naquele cantão.
A peça central da política intercultural de Neuchâtel é o "Service du délégué aux étrangers" que funciona como mediador entre as autoridades e os organismos do cantão e as comunidades migrantes. O Serviço do Delegado aos Estrangeiros funciona em estreita cooperação com o Comité Trabalhista para a Integração de Estrangeiros (CTIE), um comité consultivo do Conselho de Estado, cuja função é promover a integração de estrangeiros na comunidade de Neuchâtel. Os membros do comité representam as autoridades administrativas locais e do cantão, os serviços sociais, os empregadores e os sindicatos, as comunidades estrangeiras, as instituições especializadas e os círculos académicos. Por exemplo: o comité discutiu e negociou uma revisão da lei sobre os locais de funeral no seguimento de um pedido apresentado pelas comunidades islâmicas de Neuchâtel. A lei, entretanto revista, já contempla a realidade contemporânea do pluralismo religioso, sem abandonar no entanto o princípio secular que governa os cemitérios de Neuchâtel.

2. Subotica, Sérvia

Exemplos de políticas culturais:

– Dias da cidade: ocorrem anualmente programas culturais de duas semanas para assinalar o dia 1 de Setembro – Dia da Cidade de Subotica – envolvendo artistas originários daquela cidade, de várias etnias, que residam fora de Subotica.
– Reconstrução e reabilitação do Teatro Nacional de Subo-

tica, exemplar de património arquitectónico e cultural com mais de um século de existência, transformando-o num espaço inovador, aglutinador da diversidade cultural e linguística.

Reggio Emilia, Itália
Mediação intercultural nos hospitais, sobretudo com migrantes sem documentos. O objectivo é a promoção da saúde e da literacia na saúde junto dos migrantes e das minorias, com base no projecto "Hospitais Amigos dos Migrantes da União Europeia de 2002-2005".

Biblioteca de Neukölln – Projecto de Biblioteca Helene-Nathan – "Tesouro das Culturas do Mundo"
Foi pedido a 12 comunidades diferentes de Neukölln para nomearem os melhores livros para crianças do seu país. O processo de selecção revelou diferentes critérios de tomada de decisão e diferentes formas de lidar com livros. Na comunidade árabe, por exemplo, apenas os homens decidiam; consideravam estas decisões demasiado importantes para serem tomadas por mulheres. Na comunidade russa, autores clássicos como Puskin e Tolstoi foram as principais escolhas. Os naturais do Togo queriam ter os livros escolares na arca do tesouro porque não tinham outros. Construiu-se especialmente uma "arca do tesouro" transparente no canto da biblioteca, que foi inaugurada numa cerimónia especial com a participação de todos os parceiros. Todos estes livros estão agora acessíveis na biblioteca, com a adesão de todos, pais e crianças, que se sentam orgulhosamente a ler, num canto, os livros na sua língua materna.
http://www.neukoelln-plus.de/index.php?id=566

K@2 Centre – Karosta, Liepāja, Letónia
Actividades culturais nas antigas instalações militares soviéticas de Karosta
Karosta (porto de guerra) é um bairro no norte de Liepāja, no leste da Letónia, junto do mar Báltico. Construído em 1906 para base naval do czar russo Alexandre III, mais tarde veio a ser base da Esquadra Soviética do Báltico. Hoje é muito importante para o tu-

rismo e popular entre os artistas, oferecendo vistas fantásticas e locais interessantes, como, por exemplo, a magnifica paisagem costeira com as fortalezas em ruínas sobre o Báltico. O Centro de Artes K@2 foi criado em 2000 e funciona como centro experimental para inúmeras actividades culturais de artistas locais ou estrangeiros que vêm até Karosta inspirar-se na sua natureza, na arquitectura, nas ruínas, nas pessoas.

Fotografias do festival LabiChambi, em Junho de 2007 – uma colaboração entre o K@2 e o grupo de arquitectos e artistas EXYZT de Paris.

Karosta debate-se com problemas de criminalidade, desemprego, e outros problemas sociais.

K@2

O K@2 é uma ONG criada em 2000 dedicada às artes e cultura com sede na cidade de Karosta. Esta cidade, que esteve fechada para servir de base à Marinha soviética, ficou totalmente devastada com as migrações, a destruição das casas e o desemprego.

O K@2 cria programas culturais e educativos para adolescentes e jovens na região de Karosta, gere uma galeria de arte, uma mediateca, um albergue e, a longo prazo, pretende desenvolver uma infraestrutura cultural de dimensão regional e internacional.

Objectivo: Criar uma solução alternativa que contribua para melhorar a situação actual de Karosta, formando uma área para a cultura, a educação, a integração e cooperação social e étnica; promover a evolução do Centro para uma instituição que tenha o papel fundamental de promover trocas de informação e culturais a nível local, nacional e internacional. Tudo isto contribuirá para o desenvolvimento de Karosta como uma unidade do Glocal Future.

Responsabilidades: Organização de eventos que promovam a cultura, a educação, a integração e a acessibilidade da informação, assim como a integração de minorias étnicas e das suas culturas no ambiente da Letónia.

"LabiChampi" – um festival de cultura viva e emergente em Liepajas Karosta

Localizado numa área onde se combinam a arquitectura militar, o design urbano e a natureza orgânica, o edifício do futuro Centro de Arte de Karosta foi sede do festival "LabiChampi" (Bons Cogumelos) durante o ano de 2007.

O festival foi uma co-produção do EXYZT (Paris/ França) e do K@2 (Karosta/Letónia) em que os artistas, em conjunto, prepararam uma instalação e exposição de arte e arquitectura, "Mushroof", que incluiu: *Mushboom* – performance de efeitos visuais, sonoros e pirotécnicos pelo grupo de artistas EXYZT, bem como uma apresenta-

ção pública dos workshops organizados pelos EXYZT, a Passarelle V (Escola de Arquitectura de La Villete, Paris) e Eleanore Helio (Escola de Arte de Estrasburgo).

"Eurowatching"

"Lamber ou morder – Não há outra forma", foram as palavras proferidas pelo grande artista russo Oleg Kulig durante a apresentação do seu trabalho *A América morde-me, eu mordo a América*, em que se mostrou como um cão dentro de uma jaula.

Após a entrada da Letónia na União Europeia em 2003, Karosta – uma antiga base militar soviética – conheceu um novo fenómeno de tráfego de turismo. *Your voice in Europe* ("A Sua Voz na Europa"), *Sightseeing* ("Turismo"), *Communication Skills* ("Artes de Comunicação"), entre muitas outras, são pequenas histórias da série *Eurowatching* ("Observar a Europa") iniciada pela artista Kristine Briede em conjunto com a Equipa de Jovens de Karosta, como tentativa de documentar este novo fenómeno. Os Observadores da Europa, de Karosta, parafrasearam Kulik ao "lamberem, lamberem e morderem um bocadinho...".

2. PRÁTICAS NO DOMÍNIO DA DIVERSIDADE CULTURAL

O que se segue pretende ser um contributo para os responsáveis pelo desenvolvimento nas cidades e regiões, sugerindo estratégias de desenvolvimento das suas actividades – quer operem no sector público quer em regime de voluntariado – com uma perspectiva europeia. Deverá servir para incentivar a identificação do potencial de diversidade cultural de cada cidade ou região e a utilização desse potencial como uma estratégia de promoção. Poderá servir igualmente para identificar os parceiros adequados para as actividades a nível local, regional ou internacional.

O que se segue não pretende ser um questionário nem um inventário, mas antes um instrumento de trabalho para utilizar a nível local.

a. Levantamento

– Qual o espectro de abrangência da diversidade cultural da sua cidade ou região e que influência tem na administração local e regional, bem como na sociedade em geral?
– Que tipos de diversidade cultural se encontram – a nível religioso, étnico, nacional, ou intergeracional – associados a subculturas artísticas?
– Onde se encontram as raízes da diversidade no contexto histórico europeu?
– Existem na sua cidade ou região projectos paradigmáticos, de relevância europeia, que promovam ou evoluam a partir da diversidade cultural e que ajudem a suplantar os conflitos que a ele possam estar associados?
– A diversidade cultural aparece como marca distintiva da imagem da sua cidade ou região a nível europeu? Existe um legado permanente traduzido em locais ou memórias vivas? Serve de base – ou é o resultado de – trocas transfronteiriças? É uma componente do património cultural da sua cidade?

b. O estatuto da prática municipal ou regional

– De que forma equacionam os departamentos de política local ou regional (para os assuntos económicos e sociais, para a educação, para o ensino superior e a educação, para o desenvolvimento urbano e regional e para os assuntos europeus) a diversidade cultural e a resolução de conflitos culturais, e quais os temas específicos que tratam?
– A diversidade cultural está ameaçada pelas políticas da cidade ou região?
– De que maneira a cidade ou região faz uso das diferenças culturais e do diálogo cultural para objectivos específicos de desenvolvimento social e económico, a nível europeu?
– Que proporção do orçamento público investe a cidade ou a região na promoção e utilização da diversidade cultural, no incentivo ao diálogo cultural e à gestão dos conflitos culturais?

– Como pode ser melhor aproveitado o potencial de diversidade cultural?
– De que modo a cidade ou a região promove a participação dos diferentes grupos da população na vida pública e como pode ser melhorado esse acesso?
– A cidade ou região mantém contactos – de nível público ou privado – com os países de origem das suas minorias culturais?
– A cidade ou região faz uso prático dos trabalhos produzidos pelas instituições europeias internacionais sobre diversidade cultural a nível municipal ou regional (por exemplo, a declaração da UNESCO sobre diversidade cultural, o programa do Conselho da Europa e da Comissão Europeia "Cidades Interculturais", ou o Relatório da Comissão Europeia sobre Coesão [25])?
– De que forma está a diversidade cultural presente nos espaços públicos? Os espaços públicos estão acessíveis a grupos culturalmente diversos?
– Que estatuto confere a cidade ou região à diversidade cultural na sua estratégia de relações públicas?
– As acções culturais das minorias e dos migrantes conhecem suficiente divulgação por parte da cidade ou região, a nível europeu?

c. Relações com a Europa

– A cidade ou região reconhece e utiliza o diálogo intercultural como forma de promover o sentido de cidadania europeia?
– A cidade ou região promove a articulação das suas diferenças culturais com as de outras cidades ou regiões?
– Que diferenças culturais da cidade ou região são notáveis a nível europeu, e são essas marcas distintivas utilizadas na ca-

25 Agenda 21 para a Cultura, Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU), Setembro de 2006; Cidades Interculturais: Governação e Políticas para as Diferentes Comunidades – Acção Conjunta do Conselho da Europa e da Comissão Europeia (2008); Declaração Universal da UNESCO sobre Diversidade Cultural (2001).

racterização e posicionamento na Europa da cidade ou região?
- Que diferenças culturais são semelhantes às de outras regiões da Europa, e qual o grau de aproveitamento dessas semelhanças a nível europeu?
d. Articulação com o cenário contemporâneo
– Como é feita a relação das diferenças culturais com a evolução da cultura contemporânea a nível europeu?
– De que forma são os membros das diferentes culturas envolvidos no processo de desenvolvimento da cidade ou região?
– A cidade ou região apoia e faz uso da criatividade dos jovens, da inovação cultural, das novas formas de produção cultural e das redes culturais europeias para a promoção do diálogo intercultural?

e. Participação da sociedade civil

– De que forma se envolvem as pessoas ligadas a iniciativas públicas, privadas ou a empresas culturais, no diálogo intercultural a nível local e regional? Existem articulações institucionais ou organizacionais entre equipamentos públicos e privados, entre programas e actividades que tenham uma dimensão europeia?
– A diversidade cultural e os conflitos culturais são objecto de debates públicos, actividades turísticas, investigação académica, ou de promoção do voluntariado, por iniciativa da cidade ou região?
– A cidade ou região promove junto da sociedade civil o diálogo intercultural, tendo em consideração a posição que ocupa na Europa?
– A cidade ou região tem uma visão actualizada do seu potencial cultural, dos seus recursos (materiais, não materiais, institucionais e pessoais) para a promoção do diálogo intercultural e das redes europeias existentes para esse efeito?
– Quem são os parceiros da sociedade civil da cidade ou região para o diálogo intercultural (indivíduos, instituições, grupos ou iniciativas)?

f. Cooperação ao nível intermunicipal, transregional e internacional

– De que forma a cidade ou região utiliza ou promove o envolvimento de subgrupos culturais nas redes a nível nacional, internacional, europeu ou global?
– Relativamente à utilização da diversidade cultural e ao envolvimento no diálogo intercultural e na resolução de conflitos, a cidade ou região promove a troca de experiências com outras cidades ou regiões no país, em outros países europeus, ou de forma geral no mundo? A experiência das outras cidades ou regiões é tomada em consideração, e a experiência da sua cidade ou região é transmitida?

3. A CATEGORIA DA DIVERSIDADE CULTURAL

A diversidade cultural, enquanto parte do processo do alargamento da UE e do aumento da migração, é um fenómeno em crescimento. Manter o diálogo e as trocas interculturais – dentro e para lá da Europa – é uma atribuição das cidades e regiões. Ao inspirar nos seus cidadãos sentimentos de pertença e de auto-estima, eles tornam-se acessíveis aos estrangeiros e, na medida em que os emigrantes forem envolvidos nesse processo, tornam-se cidadãos da Europa.

AS CIDADES E REGIÕES TRANSFORMAM OS "FORASTEIROS" EM CIDADÃOS DA EUROPA.

O confronto cultural enquanto produto da migração, do conflito intergeracional ou de outras circunstâncias históricas, é uma das características distintivas da Europa. A história europeia está repleta de conflitos entre pessoas de culturas diferentes, com outras origens étnicas, e exprime-se em termos de lutas pelos direitos das minorias, de repressão, de perseguição, de êxodo e de destruição.
Por outro lado, existe uma tradição de liberdade e tolerância, de integração de estrangeiros e de diálogo inter-religioso e há também uma tradição de liberdade religiosa e de cidades cosmopolitas, particularmente na Europa Central e de Leste. O propósito do diálogo é integrar "forasteiros" na auto-imagem da Europa.
Uma característica-chave da Europa, por comparação com o res-

to do mundo, é a sua capacidade de gerar identidades múltiplas e culturas híbridas. Dentro das cidades e regiões, a identidade cultural torna-se um fenómeno tangível, com os seus aspectos positivos e negativos. É aqui que a diversidade cultural desenvolve – ou não desenvolve – o seu potencial como condutor do desenvolvimento sustentável e da coesão social. Em regra, os imigrantes não investem as suas esperanças numa cidade ou região particular que ligam à sua fé, têm antes esperança na Europa. Na óptica dos imigrantes, as cidades ou regiões onde residem representam toda a Europa.

A migração não é um fenómeno transitório. Como processo contínuo, é também um campo de experiências socioculturais. Um exemplo disto é a forma como, ao longo dos séculos, promoveu o desenvolvimento cultural e económico das cidades e regiões acompanhando as antigas rotas de comércio europeias.

As cidades e regiões precisam de ver renovados e actualizados os conceitos de integração, de forma a permitir-lhes acolher num patamar equitativo as culturas de fora, tratando-as com respeito. Em contrapartida, esperarão que os imigrantes reconheçam os valores europeus próprios de uma sociedade aberta e livre.

As cidades e regiões podem retirar uma certa força de coesão do fenómeno da migração se souberem explorar a justaposição de diferentes culturas como uma das forças distintivas da Europa e reconhecerem o seu potencial na resolução de situações problemáticas.

Navid Kermani: *"Sejam mais entusiastas sobre a ideia de serem europeus!"*

"Se necessário, (os imigrantes) podem existir sem a Europa – como alemães, espanhóis, italianos, etc. – penso que devemos considerar perniciosa essa possibilidade de um começo relativamente confortável por ele significar uma total falta de entusiasmo pela ideia de integração europeia por parte, tanto das instâncias europeias, como dos cidadãos europeus."

"[...] para mim, é diferente. Para mim, a Europa tem tanto de necessária como de promissora. Não consigo viver sem a Europa [...]

"Uma pessoa não se torna alemã. Como imigrante, permanece iraniana, turca ou árabe durante duas ou três gerações. Mas é possível tornar-se europeia [...]"

"Preciso desta Europa, se não, para onde iria? Questiono-me verdadeiramente para que outros locais poderia ir – onde os meus filhos pudessem crescer – em alternativa a uma Europa que cumpre a sua promessa de oferecer um lar a pessoas de diferentes origens, religiões ou raças, de acordo com os princípios seculares da sua constituição [...]"

"Por isso, sejam mais entusiastas em relação à ideia de serem europeus!"

Navid Kermani, autor germano-iraniano, discurso numa conferência em Berlim em Novembro de 2004 sobre o tema "A Soul for Europe" (Uma Alma para a Europa).

4. UM COMENTÁRIO ACADÉMICO SOBRE DIVERSIDADE CULTURAL

Franco Bianchini

1. Introdução

As estratégias interculturais urbanas devem ir além da igualdade de oportunidades e do respeito pelas diferenças culturais, chegando até à transformação do espaço público pluralista, da cultura cívica e das instituições. Elas não devem reconhecer as fronteiras culturais como algo de fixo, mas sim em estado de permanente fluxo e transformação. Uma abordagem intercultural visa facilitar o diálogo, o intercâmbio e o entendimento mútuo entre pessoas de diferentes origens culturais. As autoridades municipais devem desenvolver políticas que confiram prioridade ao financiamento de projectos que visem o cruzamento de culturas diferentes com proveniências distintas, que se "contaminem" mutuamente e se misturem. Isto contrasta com o modelo de multiculturalismo, em que o financiamento é direccionado dentro dos limites bem definidos de reconhecimento das comunidades culturais. Por outras palavras, os governos municipais devem promover o cruzamento de todas as fronteiras culturais e a fertilização cultural

além-fronteiras, entre as "maiorias" e as "minorias", culturas "dominantes" e "sub"culturas, localidades, classes, credos, géneros e disciplinas, como fonte de inovação cultural, social, política e económica.

2. Dois exemplos de possíveis aplicações de uma abordagem intercultural

a. Planeamento urbano e design

As cidades interculturais não surgem espontaneamente, mas requerem um planeamento criativo, cuidado e equilibrado. As cidades podem criar "fronteiras ténues" quando as pessoas vão além da sua experiência normal de segregação e partilham um espaço comum, no qual ocorre uma interacção e sobreposição a nível social e cultural. Para que tal seja possível, é importante colocar no centro do planeamento estratégico urbano a ideia de cidade como uma rede de espaços públicos e um sistema de partes interligadas. Em alguns casos, as estratégias urbanas orientadas para o mercado conduziram a uma reorientação do planeamento urbano adoptando um design de microambientes separados e personalizados sem comunicação entre si e com pouca atenção dada aos "espaços intermédios". Um exemplo de boa prática é a criação, pela Câmara Municipal de Barcelona, desde a segunda metade da década de 1980, de várias praças públicas, percursos pedonais e jardins de bairro, pequenos teatros a céu aberto, pontuados com obras de arte, mosaicos, esculturas e fontes. A estratégia visava a criação de novos espaços para a interacção social nos bairros e também estabelecer ligações entre as zonas periféricas, o centro da cidade e a costa marítima.

No entanto, a nova produção do ambiente construído tende a ser dominada por estilos internacionais estandardizados, com pouca consideração pela diversidade cultural e pelas competências e criatividade dos cidadãos locais. O sistema de planeamento urbano parece ser demasiado fraco, parecendo haver, por parte das autoridades municipais, falta de vontade política e de compromisso para assumir uma estratégia intercultural e para negociar com os

promotores a produção de uma maior diversidade de estilos, de usos, de recursos e de empreendedores.
Há certamente oportunidades para introduzir elementos interculturais na arquitectura e design de novas moradias, escritórios, espaços de lazer e de comércio. Um estilo intercultural poderia acrescentar à distinção destes empreendimentos, além de reflectir a crescente composição multiétnica e social das cidades europeias.

b. Museus e arte pública: transformar a memória colectiva, os símbolos e as celebrações cívicas de modo a incluir o "outro"
A memória colectiva atesta carinho e apego pela cidade, mas é selectivamente moldada pela experiência pessoal e de grupo, bem como pelas opiniões de figuras públicas, da comunicação social e da população. Geralmente, as reivindicações da memória autóctone prevalecem sobre as das pessoas de fora e dos recém-chegados, especialmente em países com um passado colonial. A chave para a solução do problema reside no restabelecimento da ligação da presença de estrangeiros e recém-chegados com a história imperial/colonial da cidade e do seu desenvolvimento industrial, que atraiu trabalhadores, provenientes das colónias e de países menos desenvolvidos. Assim, a história da vinda desses trabalhadores, da sua subordinação, empobrecimento ou exílio, torna-se parte da história da cidade. Os símbolos públicos devem reflectir esta dupla dimensão histórica. A estatuária emblemática do centro da cidade pode ser questionada não só através de acrescentos pluralistas, como também através da justaposição de símbolos, com montagens e brincadeiras, performances e instalações, que interagem e criticam a vertente desequilibrada da história. Da mesma forma, fazer-se uma melhor contextualização das colecções dos museus, explicando como a aquisição dos seus tesouros está ligada a exploração ou a guerras e apropriação.

A criação da Fundação Rich Mix Cultural, no East End de Londres, por exemplo, foi explicitamente feita para promover o entendimento intercultural e a inclusão, celebrando e promovendo a diversidade cosmopolita de Londres e do seu património. A fundação, estrategicamente localizada no bairro de Spitalfields – a porta de entrada dos imigrantes na cidade – foi criada a partir da

conversão de um edifício industrial abandonado. Hoje é um centro multimédia e multiusos que combina elementos tradicionais e futuristas na sua arquitectura e forma incluindo um café com internet, um museu digital e centro de informação, bem como espaços de restauração, artesanato, salões de design, oficinas de indústrias culturais, espaço de performance, de teatro e cinema áudiovisual, salas de ensaio musical e estúdios de gravação bem como uma galeria com uma sala de recursos educativos (ver www.richmix.org.uk).

A arte pública simboliza quem são os cidadãos de uma cidade, quais os eventos que os moldaram, a sua proveniência, os espaços que podem habitar e onde podem ir. Existem muito poucos exemplos na Europa que ofereçam uma compreensão intercultural da identidade dos seus cidadãos, em que a história incorporada nas suas imagens seja variada. No entanto, um projecto fascinante, em Milão, o Wide City, criado pelo artista contemporâneo Luca Vitone, produziu um mapa cultural urbano que faz a ligação entre mais de 500 centros culturais de migrantes, organizações culturais estrangeiras, associações e projectos culturais, lojas étnicas, especialidades gastronómicas, livrarias e lojas de discos, take-aways e restaurantes, centros comunitários e locais sagrados. Este itinerário alternativo de Milão girava em torno de uma exposição central, ligada às semanas dos "Open Days" (Dias Livres), com autocarros gratuitos que transportavam pessoas entre os diferentes centros culturais, onde os visitantes podiam conhecer um pouco da vida de diferentes comunidades, a sua alimentação, a actividade comercial, as obras de arte, alargando assim a sua experiência cultural da cidade e abrindo o acesso a locais que normalmente não frequentariam.

4. CONVERSÃO E REABILITAÇÃO URBANAS

A conversão e reabilitação urbanas há muito que faz parte da história da Europa. No entanto, as dramáticas mudanças estruturais que hoje se observam geraram projectos de conversão a uma nova escala em termos de número, qualidade e alcance. Por toda a Europa, os avanços técnicos associados à evolução social, política e económica estão a tornar obsoletas as indústrias convencionais e a deixar as áreas comerciais e industriais abandonadas. Instalações militares, edifícios administrativos, áreas portuárias e complexos habitacionais, transportes, escolas e outros tipos de infra-estruturas urbanas estão a tornar-se redundantes ou estão a ter utilizações totalmente diferentes. O envelhecimento da população e o processo de urbanização estão a conduzir ao declínio das aldeias e das pequenas cidades. Como consequência, tanto nas cidades como no campo os problemas sociais – como o desemprego de longa duração, o aumento do crime e a perda da identidade no trabalho – estão cada vez mais difundidos. Locais abandonados situados em áreas desenvolvidas – muitas vezes centrais na cidade – reclamam reabilitação para novos usos. Quando os edifícios perdem a sua função original, enfrentam um risco de demolição, colocando em risco aspectos importantes da identidade cultural que fazem parte do património colectivo. Um processo de conversão, reconversão e novos usos irá consolidar novas identidades.

1. EXEMPLOS DE CONVERSÃO E REABILITAÇÃO URBANA

Desde Maio de 2008 que a Capital Europeia da Cultura RUHR 2010 tem vindo a desenvolver uma nova estratégia de regulamentação e de reabilitação urbana na região de Ruhr, que já foi o coração industrial da Europa. O desenvolvimento de bairros culturais não seguiu um modelo específico, mas sim um processo.[26] Para este fim, foram criados centros de discussão em cada município da re-

26 "Relatório sobre o Desenvolvimento Urbano 2008. Politicas para as Cidades do Interior", Ministério das Obras Públicas e dos Transportes do Reno Norte-Westphalia.

gião metropolitana de Ruhr para que representantes da cultura e da indústria cultural pudessem dialogar com as autoridades municipais, com vista a transformar e revitalizar zonas industriais, convertendo-as em zonas residenciais sociais.

(em cima) O Museu Guggenheim de Bilbao alterou a topografia cultural da Europa. ©MykReeve/Wikipedia

(em baixo, à esquerda) Oslo: antigos silos de cereais foram transformados em alojamentos de estudantes. HRTB AS Arkitekter

(em baixo, à direita) Essen: complexo industrial das minas de carvão de Zollverein. O antigo edifício das caldeiras foi adaptado para receber o actual Centro de Design Rhine/Westphalia. Projecto de reconversão: Norman Foster. ©Henning Pietsch 2006

Stanica Žilina Zariečie, Eslováquia
Uma estação de comboio em funcionamento foi reconvertida para assumir uma função paralela como centro cultural administrado pela ONG Truc sphérique.

A ADAPTAÇÃO PARA FINS NÃO CULTURAIS TAMBÉM É UMA FORMA DE CONTRIBUIÇÃO CULTURAL.

A construção de Stanica Žilina Záriečie obedeceu a dois propósitos: por um lado, funcionar como estação ferroviária e, por outro, como centro cultural (integrando uma galeria, um espaço deworkshops, um café com internet, uma sala de espera e um espaço multiusos para apresentação de teatro, dança, concertos, debates e projecções). O Centro Cultural Stanica constitui a principal actividade da ONG Truc sphérique que, nos três anos consecutivos de actividade, conseguiu atingir plenamente o seu objectivo de funcionar como um foco regional da cultura internacional.

Missão da organização
A Truc spherique funciona como uma plataforma aberta de ligação entre a arte contemporânea e o desenvolvimento social. A Truc spherique concebe a arte contemporânea e a cultura não apenas como formas de lazer ou de passar o tempo livre, mas antes como meios de desenvolver a criatividade, o crescimento pessoal e novas formas de comunicação. Propõe-se deslocar a cultura da periferia para o centro, considerando-a mais determinante para a criação de novas perspectivas do que quaisquer factores de ordem económica ou política.

Membros da equipa

A equipa da organização Truc spherique é constituída por 10 elementos permanentes a que se juntam colaboradores externos da Eslováquia e também do estrangeiro. No Verão, esta ONG conta igualmente com a participação de dezenas de voluntários da região, bem como de outros pontos da Europa. Todos os anos, acolhe três voluntários europeus para trabalhar e participar na vida da organização. Em 2003-2004, mais de 300 jovens participaram na reconstrução de Stanica.

O projecto Estação Ferroviária (Stanica) iniciou-se com a reconstrução e utilização simultânea do espaço ainda em funcionamento na estação ferroviária de Zilina-Zariecie (cedido sem custos pelos Caminhos-de-Ferro da República Eslovaca). Após três anos de funcionamento, os espaços meio reconstruídos da estação foram reconvertidos para diversos fins: exposições de artes visuais, ateliês e oficinas, café e sala de espera, centro de informações e sala de leitura, tendo também um espaço multiusos para apresentação de teatro, dança, concertos, debates e projecções. O Centro Cultural Stanica é a principal actividade da Truc sphérique assinalando o bom sucesso da sua missão cultural. O projecto Stanica está associado de forma livre a instituições culturais internacionais, criadas na plataforma, a partir da iniciativa de jovens e artistas dedicados à revitalização de espaços industriais desocupados, de objectos industriais, de estações e de centros comerciais.[27] Este pro-

27 Veja-se, por exemplo, os centros associados à Trans Europe Halles, uma rede de que Stanica também é membro. Para mais informações consultar www.teh.net

jecto, no entanto, transcende as outras fábricas de arte de uma forma original, já que se espera que preserve a função original da estação – mantendo uma sala de espera e o local de venda de bilhetes para a linha ferroviária local que liga Zilina a Rajec.

Desta forma, surgiu um novo centro de actividades culturais que promove a associação de um espaço público – estação ferroviária em funcionamento – com um centro cultural multimédia que desenvolve actividades e apresentações criativas, educativas e sociais, baseadas na arte contemporânea, E com um objectivo explícito: encarar a arte como "promotora da mudança social". As actividades e a operacionalidade da Truc spherique podem caracterizar-se pelas seguintes palavras-chave: desenvolvimento da criatividade; interligar pessoas; qualidade; mudança social; diversidade cultural; local/internacional; poético/pragmático; bom ambiente; amigável.

Este projecto constitui um modelo inovador e um exemplo para a criação de novos centros culturais e, eventualmente, para a transformação dos já existentes na Eslováquia e nos países vizinhos. O modelo tem uma base de independência jurídica e financeira, prevendo diferentes fontes diversas de financiamento, incluindo o autofinanciamento e o voluntariado e excluindo actividades comerciais. Paralelamente, o Espaço Cultural Stanica organiza debates e promove intervenções sobre o desenvolvimento de novos modelos de política cultural na Eslováquia.

No interior do Centro Cultural Stanica em reconstrução, encontram-se disponíveis:

– exposições de artes visuais
– ateliês e workshops
– info-café e sala de espera
– espaço multifuncional para a apresentação de teatro, dança, concertos, debates e projecções
– escritórios

www.stanica.sk/main

Um "workshop para um novo paisagismo"
Um programa visionário e uma nova campanha de imagem para a antiga área mineira de Lausitz (Brandenburgo).

Prince Pückler Land Internationale Bauausstellung (IBA)
A Exposição Internacional de Emscher Park [Internationale Bauausstellung ou IBA], entre 1989 e 1999, foi o primeiro exemplo de um projecto de reestruturação total de uma área, com a criação do Emscher Country Park, na região de Ruhr. A mesma abordagem foi agora adoptada para Pückler Prince Land IBA, na parte sul de Brandenburgo, com um projecto de desenvolvimento urbano a implementar entre 2000 e 2010, no que constitui um programa visionário de grande projecção para esta antiga zona mineira.

O que foi outrora o maior centro gerador de energia da RDA passou a ser a maior área de intervenção paisagística da Europa. O projecto implica não só o cultivo da terra anteriormente destruída pela mineração a céu aberto, como também o registo da história do desenvolvimento da paisagem. Parte do processo de transformação implica uma redefinição dos edifícios industriais, das instalações mineiras e dos alojamentos dos trabalhadores, bem como vastas áreas de terrenos industriais. Englobando 25 projectos exemplares e algumas iniciativas apoiadas pela UE, a IBA, enquanto entidade apoiante da reestruturação, oferece apoio económico, criativo e ambiental.

O "workshop para novas paisagens" engloba 25 projectos independentes e três iniciativas da UE de apoio a mudanças estruturais.
Cada um dos 25 projectos tem um carácter próprio – alguns centram-se na cultura industrial e no paisagismo, outros têm como objecto a natureza e o paisagismo em torno dos lagos, existindo também projectos transfronteiriços como o de Guben-Gubin e a "Rota da Energia" baseada no património industrial de Lausitz.

As Biotorres de Lauchhanmmer. ©Steffen Rashe

Dinossauros industriais e marcos históricos

A IBA tem envidado esforços para manter vestígios da indústria mineira como marcos de memória do passado industrial. Muitos desses edifícios e equipamentos já foram reabilitados para novos usos. A antiga linha transportadora de detritos mineiros de Lichterfeld, por exemplo, está a ser convertida num local para turistas, atraindo cerca de 70 mil pessoas por ano.

As Biotorres em Lauchhammer são um marco de memória de uma instalação industrial maciça que, na década de 1950, transformava lignite em coque para utilização em altos-fornos. Nas torres eram purificadas as águas residuais produzidas no processo de produção de coque.

Antigos poços transformados num "novo mundo aquático"

Um sem-número de "buracos velhos", como os mineiros chamavam aos poços a céu aberto já secos, foram inundados para criar novos lagos, dos quais 10 estão ligados por canais, conferindo um aspecto característico à paisagem do lago Lausitz pela sua arquitectura flutuante. Um centro de férias e uma escola de mergulho já foram criados nos lagos e outros projectos estão em fase de planeamento, incluindo um centro de férias flutuante, uma passadeira também flutuante com mil metros de comprimento e um centro de actividades sobre a água. www.iba-ver.de.

Outros exemplos de reconversão e requalificação urbana
Turim, Manchester, Elblausitz, Spreelausitz
Lille / Roubaix / Tourcoing
Lyon
Sul da Bélgica/Valónia
Bairro dos antigos armazéns de Copenhaga
Paris: Bairros 12 e 13, La Villette e Parque Citroën
Paris: Quartier des Moulins
Veneza: Università IUAV
Emscher Country Park, região do Ruhr
Speicherstadt de Hamburgo [Distrito dos Armazéns] e zona portuária
Londres: porto
Berlim: Spandau Wasserstadt [Cidade Aquática de Spandau]
Ludwigshafen

Conversão dos cursos de água, massas de água e áreas costeiras
Barcelona
Riviera
Portos de Estocolmo e Copenhaga
Porto de Londres

Utilizando o legado comunista
Talim
Riga

2. QUESTÕES SOBRE CONVERSÃO E REABILITAÇÃO URBANAS

Apresentam-se de seguida orientações dirigidas aos responsáveis do sector público e do voluntariado das cidades e regiões para prosseguimento das suas actividades segundo uma perspectiva europeia. Estas orientações deverão servir para incentivar a identificação do potencial de diversidade cultural de cada cidade ou região e a utilização desse potencial como uma estratégia de promoção. Poderão servir igualmente para identificar os parceiros adequados para as actividades a nível local, regional ou internacional.

O levantamento que se segue não pretende ser um inventário exaustivo nem um questionário, mas antes um instrumento de trabalho para utilizar a nível local.

a. Levantamento

– Em que projectos está a sua cidade ou região envolvida no amplo processo europeu de conversão e de reabilitação urbana e qual a contribuição específica que faz para esse processo?
– Que factores históricos, à escala europeia, desencadearam estes projectos de conversão e de reabilitação urbana?
– Qual o impacto da mudança estrutural no desenvolvimento social, económico e cultural da sua cidade ou região no que diz respeito à sua posição na Europa?
– Que significado têm os usos originais dos equipamentos da cidade ou região, até que ponto foi radical a sua transformação, e que impulso sustentável pode a cidade ou região retirar da conversão ou da reabilitação urbanas?
– Quem são os promotores (públicos e privados) da conversão ou da reabilitação urbanas?
– Os objectivos do projecto foram alcançados?
– Em que medida os usos culturais são parte da transformação?
– Os projectos de conversão ou de reabilitação urbanas previram a protecção dos *lieux de mémoire*, ou a criação de novos, e são eles parte de um património cultural europeu?
– Os projectos de conversão ou de reabilitação urbanas afectam a cidade ou a diversidade cultural da região?

b. Estatuto na prática municipal e regional

– Qual é o estatuto da conversão e da reabilitação urbanas na estratégia de desenvolvimento cultural para o posicionamento da sua cidade ou região no espaço europeu?
– A valorização e o reforço do potencial cultural da cidade

ou região fazem parte da estratégia de desenvolvimento durante o processo de conversão e de reabilitação urbanas?
– Que estratégias orientadas para a Europa prossegue a cidade ou região através dos seus projectos de conversão e de reabilitação urbanas? Por exemplo, tem em consideração as suas ligações históricas, faz uma abordagem de "retorno à natureza", tem em conta a modernização, prevê a oferta de novos equipamentos culturais, uma utilização eficaz do espaço público ou o controlo da qualidade em termos de urbanismo e arquitectura?
– De que forma são os representantes públicos responsáveis pela conversão e pela reabilitação urbanas (por exemplo, os responsáveis dos departamentos dos assuntos económicos, sociais e ambientais, da educação, do ensino superior e investigação, das finanças, do desenvolvimento municipal e regional, dos assuntos europeus) envolvidos nas estratégias e nos projectos culturais?
– A sua cidade ou região faz uso dos programas de apoio da UE para a conversão e a reabilitação urbanas (por exemplo, EFRE, INTERREG e URBAN) e de que forma inclui componentes culturais nos projectos em causa?
– Os projectos de conversão ou de reabilitação urbanas ameaçam de alguma maneira aspectos do seu património cultural, estruturas culturais associadas a uma minoria ou locais associados a celebrações de cariz histórico?

c. Relações com a Europa

– Que projectos de conversão ou reconversão da cidade ou região são excepcionais a nível europeu, e como se pode tornar conhecida essa natureza especial?
– Quais desses projectos têm homólogos noutros países europeus, e como podem essas semelhanças ser divulgadas publicamente?
– A cidade ou região toma outros projectos europeus como exemplos, e os projectos de conversão ou de reabilitação

urbanas na sua cidade ou região servem de modelo para outras cidades e regiões na Europa?
– A transferabilidade dos projectos é avaliada tendo por base os aspectos metodológicos, culturais, técnicos ou económicos da sua concepção, ou as circunstâncias análogas em que se iniciam?
– Existe algum tipo de intercâmbio de experiências a nível europeu?

d. Articulação com o cenário contemporâneo

– O processo de conversão e de reabilitação urbanas foi concluído ou falta ainda transformar espaços?
– A cidade ou região apoia as actividades dos jovens criativos, a inovação cultural e novas formas de produção cultural que se possam relacionar com a conversão e a reabilitação urbanas?
– Como é que a cidade ou região preserva as suas tradições em termos de arquitectura, desenvolvimento urbano e utilização dos espaços, no presente e no futuro?

e. Participação da sociedade civil

– De que forma está a sociedade civil envolvida no processo de conversão e de reabilitação urbanas?
– Quem são os representantes da sociedade civil envolvidos no processo de conversão e de reabilitação urbanas e na respectiva discussão?
– Qual o papel desempenhado pela sociedade civil no processo de transformação estrutural, tanto em termos de identidade como a nível económico?
– A cidade ou região promove o debate público sobre a natureza e os objectivos da conversão e da reabilitação urbanas?
– De que forma estão os meios de comunicação social envolvidos no processo?

– Como é que a cidade ou região organiza a comunicação entre os projectistas, os decisores políticos, os investidores e os cidadãos?

f. A cooperação intermunicipal, transregional e internacional

– Existe alguma relação dos projectos e das pessoas neles envolvidas com redes nacionais, internacionais, europeias ou mundiais?

3. A CATEGORIA DE CONVERSÃO E REABILITAÇÃO URBANAS

Para fazer face às mudanças estruturais, a Europa está a conhecer um processo de conversão de equipamentos desactivados e de reabilitação de áreas urbanas. É importante que as cidades e regiões partilhem experiências e estratégias de reutilização de equipamentos abandonados, como parte do processo de reabilitação urbana, criando novas relações económicas e identidades culturais, seguindo o mote de Ernst Bloch ¬– "Recuperar o velho para criar o novo".

A ADAPTAÇÃO PARA FINS NÃO CULTURAIS TAMBÉM CONSTITUI UMA CONTRIBUIÇÃO CULTURAL

Precisamos, portanto, de entender a conversão e a reabilitação urbanas como um processo de transformação funcional que é significativo à escala europeia. O processo de transformação de fábricas ou de outros edifícios abandonados tem um valor cultural considerável – seja por razões técnicas, de ordem económica, política ou social – e não só nos casos em que a função original do edifício passa a ter uma função cultural. A adaptação para fins não culturais – como a habitação, o desporto ou a oferta de lazer, de serviços ou o uso comercial – também constitui uma contribuição cultural. Além disso, é justo dizer que a capacidade de conversão torna manifesta a capacidade de transformação e de assimilação, própria da cultura europeia.

A transformação de velhos edifícios, antigas instalações militares ou industriais ou áreas com outros usos em espaços culturais, embora seja uma conversão urbana, não significa, necessariamente, que esteja a ser dado um contributo de relevância europeia à cidade.

A conversão e a reabilitação urbanas nem sempre reforçam o perfil cultural de uma cidade ou região; também podem prejudicá-lo. Podem, por exemplo, destruir aspectos importantes do património cultural de relevância europeia ou locais de comemoração; podem romper laços sociais, expulsar as minorias culturais, acabar com os espaços públicos, ou ignorar as condições económicas e espaciais necessárias para a produção cultural inovadora.

4. UM COMENTÁRIO ACADÉMICO SOBRE CONVERSÃO E REABILITAÇÃO URBANAS

Harald A. Mieg[28] e Anja Mieg-Debik[29]

Conversão: partindo das plantas para uma leitura dos lugares e cidades

O tema da conversão é aqui discutido em relação à cultura, à identidade e à responsabilidade, mas é necessário definir de modo preciso o conceito, antes de podermos aplicá-lo neste contexto transdisciplinar. O termo "cultura" pode ser entendido em pelo menos dois sentidos: como algo que é criado (patente em teatros, museus, etc.) e também como as regras ou as instituições de uma sociedade (isto é, a cultura política, a cultura burguesa, etc.). O facto de muitos conceitos sociais fundamentais serem abertos à interpretação é uma das questões que alimenta o discurso social. Pretendemos, no entanto, limitar este comentário académico a um número de ideias em torno da questão: o que há de especificamente "europeu" nos processos de conversão que acontecem na Europa?

Prefácio

O desenvolvimento urbano é, hoje em dia, geralmente entendido como a transformação de uma cidade ou localidade preexistente. A conversão está a tornar-se um conceito central para as estratégias de desenvolvimento, tanto das áreas em desenvolvimento como das zonas em declínio. Encontram-se nas localidades e nas cidades europeias grandes extensões de terra antes ocupadas por fábricas, instalações portuárias ou de transporte ferroviários, instalações militares, muitas vezes em locais centrais, que exigem uma reestruturação e um novo uso. No entanto, a conversão e a reconstrução não são tão fáceis na Europa como o são nos EUA ou na Ásia. Na Europa levantam-se diversos obstáculos, quer seja por via da regulamentação para as construções, quer seja por via das regras relativas à protecção dos monumentos históricos ou

28 Porta-voz do Centro de Investigação Metropolitana Georg Simmel.

29 Arquitecto, Berlim e Paris.

da obrigatoriedade de obter autorizações por parte das instâncias locais. Daqui resulta uma certa continuidade histórica europeia que, por si só, sustenta um sentido de identidade.
A conversão implica a demolição e a reconstrução, bem como a reutilização e adaptação de estruturas existentes. O termo "reabilitação urbana" tem sido usado para descrever este processo em grande escala, afectando diversos locais do centro da cidade. Os grandes projectos de reabilitação actuais tendem para uma abordagem pragmática dos edifícios existentes, uma ampla variedade de usos, permanentes ou transitórios, como acontece, por exemplo, em Barcelona, Berlim e Oslo. Verifica-se, no entanto, que os ciclos de utilização dos edifícios e infra-estruturas urbanos são cada vez mais curtos e, simultaneamente, que as áreas urbanas modernas assumem uma gama cada vez mais complexa de funções. Como resultado, há muitas vezes que optar entre a construção de um edifício multiusos comum e a reutilização de um existente. Um edifício existente não só oferece a mais-valia de uma estrutura madura que pode ser adaptada, mantendo a fachada exterior, como partilha também a sua história e a personalidade únicas com a nova entidade que está a ser criada. Ao contrário da prática corrente na China, por exemplo, na Europa a ênfase está a alterar-se, passando do planeamento do desenvolvimento urbano para a sua interpretação e continuidade.

a. A profundidade histórica como dimensão distintiva

Na Europa, as conversões urbanas são um reflexo da profundidade histórica de uma determinada área, ao exprimirem inevitavelmente um passado histórico e ao contribuírem simultaneamente para a sua história, processando mudanças na ordem estabelecida com a introdução de novas ordens. Essas conversões são provocadas por revoluções ou mudanças de poder: a título de exemplo, temos a transição do sistema feudal para uma sociedade burguesa no século XIX e a desindustrialização do final do século XX. No primeiro caso, era necessário encontrarem-se novas utilizações para castelos e grandes casas senhoriais; no segundo, os locais industriais tornaram-se o centro das atenções. No século XIX, as zonas industriais tendiam a localizar-se fora do perímetro urbano das vilas e cidades – na Alemanha temos o exemplo da zona

industrial Sulzer-Escher Wyss, situada junto da principal estação ferroviária de Zurique. Com o posterior desenvolvimento das vilas e cidades, muitos desses locais tornaram-se parte do perímetro urbano. O mesmo aconteceu com frequência com as instalações militares. Assim, a conversão urbana passou a justificar-se de diversas maneiras, podendo apontar-se:

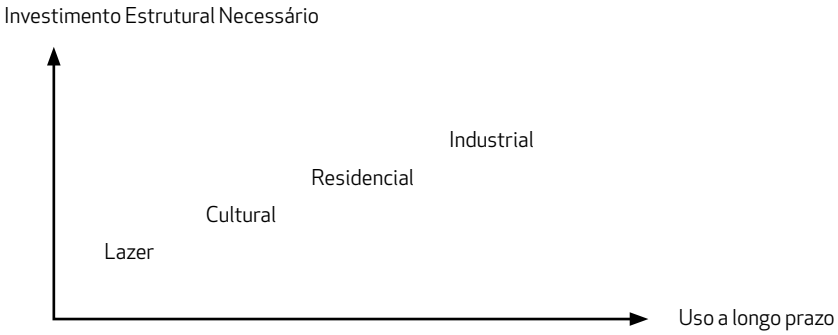
– **razões políticas** – para a conversão de castelos em museus ou universidades, por exemplo;
– **razões económicas** – para a reutilização dos antigos complexos industriais, por exemplo;
– **razões militares** – quando foi necessário encontrar novos usos para quartéis ou aeródromos;
– **necessidade de alterar infra-estruturas** – reflectida, por exemplo, na revitalização de antigas instalações portuárias ou de estações ferroviárias;
– **razões culturais** – por exemplo, conferindo novos usos a igrejas ou mosteiros.

As mudanças de poder – tanto de natureza política como de natureza industrial/cultural – são características da história europeia e estão na origem de uma história europeia de conversão. Outra razão para a conversão urbana está directamente relacionada com a densidade populacional da Europa: as áreas populacionais estabelecidas já não são simplesmente abandonadas.

Outro mote orientador da conversão é a gestão do desenvolvimento urbano ao longo do tempo: as conversões podem ser destinadas a usos provisórios ou como soluções a longo prazo. As utilizações provisórias dão tempo aos projectistas urbanos para fazerem uma pausa e reflectirem, desde que não estejam sob pressão. Este tipo de uso tem uma tradição na Europa e, em alguns casos, serve para valorizar os locais, especialmente se houver infra-estruturas de apoio.

O apelo dos usos culturais reside na sua rápida execução, e no facto de os investimentos estruturais serem relativamente acessíveis. A abertura de um museu numa área com algumas carências em termos estruturais – como aconteceu no caso do Centro

Pompidou, em Paris – tem o efeito imediato de atrair pessoas. A conversão da mesma área numa zona residencial de prestígio, ou a tentativa de promover o desenvolvimento das indústrias existentes, necessitaria de uma calendarização muito distinta.



b.Características de mudança estrutural comuns às vilas e cidades europeias

O aspecto especificamente europeu de conversão reflecte as características comuns aos processos de mudança estrutural nas vilas e cidades europeias. Um bom exemplo são as rotundas, como o são as universidades instaladas em antigos palácios ou os museus em antigas estações ferroviárias. Os modelos de desenvolvimento – sociais, económicos ou culturais – de um país eram susceptíveis de serem utilizados noutros países, o mesmo acontecendo no que diz respeito às cidades. No século XIX, por exemplo, surgiram as rotundas, adaptaram-se as muralhas e outras estruturas defensivas e instalaram-se as universidades em palácios e casas senhoriais como forma de aproveitar estes equipamentos.

É aconselhável, no entanto, sermos cautelosos relativamente a certos pressupostos genéricos como "a conversão urbana torna manifesta uma capacidade associada à cultura dos europeus em geral: a capacidade de transformação e de assimilação". Na verdade, essa mesma capacidade poderia ser considerada característica da cultura chinesa – que é hoje o modelo que representa a principal alternativa à cultura europeia. A China está actualmente a experimentar a assimilação de métodos económicos capitalistas sem que, em paralelo, ocorra uma alienação da cultura chinesa. O

que a cultura europeia tem de especial é a sua mistura de *racionalidade*, de *individualidade* e de *burguesismo*, caracterizando-se também pela transição de um gosto originalmente cortês para um gosto próprio de uma classe média (como defendido por Norbert Elias na obra O processo *civilizacional*). Por essa razão, os teatros de ópera têm sido uma das maiores exportações europeias.

Georg Simmel foi um dos primeiros autores a escrever sobre o papel das cidades no desenvolvimento da cultura e do modernismo. Na verdade, a responsabilidade cultural pela Europa passou a significar a responsabilidade pelas suas vilas e cidades. A cultura moderna é um produto das cidades, um resultado do refinamento da vida da cidade ou do que poderia chamar-se a "destilação da civilização". O que importa aqui não é tanto uma imagem específica da cidade ou um modelo para as cidades europeias, mas sim a importância da cidade e das questões cívicas para o desenvolvimento das sociedades europeias. A Europa é inconcebível sem as suas cidades.

C. A cidade palimpsesto

A conversão das cidades europeias lembra a tradição dos palimpsestos, os pergaminhos onde os textos medievais eram com frequência reescritos. Podiam assim sobrepor-se inúmeros textos, o novo escrito por cima do velho, ficando este apenas parcialmente apagado. Verifica-se também a alteração da lógica da conversão urbana, que passou de um planeamento para uma leitura. Temos de aprender a ler as nossas vilas e cidades, e, ao fazê-lo, a manter uma identidade no processo de mudança: a cidade pode ser constantemente reescrita. A conversão pode assim significar três coisas: supressão, reescrita ou continuidade.

Alguns exemplos. Na zona ocidental de Zurique está a ser dada continuidade à história de certos bairros; o Centro Pompidou representa uma reescrita; no caso do Stadtschloss em Berlim, a intenção parece ser a supressão da história. Primeiro, o Governo da RDA ordenou a demolição do edifício para apagar uma memória da Berlim feudal e burguesa, erguendo em seu lugar o Palast der Republik, que foi utilizado fundamentalmente para fins cultu-

rais. Agora, a decisão de reconstruir o antigo Stadtschloss, demolindo totalmente o Palast der Republik, irá por sua vez obliterar um marco da cultura da RDA. Esta é uma outra abordagem que não é atípica na Europa.

Como interpretar então a ideia de continuidade? Se a Europa se mantiver livre da guerra, haverá grandes áreas – estações ferroviárias, aeroportos, portos e parques de estacionamento – prontas para uma reconversão, em resultado de uma *mudança infra-estrutural*. A qualidade de vida nas cidades também está a tomar novas dimensões: os cursos de água urbanos, por exemplo, estão a ser redescobertos. Usados no passado como fossas, condutas de esgoto ou explorados para fins comerciais, os rios estão hoje em dia a ser reconhecidos como recursos importantes para o desenvolvimento da qualidade de vida e de um novo conceito de vida urbana.

A conversão urbana oferece uma oportunidade para *experiências urbanas responsáveis*. As histórias urbanas da Europa são as das suas capitais e de outras grandes cidades – ou de centros urbanos que sejam modelos ou precursores de desenvolvimento. Os centros comerciais de hoje serão amanhã locais prontos para reconversão, abrindo oportunidade para experiências urbanas. A história da metrópole também oferece perspectivas de uma conversão orientada para uma escala mítica. A cidade subterrânea poderia, por exemplo, revelar-se através da conversão dos túneis ferroviários urbanos e de outras estruturas subterrâneas, que têm histórias para contar. Este é outro exemplo de mudança de perspectiva do desenvolvimento urbano, a que já nos referimos, já não focada no planeamento de novos futuros para cidade, mas sim em aprender a lê-la para continuar a escrever a sua história de cultura urbana.

Bibliografia

Benevolo, L. (1993), *A cidade na história da Europa*, Editorial Presença, Lisboa, 1995

Elias, Norbert (1939, 1990), *O processo civilizacional*, 2 vols., Lisboa, Dom Quixote,1989

Siebel, W. (ed.) (2004), *Die europäische Stadt*, Frankfurt am Main, Suhrkamp.
Simmel, G., 1903, "Die Großstädte und das Geistesleben", in O. Rammstedt (ed.), (1995), *Aufsätze und Abhandlungen 1901-1908*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, pp. 116-131.
Wustenrot Stiftung (eds.) (2008), *Stadtmachen.eu: Urbanität und Planungskultur in Europa*, Stuttgart, Karl Kramer.
Wustenrot Stiftung (eds.) (2008), *Umbau im Bestand*, Stuttgart, Karl Kramer.

5. ZONAS DE FRONTEIRA

O conceito de diversidade cultural tem implicações para as fronteiras, da mesma forma que o número e densidade das fronteiras na Europa reflectem a sua diversidade cultural em termos espaciais e geográficos. As paisagens, os lugares e os projectos que identificam as fronteiras entre as diferentes culturas, povos e nações, podem assumir uma relevância europeia, na medida em que a diferença for reconhecida como um meio de promover a cooperação. Nesses casos são necessárias determinadas competências, designadamente: a capacidade de interagir e de comunicar de formas variadas (implicando o conhecimento de línguas, de regras, de leis e costumes). Desde que os processos daí resultantes não sejam deixados ao acaso, mas sejam activamente prosseguidos em ambos os lados da fronteira, podem tornar-se potenciais modelos para as zonas de fronteira em toda a Europa.
Existem diferenças qualitativas entre as zonas de fronteira na parte ocidental da UE, onde a cooperação transfronteiriça se pôde desenvolver ao longo de décadas, as fronteiras dos novos Estados-membros da UE e as fronteiras com os países europeus fora da zona Schengen, que faziam parte da antiga União Soviética e da Jugoslávia. Algumas das novas zonas fronteiriças europeias continuam minadas (em todos os sentidos).

1. EXEMPLOS DA CATEGORIA "ZONAS DE FRONTEIRA"

Borderland Foundation, Suwalki, Polónia
(Um exemplo de conservação da diversidade cultural e do património cultural europeu)

Na pequena cidade de Suwalki Sejny, na província nordeste da Polónia, perto da fronteira com a Bielorrússia, a Lituânia e o enclave russo de Kaliningrado, a Borderland Foundation tem trabalhado no sentido de desvendar um passado comum. Numa tentativa de assegurar a transmissão do património oral, promove junto das crianças nas escolas a recuperação de velhas canções que evocam a história da cidade antes do Holocausto. Por outro lado, a Funda-

ção transformou a antiga sinagoga, situada no centro da cidade, num espaço educativo.

A Fundação oferece cursos de pós-graduação para estudantes das zonas de fronteira e dedica-se a congregar a sabedoria e a riqueza das zonas de fronteira – uma riqueza que resulta da co-existência de diferentes tradições e crenças. A sua função é buscar um caminho que comece nos tempos antigos e venha até ao presente, procurando uma linguagem que torne a sabedoria dos mais velhos disponível para a geração mais jovem e possa inspirar um novo enquadramento artístico, pedagógico e científico. O principal objectivo da Borderland Foundation e do Centro Borderland of Arts, Cultures, Nations é contribuir para o reforço da sociedade através das suas iniciativas e das pessoas, ajudando na reconstrução da identidade dos seus ambientes sociais e das suas tradições, respeitando, ao mesmo tempo, as diferenças étnicas e a diversidade cultural. Por outras palavras, o seu objectivo é desenvolver práticas quotidianas que criem comunidades abertas nas zonas onde coexistem diferentes minorias étnicas, religiosas, culturais e nacionais, procurando encontrar meios de preservar as culturas tradicionais e, em certa medida, as culturas minoritárias.

A Fundação Borderland foi criada em Maio de 1990, e o Centro "Borderland of Arts, Cultures, Nations", em Janeiro de 1991, pelo governador da província de Suwałki. A Fundação optou por operar em Sejny, uma pequena cidade perto da fronteira lituana, por conter vestígios materiais e não materiais de um património cultural importante. A rua principal, onde está situada a Sinagoga, recorda a presença judaica, enquanto a pequena igreja evangélica evoca a presença dos protestantes. Actualmente, são visíveis em Sejny as presenças polacas e lituana. Nos arredores da cidade encontram-se também muitos traços de "antigos crentes" russos. Um pouco mais para sul e leste, encontramos outros territórios passíveis de uma interpretação cultural mais vasta: as zonas tártara, caraíta e arménia, toda a Bielorrússia e a Ucrânia. Algumas das actividades da Fundação e do Centro são permanentes: aulas sobre Património Cultural, o Teatro Sejny, o Klezmer Music Group, o Centro de Documentação das Borderland Cultures, a Galeria de Arte "Papuciarnia" e a editora Borderland Publishing House. Outras actividades são anuais ou acontecem mais do

que uma vez por ano: Memória de Outros Tempos; Conhecer o Outro; Fórum de Cultura do Cento da Europa; Aldeia de Arte Cigana; Escola Europeia das Zonas de Cultura; Regiões Abertas da Europa Central e Oriental; Camera Pro Minoritate; Café Europa e livros Borderlander.

Nos livros antigos de Sejny pode ler-se a descrição da inauguração da primeira sinagoga, em 1788, durante a qual a Torá foi levado para o templo pelo director do convento dominicano, que era um rabino. Naquele tempo, a cidade era governada pelos dominicanos e foram eles que convidaram os primeiros colonos judeus a fixarem-se ali para estimular o desenvolvimento do comércio e do artesanato. Em contrapartida, os dominicanos ajudaram os colonos judeus a construir o seu templo de orações.

www.pogranicze.sejny.pl/archiwum/ftp/borderland

A Grande Região do Luxemburgo – Capital Europeia da Cultura 2007
Quando o então primeiro-ministro do Luxemburgo, Jean-Claude Juncker, sugeriu que a designação de "Capital Europeia da Cultura 2007" deveria abranger não só o Luxemburgo, mas também toda região de Saar-Lor-Lux, a ideia foi calorosamente recebida pelos seus pares da França, da Alemanha e da Bélgica.

Tal como o Luxemburgo, a *Grande Région* [ou Großregion] inclui os estados federais alemães Rheinland-Pfalz e Saarland, os departamentos franceses de Moselle, Meurthe-et-Moselle, Meuse e Vosges, bem como as zonas germânicas e francófonas da Bélgica. A interligação destes quatro países, com três línguas diferentes e um total de 11,2 milhões de habitantes, constitui um pequeno "sector transzonal" da Europa.

A ideia de Juncker era simples: o Luxemburgo tem vizinhos que lhe foram muito próximos durante séculos, mas que, fruto do curso da história, permaneceram separados. Após a Segunda Guerra Mundial, com as fronteiras ainda activas, muitos passeantes domingueiros partiam do Luxemburgo para visitar Trier, Saarbrücken, Arlon, Metz e Thionville. Mais tarde, com o alargamento do fim-de-semana para dois dias e uma maior vontade de viajar por parte das pessoas, elas optaram por fazer curtas viagens

a Londres ou Viena, em vez de visitar os vizinhos do lado – o que foi uma perda para o Luxemburgo. Por isso, a partilha da designação de "Capital Europeia da Cultura" com os países vizinhos apresentou-se como um projecto correctivo necessário.

Qual é o legado de 2007?
Uma poderosa rede de forças culturais regionais.

(Declaração conjunta da *Grande Région* na cimeira de 1 de Fevereiro de 2008):

O Großregion Kulturraum / Espace Cultural Association Grande Région (http://www.plurio.org/param/93/praesentation.html)

– Estratégias para uma política cultural comum na *Grande Région*
– Reuniões regulares, com intervalos de 18 meses, dos representantes da *Grande Région* para a cultura.

Actividades em curso

– As sedes regionais da Capital Europeia da Cultura 2007 irão manter-se.
– O secretariado conjunto funciona como interface.
– O portal "plurio.net" é um recurso de partilha de informações e de apoio à cooperação entre os vários departamentos culturais envolvidos, funcionando como uma "montra" comum.

Estratégias para uma política cultural comum

– Transparência no sector cultural relativamente aos efectivos do ministério e do departamento da cultura.
– Partilha de informações sobre a política cultural e as áreas culturais de especial importância para os vários parceiros.
– Estratégias comuns de comunicação por parte de todos os agentes activamente envolvidos na cultura.

Comunicação sobre cultura na *Grande Région*

– Coordenação e conferências de imprensa.
– Uma identidade corporativa comum, acordos de publicidade, etc.

– Uso continuado do logótipo do veado azul 2007 – a fim de facilitar o reconhecimento e a identificação por parte do público.

Funcionamento de redes

– Criação de redes.
– Criação de "escritórios virtuais".
– Presença conjunta em feiras dentro e fora da *Grande Région.*
– Trabalho com a imprensa e de relações públicas a todos os níveis (regional, nacional e europeu).
– O portal cultural "plurio.net" como uma interface para todas as actividades.

Incentivo à mobilidade para artistas, obras e público

– Criação de condições favoráveis para a mobilidade baseada na investigação de disposições legais e fiscais.
– Estágios de trabalho e residências de artistas promovidos pelas administrações e instituições culturais, por associações e outras organizações.
– Coordenação da prestação de transportes para grandes eventos.

Projectos culturais transfronteiriços

– Maior alcance através da coordenação regional.
– Orientações claras para os co-financiamentos de projectos transfronteiriços, formulários de candidatura bilingues, entre outros.
– Intercâmbio de informações sobre actividades bem-sucedidas, candidaturas, concursos, entre outros.

Criação de áreas comuns de actividade que interliguem a cultura, a educação, a formação e o turismo

– Incentivar os jovens a identificarem-se com a Grande Région, através de projectos especiais como a Orquestra SaarLorLux, a iniciativa the Kunst macht Schule ("escola de artes"), etc.
– Focalização nos jovens como grupo-alvo para a transmissão de competências linguísticas e de outras competências interculturais, incluindo a mobilidade e os intercâmbios.

– Prestação de informações sobre oportunidades de educação e formação e sobre incentivos para viagens.
– Acordos com grandes operadores turísticos para projectos culturais de grandes dimensões.

Serviços públicos

– Usar as fronteiras como base para intercâmbios e melhores oportunidades para promover o desenvolvimento pessoal, melhorar a liberdade de circulação e criar uma comissão especial para analisar e resolver problemas
– O multilinguismo torna a região mais atraente e é uma mais-valia para os seus cidadãos.
– Privilegiar a aprendizagem das línguas dos países vizinhos, promovendo turmas bilingues em todos os níveis nas escolas.
– Promover intercâmbios escolares a nível regional para estabelecer laços entre os alunos e acelerar as aprendizagens.

A atracção da *Grande Région*

– Para além da sua posição geográfica central, a Grande Région deve a sua atractividade em grande parte à sua paisagem cultural diversa.
– Promoção da partilha de bens económicos e culturais.
– Representatividade enquanto grupo inter-regional, no âmbito do Comité das Regiões da eu.
– O diálogo inter-regional com os países dos Balcãs.

A "ilha europeia" Guben-Gubin

Guben-Gubin, situada na fronteira polaco-alemã, é identificada como uma "janela para a Europa" nas recomendações da comissão fundadora da Prince Pückler Land IBA. No contexto do alargamento da UE, Guben-Gubin assumiu uma relevância especial como zona de desenvolvimento local transfronteiriça. Com base em estudos de caso e acções-piloto, desenvolveram-se vários projectos com o intuito de estabelecer a ligação entre as comunidades de Guben e Gubin, antes separadas, de modo a para um centro polaco-germânico que poderia servir como um modelo transferível.

© Profifoto Kliche

Outros exemplos

Česky Těšin: Uma cidade de fronteira (CZ-PL) com uma importante acção cultural:
http://www.radio.cz/de/artikel/101960
Gorizia (Itália/Eslovénia)
Flensburg (Alemanha/Dinamarca),
Cooperação entre Viena e Bratislava

Três exemplos da categoria *lieux de mémoire* são também muito relevantes na categoria "zonas de fronteira", nomeadamente:
Weiler-St Germanshof (PAMINA),
Schengen
e Sopron.

2. XXXXXXXXXXXXXX

O que se segue são indicações sobre estratégias para as actividades de dimensão europeia destinadas aos responsáveis pelo desenvolvimento das regiões fronteiriças europeias – que operem tanto no sector público como no do voluntariado. A ideia é incentivar os responsáveis a identificar o potencial cultural e a promover intercâmbios transfronteiriços de forma sustentada. Também deve ajudar no processo de identificação de parceiros para as actividades relevantes, quer a nível local, quer a nível nacional ou internacional. O levantamento que se segue não pretende ser um questionário nem um questionário exaustivo, mas sim um instrumento de trabalho para uso local.

a. Levantamento

– Que aspectos da história e tradição caracterizam a sua cidade ou região como uma "zona de fronteira", e de que forma se encaixa essa identidade num contexto europeu?
– Essa identidade europeia inclui *lieux de mémoire* europeus, áreas de potencial para a diversidade cultural ou aspectos do património cultural associados à sua localização numa zona de fronteira, que sejam relevantes em termos europeus?
– A sua cidade ou região encontra-se numa das fronteiras externas da UE ou fora da UE?
– Que actividades transfronteiriças ocorrem ali e como se desenvolvem?
– Como pode a relevância europeia destas actividades ser ampliada?
– Que infra-estruturas culturais da cidade ou região são consideradas relevantes para a ocorrência de intercâmbios transfronteiriços?
– Existem organizações, instituições ou acordos para a promoção do intercâmbio cultural transfronteiriço?
– O que torna a sua região fronteiriça especial ou única na Europa e como pode ser usada essa sua especificidade?

– O que tem a sua região em comum com outras regiões fronteiriças, e de que modo podem ser relevadas as semelhanças europeias?
– Qual o impacto do intercâmbio cultural transfronteiriço na economia local e regional, na educação e na sociedade em geral?

b. Estatuto das práticas municipais e regionais

– De que forma estão as autoridades municipais ou regionais (departamentos dos assuntos económicos, sociais e ambientais, da educação, do ensino superior e investigação, do desenvolvimento urbano ou regional, das finanças, dos assuntos europeus e dos transportes locais) envolvidas na organização de actividades transfronteiriças, e sobre que temas específicos se processa o seu envolvimento?
– De que forma são relevados os pontos fortes da zona de fronteira e contrariadas as suas fraquezas?
– Como é que a sua cidade ou região coloca a cultura no centro dos intercâmbios transfronteiriços?
– De que forma a cidade ou região usa o carácter específico da sua situação de fronteira, ou as suas similaridades com outras regiões fronteiriças em prol das suas actividades culturais?
– A política de relações públicas da cidade ou região tem em consideração o facto de se tratar de uma zona de fronteira?
– A estratégia de desenvolvimento da cidade ou região tem em consideração o facto de se tratar de uma zona de fronteira?

c. Ligações com a Europa

– A sua cidade ou região recorre aos programas de apoio da UE (como o EFRE, o INTERREG e o URBAN) para promover os intercâmbios transfronteiriços e incorpora os aspectos culturais da situação em zona de fronteira nestes programas?

– Qual a relação entre os intercâmbios culturais transfronteiriços com outros intercâmbios entre cidades e regiões na Europa?
– Como é que a cidade ou região lida com a sua situação numa zona de fronteira relativamente à Europa?
– Os intercâmbios culturais transfronteiriços contribuem para a gestão de conflitos na UE?

d. Articulação com o cenário contemporâneo

– Os intercâmbios transfronteiriços, promovidos a nível local ou regional, englobam os jovens criadores, a inovação cultural e as novas formas de produção cultural?
– De que forma pode a cidade ou região utilizar a sua posição em área de fronteira para melhorar a sua situação actual e promover o seu desenvolvimento futuro?
– Que tipo de diálogo intercultural está associado ao processo de intercâmbio cultural transfronteiriço?
– Existe uma "terra de ninguém" na fronteira disponível para ser desenvolvida no presente ou no futuro?

e. Participação da sociedade civil

– Qual o envolvimento de pessoas ligadas a iniciativas públicas, privadas ou a empresas culturais nas actividades de intercâmbio cultural transfronteiriço? Existem articulações institucionais ou organizacionais entre equipamentos públicos e privados, entre programas e actividades?
– Quem são os actores da sociedade civil envolvidos em tais actividades?
– O Estado ou a região mantêm um registo actualizado do processo de intercâmbios transfronteiriços?
– O Estado ou a região organizam ou promovem intercâmbios transfronteiriços no âmbito da sua política geral de intervenção em benefício da comunidade?

– O intercâmbio transfronteiriço é objecto de divulgação de informações, de promoção de eventos ou de debate público?
– De que forma são envolvidos os meios de comunicação?

f. A cooperação intermunicipal, transregional e internacional

– As actividades culturais transfronteiriças locais ou regionais estão ligadas a redes nacionais, internacionais, europeias ou mundiais?
– Existe comunicação entre organismos e formas de colaboração transfronteiriços? De que forma é utilizada a experiência de intercâmbios culturais transfronteiriços de outras regiões e como é transmitida a experiência própria de uma cidade ou região a outras cidades ou regiões?

3. COMENTÁRIOS SOBRE A CATEGORIA "ZONA DE FRONTEIRA"

No passado, as fronteiras nacionais e mesmo regionais foram causa ou razão de conflitos na Europa e muitas foram o resultado de uma amarga história de conflitos. Hoje, as fronteiras delineiam o traçado da UE. As mesmas linhas que marcaram no passado o confronto e a divisão assinalam hoje um espaço aberto a encontros e cooperação produtiva entre regiões vizinhas.

As linhas de fronteira simbolizam não apenas o confronto e a divisão, mas também a esperança, a saudade, a liberdade e muito mais. Rios fronteiriços míticos como o Reno, o Danúbio e o Oder têm-se tornado pontos de encontro para todo o tipo de eventos culturais internacionais.

Vistas de um ponto de vista nacional, de ambos os lados da fronteira, as áreas fronteiriças são periféricas. No entanto, a partir de uma perspectiva europeia global são centros de cooperação. Por exemplo, a cidade germano-polaca de Görlitz dual-Zgorzelec fica na orla leste da Alemanha e no limite ocidental da Polónia, mas situa-se no centro da Europa.

A relevância cultural de uma região fronteiriça depende da imagem que uma comunidade tem de si própria. O significado que as regiões fronteiriças adquiriram outrora pode transformá-las em *lieux de mémoire* culturais – como parte da memória da Europa. Noutros casos, se as regiões foram ou ainda são marcadas por conflitos políticos e culturais, podem incentivar o diálogo transfronteiriço e os esforços de cooperação. A prática crescente do intercâmbio cultural, ultrapassando fronteiras físicas e culturais, pode realmente promover um sentimento de cidadania europeia em "periferias" nacionais, transformando as zonas de fronteira em bancos de ensaio para a integração europeia. Os europeus podem descobrir o seu potencial de futuro no que outrora foi uma "terra de ninguém".

UM SENTIMENTO DE CIDADANIA EUROPEIA PODE DE FACTO NASCER NAQUILO QUE SÃO AS "PERIFERIAS" NACIONAIS.

Há também exemplos de uma dinâmica oposta. Em certas regiões da UE (como a Catalunha e a Bélgica) e em regiões vizinhas (como os Balcãs Ocidentais), existem conflitos político-culturais enraizados, em certa medida, numa longa história de opressão das minorias. Estes conflitos reforçam conceitos de identidade definidos monoculturalmente e tendem a corroer a diversidade cultural da região, incentivando a criação de novas fronteiras e a consequente segregação cultural. Esta evolução pode ser combatida se soubermos identificar os tipos de oportunidades acima descritos, transformando as regiões fronteiriças em zonas de potencial para a integração europeia. Em comparação com as fronteiras mais antigas, como aquelas entre a Alemanha e a Alsácia-Lorena ou entre a Dinamarca e Schleswig-Holstein, o potencial cultural das fronteiras mais recentes entre antigos e novos Estados-membros da UE oferece provavelmente maiores possibilidades para intercâmbios de relevância europeia. No entanto, o desenvolvimento da cooperação e do intercâmbio cultural transfronteiriço é significativamente prejudicado pelo novo regime de fronteiras externas da UE, por exemplo, no que se refere às estabelecidas entre o Leste e Oeste dos estados dos Balcãs.

Na UE há muitos acordos de cooperação – por exemplo entre as regiões de fronteira alemã, suíça e francesa sobre o Reno ou entre o Luxemburgo, a Bélgica, a França e a Alemanha (ver abaixo) –

bem estruturados e que funcionam sem problemas. Valerá a pena disponibilizar a informação sobre as suas experiências, incluindo sucessos e fracassos, a fim de ajudar a fomentar a cooperação entre as diferentes zonas de fronteira situadas ao longo da antiga "Cortina de Ferro" entre o Báltico o mar Adriático, e também para promover os intercâmbios transfronteiriços na região entre os países que nasceram da antiga União Soviética e do colapso da Jugoslávia e entre as regiões periféricas da UE e os países vizinhos a leste e a sul.

4. UM COMENTÁRIO ACADÉMICO SOBRE "ZONAS DE FRONTEIRA"

Rudolf Schäfer

A diversidade e a importância estrutural da paisagem das zonas de fronteira na Europa

A paisagem das zonas de fronteira da Europa caracteriza-se por uma grande concentração, uma grande diversidade de formações geográficas, acidentes naturais, potencial económico, marcas culturais e destinos históricos e políticos. Há uma série de problemas intrínsecos aos territórios fronteiriços:

– Dos respectivos pontos de vista nacionais, ocupam uma situação periférica.

– Por esta razão, são frequentemente negligenciados pelos responsáveis políticos nacionais em termos de infra-estruturas e de desenvolvimento económico.

– Particularmente na Europa do pós-guerra, em muitas ocasiões as fronteiras cortaram os laços económicos, infra-estruturais, culturais e sociais.

– Especialmente na Europa Central e Oriental, muitas fronteiras e regiões de fronteira foram determinadas pela divisão da Europa pós-1945 com o consequente realojamento das populações.

– Numa Europa unida não só as paisagens das zonas de fronteira representam desafios enormes, como também oferecem um potencial considerável: as paisagens periféricas no interior da UE perdem frequentemente a sua localização periférica, tendo de se ajustar radicalmente à nova

situação. Isto implica, nomeadamente, superar as deficiências infra-estruturais (redes de transportes), tirando proveito da nova localização e reforçando o potencial endógeno das respectivas regiões.
– As regiões fronteiriças, algumas das quais centenárias, especialmente nas partes ocidentais da UE, podem alargar os laços culturais existentes e transformá-los em elementos essenciais de cooperação, de boa vizinhança e de estabilidade económica.
– Para as regiões de fronteira que foram criadas a partir da divisão da Europa após a Segunda Guerra Mundial, especialmente as da Europa Central e Oriental, o principal desafio – para além de reparar as deficiências económicas e infra-estruturais – é desenvolver uma consciência cultural que tome em devida conta o passado, o presente e o futuro de uma Europa unida.

Os desafios acima referidos só podem ser dominados a longo prazo e com recursos substanciais. Uma questão chave é, então, em que medida é que os esforços envidados – especialmente os de natureza cultural – podem contar com o apoio e financiamento da UE.

O desenvolvimento territorial das zonas de fronteira da Europa na política da UE

Durante alguns anos, o desenvolvimento territorial das zonas de fronteira foi um dos objectivos prioritários da UE. O prosseguimento deste objectivo foi formulado programaticamente no documento intitulado "Enquadramento do Desenvolvimento do Espaço Comunitário" (EDEC), elaborado em 1999, e considerado um instrumento fundamental para a política de desenvolvimento territorial da UE. Neste documento é atribuído um papel central à cooperação transfronteiriça e as autoridades locais e regionais são designadas como os principais intervenientes na política europeia de desenvolvimento territorial. Considera-se também que é a este nível que os cidadãos podem experimentar directamente os resultados da política europeia.[30]

30 "Desenvolvimento do Espaço Comunitário" (EDEC), p. 46 f., Luxemburgo, 1999.

Mesmo antes do EDEC já se tinham dado passos práticos no mesmo sentido – as chamadas euro-regiões ou Euregios – algumas das quais criadas logo em 1950.[31] Estas foram concebidas maioritariamente com um enfoque económico, para promover a cooperação social e cultural entre as próprias regiões e além-fronteiras. Para além do aspecto da cooperação transnacional, têm também como objectivo reforçar as regiões periféricas, potencialmente mais fracas. Cada Europaregion abrange territórios de pelo menos dois países. As Euregios apresentam uma grande variedade de estruturas jurídicas.

A iniciativa comunitária INTERREG deu um impulso decisivo para o conceito de cooperação territorial europeia. Desde 1990, a Comissão Europeia tem vindo a apoiar a cooperação inter-regional das zonas de fronteira, como parte da medida A desta iniciativa. O objectivo geral do INTERREG é que "as Fronteiras políticas da UE não constituam obstáculos ao desenvolvimento equilibrado e à integração do território europeu"; grande parte das regiões de fronteira, tem, desde então, recorrido a este apoio para implementar políticas de desenvolvimento territorial comuns – bem como projectos individuais – através da criação de organizações conjuntas, estruturas e redes.

Até 2006, a INTERREG foi considerada uma "Iniciativa Comunitária" no âmbito da política europeia. Pelo contrário, no actual período de programação (2007-2013), esta iniciativa comunitária tornou-se um dos objectivos dos Fundos Estruturais da UE com direito próprio (3º Objectivo: Cooperação Territorial Europeia). Esta situação demonstra a grande importância atribuída ao sucessor do INTERREG comunitário em termos de financiamento global. Outro objectivo do programa geração INTERREG IV é promover o desenvolvimento sustentável da cooperação económi-

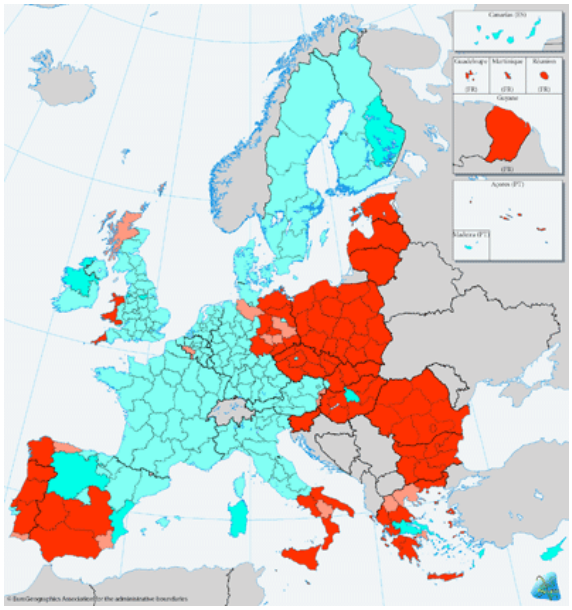
31 Cf. Eurorregiões: Alemanha-Holanda criada em 1958; Euregio Reno-Waal criada em 1973; Euregio Maas-Reno criada em 1976; a designação Europaregion deriva das disposições da Convenção sobre a Cooperação Transfronteiriça entre Regiões da Europa do Conselho da Europa de 1980, também conhecida por Convenção de Madrid.

ca e social transfronteiriça entre regiões vizinhas com base em estratégias e programas de desenvolvimento conjuntos. Para os projectos da medida A, pelo menos dois dos seguintes critérios devem ser cumpridos para a cooperação entre parceiros de pelo menos dois países:

– desenvolvimento de projectos comuns;
– implementação conjunta;
– recursos humanos comuns;
– financiamento comum.

O financiamento está disponível para uma vasta gama de medidas transfronteiriças, tais como a cooperação industrial, a transferência de tecnologia, o desenvolvimento de infra-estruturas, projectos de turismo, bem como para projectos educativos e culturais.

É dada prioridade às candidaturas apresentadas por autoridades e instituições nacionais, regionais e locais. A participação de privados também é bem-vinda e possível, sob certas condições, dependendo do programa.



A UE está a oferecer cerca de 7,8 bilhões de euros provenientes do Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) para promover a cooperação transfronteiriça e transnacional, durante

o período de programação dos Fundos Estruturais 2007-2013. Um total de 52 áreas inscrevem-se nos parâmetros do programa operacional de cooperação transfronteiriça tal como definidos pelo INTERREG IV-A . CF. mapa.[32]

Dois novos instrumentos também permitem a disponibilização de financiamento por parte da UE para a cooperação transfronteiriça com estados não membros da UE: o IPA (Instrumento de Pré-Adesão) suporta 10 projectos de cooperação transfronteiriça com os futuros membros do Sudeste da Europa Oriental e com a Turquia. O IEVP (Instrumento Europeu de Vizinhança e Parceria), financia actualmente nove projectos de cooperação transfronteiriça nas fronteiras externas da UE com países que não estão na lista de candidatos para adesão à UE (Rússia, Bielorrússia, Ucrânia e Moldávia).

A cultura como prioridade de acção no âmbito dos objectivos da política da UE para as zonas de fronteira da Europa

É questionável a importância que os projectos culturais das zonas de fronteira da Europa têm ou podem ter neste tipo de financiamento. Aqui, temos de começar por referir que não está disponível uma análise sistemática pertinente de projectos anteriores apoiados pelo INTERREG.[33] Em termos dos objectivos declarados do programa, o foco tem incidido desde o início nos objectivos e metas das políticas económicas destinadas a melhorar as infraestruturas. Ao tornar a iniciativa comunitária INTERREG num dos novos Fundos Estruturais Europeus (Objectivo 3) reforçam-se mais os programas de cooperação territorial tendo em consideração os objectivos da Estratégia de Lisboa (crescimento, competitividade e emprego) e os de Gotemburgo (desenvolvimento sustentável). Isto faz da política regional um elemento-chave na estratégia da UE para promover o crescimento e o emprego. Ao

32 http://ec.europa.eu/regional_policy/atlas2007/index_en.htm

33 O breve relatório sobre a avaliação *ex post* da Iniciativa comunitária Interreg II (1994-1999), fornece resultados apenas sumários que não permitem qualquer conclusão sobre a questão em estudo, http://ec.europa.eu/regional_policy/sources/docgener/evaluation/inter2a/summary_de.pdf.

mesmo tempo, é um objectivo declarado da Comissão Europeia orientar o trabalho de projecto mais para o mercado livre, utilizando em particular os resultados para desenvolver activamente o Mercado Único Europeu.

Por outro lado, isso não significa a exclusão da cultura como um campo de acção ou dos projectos culturais no âmbito das regiões fronteiriças. Eles são mencionados nos programas[34] e é-lhes reconhecida grande importância no INTERREG IV.[35]

> *As infra-estruturas culturais, as actividades culturais e as indústrias criativas podem constituir um contributo fundamental para que uma região se torne atractiva e para uma visão mais clara sobre o seu desenvolvimento económico. A produção de conteúdos é cada vez mais importante, e isso muitas vezes depende da existência de um ambiente cultural. A política de coesão para 2007-2013 visa mobilizar plenamente a cultura e a criatividade para o desenvolvimento regional e a criação de emprego. Os fundos estruturais podem fornecer condições adequadas para a mobilização das indústrias culturais e criativas, incentivando, por exemplo, a utilização do património cultural para negócios e apoiando a reestruturação das zonas urbanas em crise. A cultura, as empresas criativas e ramos afins podem ser sectores importantes neste contexto, pois são uma fonte de construção de uma identidade partilhada e de valores comuns, duas noções que normalmente estão intimamente ligadas com a dimensão regional e local.*

A UE anuncia que, para o período 2007-2013, um total de cerca de seis bilhões de euros são destinado às questões culturais, três mil milhões dos quais para o Património Cultural, 2,2 bilhões para o desenvolvimento de infra-estruturas e 775 milhões para os serviços culturais.

---

34 Embora no que diga respeito a projectos destinados a promover o espírito empresarial, cf. Política Regional – Inforegio em: http://ec.europa.eu/regional_policy/cooperation/crossborder/index_en.htm

35 Cf. Política Regional – Inforegio em: http://ec.europa.eu/regional_policy/themes/culture/index_en.htm

Em termos específicos, são importantes os programas operacionais, com os seus objectivos regionais concretos e o seu potencial e capacidade de colocar as questões culturais na agenda da cooperação transfronteiriça. Podem referir-se inúmeros exemplos neste sentido.[36] Por exemplo, as questões colocadas relativamente às práticas devem ser entendidas não como um mero historial mas sobretudo como sugestões de abordagem e como um meio para identificar novos projectos relacionados com a cultura nas respectivas zonas de fronteira ajudando a justificá-los em termos de política estrutural, tal como é requerido pelo programa de financiamento.

O regulamento relativo aos Agrupamentos Europeus de Cooperação Transfronteiriça (AECT) [37] coloca à disposição dos promotores locais e regionais novas formas de organização que podem, em casos específicos, facilitar o processo de candidatura.

36 Além dos exemplos documentados nas orientações, devemos mencionar, a título de exemplo, os programas operacionais do Euroregions POMERÂNIA, Pro Europa Viadrina e Spree-Neisse-Bober, nos quais são explicitamente mencionados projectos culturais e educativos transfronteiriços. cf. http://www.ilb.de/rd/programme/250_252. php? PHPSESSID = lsrtin4lt77v

37 Regulamento (CE) N.º 1082/2006 do Parlamento e do Conselho Europeu, de 5 de Julho de 2006 (Jornal Oficial da União Europeia de 31 de Julho de 2006).

6. PATRIMÓNIO CULTURAL EUROPEU

As cidades e as regiões são actores importantes no contexto europeu, em virtude do seu património cultural, tanto na sua forma não material – que inclui competências e técnicas, usos, costumes e culinária – como na sua forma material – edifícios, paisagens naturais e transformadas, obras de arte e electrodomésticos, entre outros. Historicamente, o património das cidades e regiões independentes, concorrente entre si, é mais antigo do que a dos Estados-Nação.

1. EXEMPLOS DO DOMÍNIO DO PATRIMÓNIO CULTURAL EUROPEU

Na imagem, a ponte de Mostar – construída inicialmente sob o domínio otomano, em 1567, foi reconstruída em 2004. Esta ponte, que durante séculos estabeleceu a ligação entre o Oriente e o Ocidente foi, a 9 de Novembro de 1993, bombardeada pelo exército croata, no que constitui um ataque ao coração e à alma multiétnica do património cultural da Europa.

Fonte: Revista da NATO, Inverno de 2004

A Rota da Arquitectura Gótica em Tijolo: um elemento do património cultural partilhado por muitas nações junto ao Báltico (Alemanha, Dinamarca, Polónia, Letónia, Estónia, Lituânia), que

atravessa fronteiras, promove um sentimento de solidariedade e atrai turistas à região (categorias 1, 2 e 5).

O festival de música celta (Bagpipe Festival) envolvendo os povos celtas da Bretanha, Cornualha, Gales, Escócia e Irlanda (também nas categorias 1, 3 e 5).

As vilas, cidades e bairros da Europa associados com pessoas refugiadas
Sibiu
Pessoas exiladas da Holanda espanhola (Friedrichstadt, Mannheim); refugiados pós-1945 (Karlshafen, Sennestadt) (categorias 1, 2, 3 e 5).

"Beguinages" na Holanda, Bélgica, França, Alemanha e Dinamarca (categorias 1, 2, 3 e 5).

A UNESCO reconheceu as Celebrações de Música e Dança do Báltico como um fenómeno cultural único, atribuindo-lhe o estatuto de Património Mundial.
O festival quinquenal da Estónia é o mais antigo e mais famoso destes eventos. Os coros que nele participam, vindos de todo o país, estão sujeitos a um rigoroso processo de selecção e apenas os melhores podem participar. Este ano participam 935 grupos, incluindo coros étnicos dos EUA e do Canadá, bem como estreantes dos países escandinavos e bálticos.

Em 2008, a Estónia, a Letónia e a Lituânia comemoraram o 90º aniversário da sua fundação como repúblicas soberanas. O ano foi também especial para a Letónia, já que cerca de 35 mil candidatos participaram na 24.ª edição do Festival da Canção Nacional bem como na 16ª edição do Festival de Dança Folclórica que ocorreram na capital, Riga. O Festival da Canção, iniciado há 135 anos, tornou-se uma tradição importante. Em 2003, os festivais nacionais de música e de dança da Estónia, da Letónia e da Lituânia foram declarados pela UNESCO Património Oral e Imaterial da Humanidade.
O festival letão tem lugar no início de Julho no auditório ao ar livre Mežaparks e no Estádio Daugava, comprovando a reputação da Letónia como um "país de canções".

Todos os anos, na Primavera, cerca de 13 mil membros de coros amadores e cerca de 15 mil membros de grupos de folclore participam em *workshops*, apresentando um repertório fixo e um número de peças de escolha livre perante um júri. O júri decide quais os grupos corais e de dança com qualidade artística suficiente para poderem participar no festival. Após cinco anos de preparação, chega o momento da selecção final, em Maio – num evento tão aguardado como a final dos 100 metros dos Jogos Olímpicos.

Em resumo: o que tem de especial o festival sobre de música e dança da Letónia?

– Um coro de 12 mil vozes apresenta um vasto e exigente repertório – cantado quase todo à capela e em oito partes.
– O festival de dança folclórica envolve 15 mil dançarinos, com um elevado nível de execução de coreografias.
– Todos os coristas e dançarinos usam traje nacional durante o festival.
– O festival tem lugar de cinco em cinco anos, ocorrendo, no intervalo entre os eventos *workshops*, apresentações e concursos por todo o país.
– O festival de música tradicional e dança folclórica adquiriu um profundo significado simbólico na criação e desenvolvimento da identidade da Letónia.
– Os 2,3 milhões de habitantes da Letónia incluem 156 nacionalidades, cujos representantes são convidados a participar no festival, apresentando as suas diferentes culturas e tradições.

Para os letões, o festival de música é uma parte importante da sua identidade nacional. A canção tradicional da Letónia é baseada no *daina*, normalmente quadras de verso curto, e cuja transmissão foi realizada de forma oral ao longo dos séculos. As canções tradicionais constituíram uma importante arma para os letões na sua luta pela independência, tendo os seus protestos pacíficos contra o regime soviético ficado para a história como a "Revolução Cantada".

2. QUESTÕES PRÁTICAS NO DOMÍNIO DO PATRIMÓNIO CULTURAL EUROPEU

O que se segue são orientações dirigidas aos responsáveis pelo desenvolvimento das cidades e regiões, quer operem no sector público, quer no voluntariado, para prosseguirem as suas actividades numa perspectiva europeia.
A ideia é incentivar uma identificação dos aspectos materiais e não materiais do património cultural europeu na cidade ou na região, assegurando a sua preservação a longo prazo. Pretende igualmente apoiar o encontro de parceiros para as actividades relevantes, a nível local, nacional ou internacional.
O levantamento que se segue não pretende ser uma lista exaustiva nem um questionário, mas antes um instrumento de trabalho para ser utilizado a nível local.

a. Levantamento

– Que património cultural especial possui a cidade ou região e de que forma é que contribui para o desempenho cultural excepcional a nível local ou regional?
– O património cultural local ou regional inclui *lieux de mémoire*, marcos da diversidade cultural, bons exemplos de conversão urbana, projectos de desenvolvimento urbano ou laços culturais transfronteiriços?
– Qual a amplitude do espectro do património cultural, entre a cultura popular e a alta-cultura e entre exemplares materiais e não materiais?
– Foi estabelecida uma articulação entre os aspectos materiais e não materiais do património cultural da cidade ou região (por exemplo, monumentos que ilustram um domínio perfeito das técnicas artesanais)?
– Que infra-estrutura cultural existe na cidade ou região que seja responsável pelo seu património cultural europeu?

b. Estatuto do património cultural europeu na prática municipal ou regional

– De que forma estão os poderes locais ou regionais (responsáveis pelos assuntos económicos ou sociais, pela educação, pelo ensino superior e investigação, pelo desenvolvimento urbano ou regional, pelas finanças ou pelos assuntos europeus) envolvidos na utilização e manutenção do património cultural europeu e quais são os temas especificamente tratados?
– A cidade ou região fez um levantamento actualizado do seu património cultural (material e não material, público e privado)?
– A cidade ou região prossegue uma estratégia para o seu património cultural europeu através da conversão e reabilitação urbanas?
– Qual é o estatuto do património cultural europeu na imagem que a cidade ou região projecta de si própria?
– Qual o estado do património cultural europeu no planeamento futuro da cidade ou região?
– De que forma é utilizado o potencial económico do património cultural europeu?
– A cidade ou região utiliza o seu património cultural europeu para promover um sentido de cidadania europeia?

c. Articulações com a Europa

– Que estatuto é atribuído ao património cultural europeu na política europeia da cidade ou região?
– Que infra-estrutura, pública ou privada, se encontra apta a conservar, cuidar e transmitir o património cultural?
– De que forma o património cultural da cidade ou região, de relevância europeia, dá a sua contribuição para o património europeu?
– Como é que a projecção pública do património cultural é posta em relação com o património cultural de outras cidades e regiões?

– Que exemplares do património cultural da cidade ou da região são exclusivos ou especiais?
– Quais têm exemplares equivalentes no resto da Europa?
– De que forma são projectadas as diferenças e relevadas as semelhanças europeias?
– A cidade ou região colabora com organizações como a "Europa Nostra"?

d. Articulações com o cenário contemporâneo

– Até que ponto se entende o património cultural a nível local e regional como um produto do intercâmbio cultural que possa ter ocorrido no passado e até que ponto se relaciona esse mesmo património com o diálogo intercultural contemporâneo?
– A cidade ou região envolve os jovens no processo de transmissão do seu património cultural?
– De que forma estão as actividades, as inovações e os produtos culturais relacionados com o património cultural?

e. Participação da sociedade civil

– Que organismos da sociedade civil estão preocupados com o património cultural da sua cidade ou região?
– De que modo estão envolvidos os meios de comunicação social?
– Qual o envolvimento de financiadores privados, empresas culturais e agências de comunicação, no levantamento, conservação e transmissão do património cultural europeu; existem articulações institucionais ou organizacionais entre equipamentos públicos e privados, entre programas e actividades com uma dimensão europeia?
– A cidade ou região faculta ou promove o debate público sobre o significado do património cultural europeu para a comunidade?
– Que tipo de reconhecimento público tem o património cultural na cidade ou região?

f. A cooperação intermunicipal, transregional e internacional

– Os vestígios do património europeu na cidade ou região estão ligados a redes nacionais, internacionais, europeias ou mundiais?
– A cidade ou região está envolvida na preservação e valorização do seu património, promove o intercâmbio regular com outras cidades e regiões, com outras partes da Europa ou do mundo, apreende as experiências de outras cidades e regiões, e preocupa-se em transmitir a sua própria experiência passada?

3. A CATEGORIA DE PATRIMÓNIO CULTURAL EUROPEU

SUBSTANTIVE REGIONAL AND LOCAL FEATURES ENABLE US TO UNDERSTAND EUROPE'S CULTURAL IDENTITY.

Aquilo a que chamamos "Património Cultural Europeu" das cidades e regiões tem origem nos vestígios deixados pelas populações ao longo de gerações e de séculos – vestígios de várias fases de "diálogo intercultural" que compõem a rica atmosfera material e não material em que os europeus se orgulham de viver. Em muitas cidades e regiões europeias, o património cultural, superficialmente reconhecido nas características próprias dos estilos, apresenta um amplo espectro de diferenças culturais encerradas num espaço reduzido. Estes marcos históricos da diversidade cultural também podem ajudar-nos a integrar as diferenças culturais no presente.
É particularmente importante no que diz respeito à categoria de património cultural que as cidades e regiões utilizem activamente os seus bens culturais, dando-lhes um uso produtivo ao invés de simplesmente os inventariarem e conservarem.

A dimensão europeia não deve ofuscar o valor de uma herança especificamente local ou regional. Bem pelo contrário, porque é através das características regionais e locais profundas que a identidade cultural da Europa pode ser entendida. O turismo cultural ajuda as pessoas a conhecer os "estrangeiros" e incentiva o intercâmbio de experiências e de culturas. Cabe às cidades e regiões encorajá-lo e ajudar a construir uma identidade europeia,

através de uma identidade local baseada no património cultural material e não material.

Apesar de existirem centenas de objectos que oficialmente representam uma contribuição da Europa para o património cultural mundial, e uma riqueza incalculável do património europeu, existem ainda poucas obras simbólicas, como a Ode à Alegria de Beethoven (o hino europeu) que sejam reconhecidas como uma pertença europeia comum.

Em Março de 2007, deu-se em Paris um importante e passo para o reconhecimento de uma herança genuína comum, com a criação do rótulo "património europeu". É utilizado pelos países europeus para designar monumentos ou lugares que são particularmente importantes, tanto a nível nacional como em termos europeus. A ideia é que os objectos assim designados transmitam ao observador um sentimento do que é ser europeu.

As cidades e regiões são responsáveis pela qualidade da arquitectura contemporânea e pelo planeamento no seu território. A boa qualidade da arquitectura dos edifícios históricos ou das novas construções é importante para assegurar a qualidade de vida desejada pelos cidadãos.

4 UMA VISÃO ACADÉMICA SOBRE PATRIMÓNIO CULTURAL EUROPEU

Wolfgang Kaschuba

European cultural heritage

Não há dúvida de que a concepção de Património Cultural da Humanidade consagrada na Convenção da UNESCO de 1972 aprova a ideia básica de que o património cultural europeu compreende principalmente monumentos históricos e obras de arte representativos de determinados períodos e eras culturais. O programa criado abrange sobretudo edifícios associados à religião ou ao poder, monumentos, paisagens humanizadas, exemplares arquitec-

tónicos individuais ou de conjunto, tendo surgido rapidamente a crítica por parte das sociedades não europeias de que o programa era "demasiado europeu".

Claramente, as ideias, as tradições e os conceitos estéticos que predominavam fora da Europa eram diferentes – principalmente porque se concentravam mais na cultura vivida do que na cultura materializada em pedra ou tijolo.

As críticas eram simultaneamente justificadas e injustificadas. Por um lado, a concepção original reflectia em grande parte a tradição especificamente europeia de cultura, entendida assim pela nobreza e as elites dos séculos XVIII e XIX, que nos legaram comoventes memoriais. A maioria era construída em pedra ou pintada sobre tela, tendo servido, directa ou indirectamente, para promover uma política feudal ou nacional assente em celebrações – que se veio a estender também ao património cultural fora da Europa. Nesta medida, a acusação de que a política da UNESCO era eurocêntrica justificava-se perfeitamente. Por outro lado, o programa de apoio ao património cultural não se limitava, naturalmente, à recuperação física dos edifícios relacionados com as classes dominantes na Europa; preocupava-se também, sobretudo, em dar conteúdo à história da Europa num momento em que esta parecia particularmente concentrada em esquecer a sua história. No clima eufórico do pós-guerra modernista, muitas cidades e regiões pareciam querer apagar a história do seu planeamento urbano e da sua arquitectura, ou pelo menos mudá-la radicalmente, com vista a prosseguir novas ideologias económicas e estéticas.

Olhando retrospectivamente, compreendemos que a concepção de património sustentada pela UNESCO era a mais adequada e eficaz numa perspectiva "interna europeia",[38] já que nos últimos anos quase todas as cidades e regiões europeias cuidaram das suas igrejas, sedes de município, áreas portuárias, avenidas, dos seus lavadouros, castelos, mercados e monumentos – por outras

38 Nora, Pierre (ed.) (1984-1992), *Les lieux de mémoire*, 3 vols., Paris.

palavras, transformaram as suas zonas históricas em montras de história e de cultura. Tem sido um processo legítimo, na medida em que agrada tanto aos turista como – e principalmente – aos habitantes locais. Este processo permite a criação de uma identidade com duas vertentes: por um lado, os turistas identificam a cidade a partir dos seus edifícios e, por outro, a cidade identifica-se a si própria com base nas imagens dos seus habitantes. Não há dúvida de que tanto a arquitectura histórica como a moderna funcionam hoje em dia como uma tela na qual são projectadas as imagens de identidade da cidade.

O princípio é válido não só em cidades como Paris, com a Torre Eiffel, mas também em locais de menores dimensões, como Bilbau, com o Museu Guggenheim de Frank Gehry, ou ainda mais pequenas, como Grasse, com as suas perfumarias. Em muitos casos, as perspectivas históricas e culturais associadas a esses edifícios simbólicos tendem a ser estritamente regionais ou nacionais. No entanto, observa-se uma propensão crescente para se fazerem articulações – por exemplo, entre a história política e arquitectónica de uma localidade ou de uma região, entre a história do comércio e da criatividade ou entre o turismo urbano e rural –, o que tem gerado a criação de novos elos entre o que é local e europeu, tanto a nível dos espaços como dos conteúdos. Actualmente, tanto há uma preocupação com a dimensão europeia da economia ou dos estilos, como com a história dos elos literários ou artísticos com o desenvolvimento dos movimentos migratórios e dos processos de mobilidade. Além disso, também são criadas novas relações entre o passado e o presente quando edifícios antigos e outros símbolos assumem novas funções, adoptando diferentes tipos de significado e proporcionando novas interpretações "locais". Se este aspecto do património cultural europeu for valorizado e protegido como um recurso local, irá certamente contribuir para colocar o município no mapa cultural europeu.

Há, no entanto, uma outra leitura para o património cultural europeu – com um efeito contrário – que também devemos considerar. Refere-se ao influxo de pessoas, objectos e ideias. Apenas se continuarmos a reconhecer o papel importante que a migração e a mo-

A MIGRAÇÃO E A MOBILIDADE TÊM SIDO CRUCIAIS PARA A INTEGRAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EUROPA BEM COMO PARA O SEU CARÁCTER CULTURAL.

bilidade têm desempenhado no processo de integração histórica e de desenvolvimento do carácter cultural da Europa, entendendo o património cultural como um "legado híbrido", uma mistura dos mais variados ingredientes sociais, étnicos e culturais provenientes de várias fontes, é que vamos conseguir uma boa compreensão e interpretação do nosso próprio património. Porque só assim é que o património cultural servirá o seu verdadeiro objectivo: o de integração e criação de uma identidade, através da produção de auto-imagens claras e credíveis, que sejam significativas para o maior número possível de habitantes europeus.

No entanto, mesmo estas formas de património requerem espaços urbanos e regionais em locais onde possam ser entendidas. Portanto, aqui também é necessário criar objectos e instituições, rotas e caminhos que realcem o influxo contínuo de novos elementos e influências vindas do estrangeiro, tornando-os parte do espaço urbano. Locais, rotas e caminhos deste tipo, muitas vezes, desviam as pessoas dos mercados e da arquitectura típica dos centros históricos, levando-as até às zonas periféricas para visitar os bairros judeus, os bairros dos huguenotes, as colónia de polacos, os guetos dos socialmente excluídos, os bairros turcos – locais onde as pessoas ao longo dos séculos tiveram de se adaptar culturalmente, procurando simultaneamente preservar a sua cultura.

Algumas cidades e regiões já entenderam esta nova percepção do património cultural no âmbito europeu e, tendo dado já início ao desenvolvimento desse outro lado da cultura local: a diversidade da cultura quotidiana, tanto numa dimensão histórica como do dia-a-dia, observando os meios pelos quais foi preservada, pelo menos simbolicamente, nas zonas pobres residenciais e fabris associadas aos migrantes e refugiados.[39] Poderia dar-se maior visibilidade a este aspecto verdadeiramente europeu das nossas cidades e comunidades por meio de mapas, roteiros e painéis de informação. Em jeito de nota de rodapé, registo a ideia de que a imagem dos centros europeus pode ser moldada, em parte, não

39 Cf. Eade, John (ed.) (1997), *Living the global city: globalization as a local process*, Londres.

apenas pelas igrejas cristãs e sinagogas judaicas, mas também por mesquitas islâmicas que, na verdade, parecem ganhar gradualmente aceitação, sem apelar a novas cruzadas![40]

É óbvio, porém, que este tipo de património cultural tem sido subutilizado. Contam-se inúmeras histórias individuais e colectivas sobre trabalho e migração, expulsões e fugas, que constituem um verdadeiro manancial "europeu". Trata-se de um corpo de conhecimentos que abarca as experiências, as imagens e as interpretações dos encontros culturais, sob diferentes perspectivas e do outro lado do continente: tipos de experiência que foram – e vão – muito mais a fundo do que qualquer viagem turística.[41] Por esta razão seria bom ver um dos nossos incontáveis museus europeus cívicos ter a coragem de retratar a sua própria história cívica com base nos estrangeiros das periferias e não na classe média, como é habitual, pois até agora os estrangeiros só foram representados em exposições temáticas sobre "trabalhadores convidados". Uma abordagem deste tipo seria quase revolucionária na forma de apresentar o património – e seria completamente "europeia" na sua concepção.

40 'Iconic Remembering and Religious Icons: Fundamentalist Strategies in European Memory Politics?', *in* Strath, Bo e Pakier, Gosia (eds.), *A European memory? Contested histories and politics of remembrance* (no prelo).

41 Cf. Vertovec, Steven, e Cohen, Robin (eds.) (1999), *Migration, Diasporas and Transnationalism*, Northhampton, Massachusetts.

IV. RÓTULOS "CIDADE DA EUROPA" E "REGIÃO DA EUROPA"

Gostaríamos de propor que, se uma cidade ou região mostrar ter desenvolvido um perfil cultural particularmente notável numa ou mais das categorias já referidas, lhe seja atribuída a designação especial de "Cidade Europeia" ou "Região Europeia" e que esta seja publicamente divulgada num local próprio (câmara municipal, sede do governo regional ou numa zona central). Ao contrário do que acontece com o rótulo "Capital Europeia da Cultura", que é válido apenas por um ano, estas designações seriam permanentes, como sucede com a designação de "Património Mundial". O estatuto de "Cidade da Europa" ou "Região da Europa " não se basearia apenas no património cultural, mas também no desempenho cultural global, de acordo com os critérios acima descritos. O texto que acompanha o rótulo explicaria também que esta performance cultural constitui um contributo para a "alma da Europa", indicando em qual das categorias se inscrevera o desempenho cultural de relevância europeia. O Parlamento Europeu poderia desempenhar aqui um papel determinante, por exemplo na nomeação dos membros constituintes de um painel de avaliação, durante um determinado prazo. No entanto, a decisão sobre a atribuição dos rótulos não deve ser tomada por uma comissão política oficial, nem por organizações ou associações, mas sim por um pequeno grupo de seis ou sete pessoas habilitadas.

O facto de esta comissão seleccionada ser designada para um mandato incontestavelmente europeu, garantiria o estatuto honroso das cidades e regiões designadas, bem como a sua devida apreciação entre o público da Europa.

A iniciativa da sociedade civil "A Soul for Europe" ("Uma Alma para a Europa") – com sede em Amesterdão, Berlim, Bruxelas e Porto, e com escritórios associados em Belgrado e Tbilissi) – poderia contribuir com a preparação e execução do processo de designação e, – a fim de que o ano de 2010 possa ter um impacto duradouro – a Capital Europeia da Cultura RUHR 2010 poderia também associar-se. A iniciativa "A Soul for Europe" ("Uma Alma para a Europa"), dispondo de uma rede europeia descentralizada,

poderia ajudar a nomear e avaliar os candidatos em nome da comissão de designação e do Parlamento Europeu.
Será desejável poder atribuir os rótulos ao maior número de cidades e regiões europeias possível, embora deva haver um rigoroso processo de selecção, a fim de preservar o estatuto da designação. Esta deverá obedecer a determinadas imposições, e beneficiar de um acompanhamento regular bem como de um relatório em conformidade com o regulamento.

V. APÊNDICE

CONTACTOS E BIBLIOGRAFIA

BORDERLAND FOUNDATION
CENTRE BORDERLAND OF ARTS, CULTURES, NATIONS
16-500 Sejny, ul. Piłsudskiego 37, post box 15, POLAND
ph./fax 48 87/516 27 65
Foundation office:
16-400 Suwałki, ul. Kościuszki 71 post box 36,
ph./fax 48 87/565 03 69
e-mail: fundacja@pogranicze.sejny.pl

LabforCulture

RUHR 2010

Trans Europe Halles TEH

Werkstatt der Kulturen
Wissmannstraße 32
D-12049 Berlin
www.werkstatt-der-kulturen.de

Zweckverband REGIO PAMINA, Tel. +49 7277-97233-25, Fax +49 7277-97233-28
GLCT REGIO PAMINA Tel : 03.88.05.08.25
Fax : 03.88.05.08.28
kristine.clev@regio-pamina.org
www.regio-pamina.org

www.artfactories.net

www.coe.int/interculturalcities
http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/Policies/Cities/default_en.asp http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/Policies/Cities/newsletter3_en.pdf

www.nederlandindialoog.nl

www.santralistanbul.org
www.santralistanbul.com

www.stanica.sk

PARCEIROS

Europa eine Seele geben/ A Soul for Europe
www.asoulforeurope.eu
mail@asoulforeurope.eu
Notre Europe
http://www.notre-europe.eu
info@notre-europe.eu
Europa Nostra Internacional
www.europanostra.org
office@europanostra.org
Europa Nostra Sedes Nacionais
Alemanha www.europanostra.de
Alexander Fürst zu Sayn-Wittgenstein-Sayn, Presidente
alexander@sayn.de
Dr Holger Rescher, Secretário-geral
holger.rescher@denkmalschutz.de
Jeanette Scholz, Representante
europanostra@bbw.de
Renate Küchler, Co-representante
Áustria http://members.telering.at/europanostra_austria/
Dr Hasso Hohmann, Presidente
Dr Wiltraud Resch, Membro do Conselho Europa Nostra
office@staedteforum.at
www.staedteforum.at

Bélgica www.europanostrabelgium.be
Jozef van Waeyenberge, Presidente
cofic.nv@pandora.be
Anne Brenninkmeijer-Kestens, Secretária-geral
annekestens@telenet.be
Christiane van Jole-Taeymans, Tesoureira
cvanjole@pandora.be
Dinamarca www.europa-nostra.dk
Catharina Collet, Presidente
Vice-Presidente Europa Nostra
Lundbygaardsvej 100
DK-4750 Lundby
+45 5576 76 45
+45 5576 76 40
Finlândia
Markus Bernoulli, Presidente
nalli@nic.fi
França
Le Marquis de Léotoing d'Anjony, Presidente
robertdeleotoing@free.fr
La Princesse Isabelle de Broglie, Europa Nostra Council Member
idb@club-internet.fr
Grécia Elliniki Etairia
Costa Carras, Presidente
Vice-Presidente Europa Nostra
colycarr@otenet.gr
Itália
Mrs Renate Guasti, Delegado
renateguasti@libero.it
Noruega
Mr Thomas Willoch, Presidente
thwill@frisurf.no
Espanha www.hispanianostra.es
Mr Alfredo Pérez de Armiñan de la Serna, Presidente
Membro do Conselho Europa Nostra
hispanianostra@infonegocio.com

Suécia www.europanostra.se
Mrs Catherine von Arnold, Presidente
Membro do Conselho Europa Nostra
catherine@jordberga.se
Reino Unido
John Sell, CBE, Presidente do Conselho de Administração
Vice-Presidente Europa Nostra
john@sellwade.co.uk
Felix Meritis Foundation
www.felix.meritis.nl
felix@felix.meritis.nl
Ruhr 2010
www.ruhr2010.de

WEBSITES

Borderland Foundation
Centre Borderland of Arts, Cultures, Nations
www.pogranicze.sejny.pl
Ernst-Bloch-Zentrum der Stadt Ludwigshafen am Rhein
www.bloch.de
Eurocities
www.eurocities.org/main.php
European Institute of Cultural Routes
www.culture-routes.lu
LabforCulture
www.labforculture.org
Les Rencontres
www.lesrencontres.org
Trans Europe Halles TEH
www.teh.net
Werkstatt der Kulturen Berlin
www.werkstatt-der-kulturen.de
Artfactories
www.artfactories.net
Intercultural Cities
www.coe.int/interculturalcities

Santral Istanbul
www.santralistanbul.org
Zweckverband REGIO PAMINA
www.regio-pamina.org
Ravello Lab
http://www.ravellolab.org/en/home.php
Dag van de Dialoog (Rotterdam)
www.nederlandindialoog.nl
Berliner Philharmoniker
http://www.berliner-philharmoniker.de/
Stichting Koninklijk Concertgebouworkest
http://www.concertgebouworkest.nl
Europos Parkas
http://www.europosparkas.lt
Culture and Information Centre K@2
http://www.karosta.lv/k2
Zomer Carnaval Rotterdam
http://www.zomercarnaval.nl/
Karneval der Kulturen Berlin
http://www.karneval-berlin.de/de/
Kulturraum Großregion
www.plurio.net
Notting Hill Carneval
http://www.nottinghillcarnival.biz/
Truc sphèrique/ Stanica Zilina Zariecie, Slovakia
www.stanica.sk/main
The European Heritage Network
http://european-heritage.net
Berlin Neukölln
http://www.stadtteilmuetter.de/
http://www.ruetli-wear.de/
http://www.neukoelln-plus.de/index.php?id=566
Centre Pompidou
www.centrepompidou.fr
Zürich West
www.stadt-zuerich.ch/internet/west/home.html
Hrtb Architekter Oslo
http://www.hrtb.no/prosjekter/bo_silo.html

Europäische Union
www.europa.eu
Europäisches Kulturportal
http://ec.europa.eu/culture/portal/index_de.htm
Europäische Agenda für Kultur
http://ec.europa.eu/culture/our-policy-development/doc399_en.htm
Ausschuss der Regionen
http://www.cor.europa.eu/

BIBLIOGRAFIA ENSAIOS ACADÉMICOS

Categoria 1, Wolfgang Kaschuba
Appadurai, Arjun (2004), *A modernidade sem peias. Dimensões culturais da globalização*. Lisboa: Teorema
Florida, Richard (2004), *The rise of the creative class: and how it's transforming work, life, community and everyday life*, New York
Hannerz, Ulf (1992), *Cultural complexity: studies in the social organization of meaning*, New York
Kaschuba, Wolfgang (2004), *Die Überwindung der Distanz: Zeit und Raum in der europäischen Moderne*, Frankfurt am Main
Miles, Malcolm (2004), *Consuming Cities*, Basingstoke and New York
Rifkin, Jeremy (2001), *A era do acesso: a revolução da nova economia*, 1.ª ed., Lisboa: Presença
Zukin, Sharon (1996), *The culture of cities*, Oxford

Categoria 2, Kirstin Schäfer
Csaky, Moritz (ed.) (2000 ff), *Orte des Gedächtnisses*, Vienna
De Boer, Pim and Frijhoff, Willem (eds), 1993, *Lieux de mémoire et identités nationals*, Amsterdam
Feldbaek, Ole (ed.), 1991/1992, *Dansk identitatshistorie*, Copenhagen
Flacke, Monika (ed.), 2004, *Mythen der Nationen 1945. Arena der Erinnerungen*, 2 vols, Mainz
François, Etienne and Schulze, Hagen (ed.), 2001, *Deutsche Erinnerungsorte, Munich; 2007, Mémoires allemandes*, Paris
Geiss, Peter and Le Quintrec, Guillaume (eds), 2006, *Histoire/Geschichte, l'Europe et le monde depuis 1945*, Paris; 2006, *Histoire/Geschi-*

chte, Europa und die Welt seit 1945, Leipzig
Kaelble, Hartmut, 2001, Wege zur Demokratie. *Von der Französischen Revolution zur Europäischen Union*, Stuttgart
Krumeich, Gerd (ed.), 2001), Versailles 1919. Ziele, *Wirkung, Wahrnehmung*. Essen; 2007, Sozialgeschichte Europas 1945 bis zur Gegenwart
Kmec, Sonja, Majerus, Benoît, Margue, Michel and Peporte, Pit (eds), 2007, *Lieux de mémoire au Luxembourg, Erinnerungsorte in Luxemburg*, Luxembourg
Isnenghi, Mario (ed.), 1997-1998, *I luoghi della memoria*, 3 vols, Rome and Bari
Nora, Pierre (ed.), 1984-1992, *Les lieux de mémoire*, 3 vols, Paris
(ed.), 2005, Erinnerungsorte Frankreichs, Munich
2001, 'Nachwort' in François, Etienne and Schulze, Hagen (eds), Deutsche Erinnerungsorte, vol. 3, p. 686
Renan, Ernst, 1993, *'Was ist eine Nation?', in Jeismann, Michael and Ritter, Henning (eds), 1993, Grenzfälle. Über alten und neuen Nationalismus*, Leipzig
Van Sas, Nicolaas C.F. (ed.), 1995, *Waar de blanke top der duinen en andere vaderlandse herinneringen*, Amsterdam
Dossier 'Apprende l'histoire de l'Europe', essays by Jean-Pierre Rioux, Rémi Brague, John Horne, Guy Hermet, Robert Frank, Etienne François, Dominique Schnapper and Dominique Borne, in Vingtième Siècle 71, 2001, pp 55-109

Categoria 4, Harald Mieg e Anja Mieg-Debik

Benevolo, L., 1999, *Die Stadt in der europäischen Geschichte*, Munich, C.H. Beck
Dehne, P., 2005, *'Leitbilder in der räumlichen Entwicklung', in Akademie für Raumforschung und Landesplanung (eds), Handwörterbuch der Raumordnung*, pp 608-614, Hanover
Müller-Christ G., Bastenhorst K. and Berry A., 2005, *Nachhaltigkeit unter Beobachtung*, Munich
Scholz, R. W., Bösch, S., Mieg, H. A. and Stünzi, J. (eds), 1996, *Industrieareal Sulzer-Escher Wyss, Umwelt und Bauen: Wertschöpfung durch Umnutzung, Fallstudie 1995*, Zurich
Siebel, W. (ed.), 2004, *Die europäische Stadt*, Frankfurt
Stadt Zürich (ed.), 2004, *Entwicklungsplanung Zürich West. Materia-*

lien zum Planungsprozess 1996-2001, Zurich
Wüstenrot Stiftung (eds), 2008, *Stadtmachen.eu: Urbanität und Planungskultur in Europa*, Stuttgart

Categoria 6, Wolfgang Kaschuba

Nora, Pierre (ed.), 1984-1992, *Les lieux de mémoire*, Paris
Eade, John (ed.), 1997, *Living the global city: globalization as a local process*, London etc.
Vertovec, Steven and Cohen, Robin (eds), 1999, *Migration, Diasporas and Transnationalism, Northhampton*, Massachusetts
'Iconic Remembering and Religious Icons: Fundamentalist Strategies in European Memory Politics?' in Strath, Bo and Pakier, Gosia (eds), A European Memory? Contested Histories and Politics of Remembrance (forthcoming)

* *

Convenção da UNESCO para a protecção do Património Mundial, Cultural e Natural, 1972
Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível, 17 de Outubro de 2003
Convenção da UNESCO sobre a Protecção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, 2005